

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE ARQUITETURA DE LISBOA

## **NOVOS USOS PARA O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL DO VALE DE CHELAS**

Antiga Tinturaria Portugália como Escola de Moda

Rita Sérvulo Correia Ferreira da Silva  
(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do  
grau de Mestre em Arquitetura

Orientação

Professor Doutor José Manuel Aguiar

Professor Doutor João Carlos Vassalo Santos Cabral

Júri

Presidente: Professora Doutora Inês da Silva Simões

Vogal: Professora Doutora Maria da Soledade Sousa

DOCUMENTO DEFINITIVO

LISBOA, FAUL, DEZEMBRO 2018





## **NOVOS USOS PARA O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL DO VALE DE CHELAS**

Antiga Tinturaria Portugália como Escola de Moda

Rita Sérvulo Correia Ferreira da Silva  
(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do  
grau de Mestre em Arquitetura

Orientação  
Professor Doutor José Aguiar  
Professor Doutor João Carlos Vassalo Santos Cabral

Júri  
Presidente: Professora Doutora Inês da Silva Simões  
Vogal: Professora Doutora Maria da Soledade Sousa

LISBOA, FAUL, DEZEMBRO 2018

*title título*

*subtitle subtítulo*

*student aluno*

*orientation teachers orientadores*

*jury júri*

*date data*

NOVOS USOS PARA O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL  
DO VALE DE CHELAS  
ANTIGA TINTURARIA PORTUGÁLIA  
COMO ESCOLA DE MODA

RITA SÉRVULO CORREIA FERREIRA DA SILVA  
(LICENCIADA)

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO  
DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA

PROFESSOR DOUTOR JOSÉ AGUIAR  
PROFESSOR DOUTOR JOÃO CARLOS SANTOS CABRAL

PRESIDENTE PROFESSORA DOUTORA INÊS DA SILVA SIMÕES  
VOGAL PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE SOUSA

LISBOA, FAUL, DEZEMBRO 2018

## *Agradecimentos*

Gostaria de agradecer a todos aqueles que, direta ou indiretamente, me ajudaram na realização do presente trabalho. Não sendo possível referir todos, gostaria de agradecer em especial:

Ao professor José Aguiar pela orientação e ajuda neste projeto, pela paciência e por me ter incentivado e motivado a evoluir e tentar sempre ser melhor.

Ao professor João Cabral pela disponibilidade e contributo para o meu crescimento a nível teórico.

A todos os meus amigos que me fizeram acreditar em mim, pela amizade, companheirismo, dedicação e carinho, porque direta ou indiretamente me ajudaram neste caminho. Sem vocês, chegar aqui, tinha sido bastante mais difícil.

À minha família, pelo apoio que me deram, pelos valores que me passaram e por terem acreditado em mim.

A todos o meu muito obrigada.

*Resumo*

NÚMERO DE PALAVRAS

211

PALAVRAS CHAVE

VALE DE CHELAS

TINTURARIA PORTUGÁLIA

REABILITAÇÃO

ESCOLA

MODA

A reabilitação de preexistências é uma temática central na consolidação da cidade atual, marcada pela existência de vazios urbanos e edifícios devolutos. As zonas mais afetadas por esta realidade são áreas anteriormente periféricas à cidade e agora centrais, ocupadas por complexos industriais que atualmente se encontram deslocados para a periferia. Verifica-se assim a necessidade de repensar estes lugares, testemunhos de uma era industrial.

Perante o olhar crítico sobre estes lugares marcados pelo abandono das fábricas, o presente trabalho estuda a necessidade de reutilização de espaços devolutos em Lisboa, com foco nos complexos industriais do vale de Chelas. É perceptível neste território a presença de um vasto património de cariz industrial, que apesar da sua importância histórica e valor arquitetónico se encontra em degradação, contribuindo para a sua desintegração.

Identificada esta problemática, pretende-se com este trabalho a consolidação, à escala urbana, do vale de Chelas, procurando um novo sentido para a ligação entre a parte a norte do vale e o rio Tejo. Formalizando uma proposta de reutilização e reconversão das antigas instalações do complexo Tinturaria Portuguesa, o projeto trata as preexistências do antigo complexo industrial, valorizando a sua memória industrial têxtil, bem como atribuindo a este edifício uma nova estrutura. Possibilita-se, assim, a reinterpretação do que são espaços criativos ligados à cidade contemporânea.

*Abstract*

NUMBER OF WORDS

224

KEY-WORDS

VALE DE CHELAS  
TINTURARIA PORTUGÁLIA  
REHABILITATION  
SCHOOL  
FASHION



The rehabilitation of pre-existences, is a central theme in the consolidation of the present city, often marked by the existence of empty urban spaces and empty buildings. The areas most affected by this abandonment are areas, formerly peripheral and now central, occupied by industrial complexes that are now displaced to the periphery of cities. This is thus an urban question to be solved.

Given the critical view on these spaces affected by the abandonment of the factories, the present work studies the need for reuse of empty spaces in Lisbon, more concretely of industrial spaces in the valley of Chelas. In this territory, the presence of a vast patrimony of an industrial nature, which, despite its historical importance and architectural value, is degraded, contributes to the disintegration of the urban fabric.

Inserted in this reality, this work intends the consolidation, in urban scale, of the valley of Chelas, looking for a new sense for the connection between the north part of the valley and the Tagus river. Formalizing a proposal for the reuse and conversion of the old facilities of the Portugália Tinturaria complex, the project takes place on the pre-existing industrial complex, enhancing its industrial textile memory, as well as complementing this building with a new structure. This will enable the reinterpretation of what are creative spaces linked to the current city.



## *Índice*

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2. ENQUADRAMENTO TEMÁTICO</b>	<b>15</b>
2.1. Património industrial	17
2.1.1. Princípios e conceitos	19
2.1.2. Edifícios industriais	22
2.1.3. Indústria têxtil	29
2.2. Conservação e reabilitação do património industrial	35
2.2.1. Valorização e reconversão de espaços industriais	37
2.3. Exemplos de referência	45
2.3.1. SESC Pompeia, São Paulo	48
2.3.2. Factory of Porre, Ghent	54
2.3.3. Nave 16 Matadero, Madrid	60
2.3.4. Fundação Robinson, Portalegre	66
2.3.5. Fábrica de Santo Thyrsó, Porto	72
2.4. Síntese	79
<b>3. INDUSTRIA NO VALE DE CHELAS</b>	<b>83</b>
3.1. Projeto “Corredor Verde Oriental” - NPK	90
3.2. Tinturaria Portugália	96
3.2.1. Materiais e sistemas construtivos	104
3.2.2. Situação atual	107
<b>4. PROJETO DE RECONVERSÃO</b>	<b>113</b>
4.1. O conceito	115
4.2. O programa	119
4.3. A intervenção	123
4.3.1. Materialidade e sistemas construtivos	137
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>143</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA</b>	<b>151</b>
<b>7. ANEXOS</b>	<b>159</b>



## *Índice de Imagens*

<b>01. VISTA DO CEMITÉRIO DE S. JOÃO - TINTURARIA PORTUGÁLIA</b>	<b>2</b>
Fotografia da autora	
<b>02. FACHADA OESTE - TINTURARIA PORTUGÁLIA</b>	<b>3</b>
Fotografia da autora	
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	
<b>03. FOTOGRAFIA PANORÂMICA SOBRE O RIO TEJO</b>	<b>12</b>
in Arquivo Municipal de Lisboa	
<b>2. ENQUADRAMENTO TEMÁTICO</b>	
<b>04. CHAMINÉ DA ANTIGA FÁBRICA SAMARITANA NO VALE DE CHELAS</b>	<b>16</b>
Fotografia da autora	
<b>05. FOTOGRAFIA AÉREA SOBRE O POÇO DO BISPO</b>	<b>18</b>
in Arquivo Municipal de Lisboa	
<b>06. INTERIOR DA FÁBRICA DE TURBINAS AEG</b>	<b>20</b>
in <a href="http://oldberlin.tumblr.com/image/44799355600">http://oldberlin.tumblr.com/image/44799355600</a>	
<b>07. VISTA SOBRE O VALE DE CHELAS PARA XABREGAS</b>	<b>23</b>
in Biblioteca Municipal de Lisboa	
<b>08. EDIFÍCIO DAS MOAGENS DO CARAMUJO</b>	<b>25</b>
in <a href="https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2018/03/a-povoacao-do-caramujo-na-decada-1900.html">https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2018/03/a-povoacao-do-caramujo-na-decada-1900.html</a>	
<b>09. FÁBRICA/ADEGA ABEL PEREIRA DA FONSECA</b>	<b>25</b>
in <a href="http://lisboadeantigamente.blogspot.com/2017/12/edificio-abel-pereira-da-fonseca.html">http://lisboadeantigamente.blogspot.com/2017/12/edificio-abel-pereira-da-fonseca.html</a>	
<b>10. FACHADA PRINCIPAL FÁBRICA/ADEGA ABEL PEREIRA DA FONSECA</b>	<b>25</b>
in <a href="http://ruinarte.blogspot.com/2009/11/sociedade-comercial-abel-pereira-da.html">http://ruinarte.blogspot.com/2009/11/sociedade-comercial-abel-pereira-da.html</a>	
<b>11. FACHADA SUL FÁBRICA/ADEGA ABEL PEREIRA DA FONSECA</b>	<b>25</b>
in <a href="https://lh3.googleusercontent.com/-OSK-4q_09jQ/N3VC7PMqanI/AAAAAABYFQ/BNHyc6ZgT8/s1600-h/Abel.4%25255B5%25255D.jpg">https://lh3.googleusercontent.com/-OSK-4q_09jQ/N3VC7PMqanI/AAAAAABYFQ/BNHyc6ZgT8/s1600-h/Abel.4%25255B5%25255D.jpg</a>	
<b>12. EXTERIOR DA FÁBRICA DE TURBINAS AEG</b>	<b>27</b>
Fotografia da autora	
<b>13. INTERIOR DE UMA INDUSTRIA DE TINTURARIA DE TECIDOS</b>	<b>30</b>
in Arquivo Municipal de Lisboa	
<b>14. INTERIOR DE UMA INDUSTRIA TEXTIL</b>	<b>30</b>
in Arquivo Municipal de Lisboa	

<b>15. VALE DE CHELAS, SÉC. XX</b>	<b>34</b>
Arquivo Municipal de Lisboa	
<b>16. INTERIOR DA NAVE PRINCIPAL DO EDIFÍCIO TINTURARIA PORTUGÁLIA</b>	<b>37</b>
Fotografia da autora	
<b>17. TATE MODERN</b>	<b>40</b>
in <a href="https://2.bp.blogspot.com/-pjwnXGbwou8/V31z1EpDbfI/AAAAAAAAAmw/jpxMKRzHtrUKOSRTObV2VCVAjSlrxVPzQCLcB/s1600/portada.jpg">https://2.bp.blogspot.com/-pjwnXGbwou8/V31z1EpDbfI/AAAAAAAAAmw/jpxMKRzHtrUKOSRTObV2VCVAjSlrxVPzQCLcB/s1600/portada.jpg</a>	
<b>18. MUSEU DA ELETRICIDADE</b>	<b>40</b>
in <a href="https://www.fundacaoedp.pt/pt/conteudo/press#nogo">https://www.fundacaoedp.pt/pt/conteudo/press#nogo</a>	
<b>19. INTERIOR DO CORPO CENTRAL DA ANTIGA COMPANHIA DE FIAÇÃO E TECIDOS LISBONENSE</b>	<b>42</b>
in <a href="http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71938/">http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71938/</a>	
<b>20. PLANTA DO PISO TÉRREO DA LX FACTORY</b>	<b>43</b>
in "Património Industrial em Portugal. Inclusão do Passado em Projetos Contemporâneos" (tese de Douturamento, FA UL, 2012)	
<b>21. EDIFÍCIO PRINCIPAL DA LX FACTORY</b>	<b>43</b>
Fotografia de Miguel da Silva in "Património Industrial em Portugal. Inclusão do Passado em Projetos Contemporâneos" (tese de Douturamento, FA UL, 2012)	
<b>22. NAVE PRINCIPAL SESC POMPEIA</b>	<b>48</b>
in <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/52797c0ae8e44e865400007b-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-foto">https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/52797c0ae8e44e865400007b-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-foto</a>	
<b>23. ENTRADA PRINCIPAL DO EDIFÍCIO SESC POMPEIA</b>	<b>49</b>
in <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/52797b7ce8e44e879c000064-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-foto">https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/52797b7ce8e44e879c000064-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-foto</a>	
<b>24. PLANTA DO PISO TÉRREO DO CONJUNTO</b>	<b>51</b>
in <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/5626eb86e58ecee6f00001d5-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-imagem">https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/5626eb86e58ecee6f00001d5-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-imagem</a>	
<b>25. SECÇÃO PELO COMPLEXO SESC POMPEIA</b>	<b>51</b>
in <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/5626eb6ce58e127a0001c9-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-imagem">https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/5626eb6ce58e127a0001c9-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-imagem</a>	
<b>26. ESPAÇO EXTERIOR DO COMPLEXO</b>	<b>53</b>
in <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/52797c01e8e44ef004000080-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-foto">https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/52797c01e8e44ef004000080-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-foto</a>	

<b>27. ESPAÇO DE LOUNGE INTERIOR</b>	<b>53</b>
in <a href="http://www.tracodarquitetura.com.br/site/noticia.php?cod=66">http://www.tracodarquitetura.com.br/site/noticia.php?cod=66</a>	
<b>28. VISTA EXTERIOR DO COMPLEXO</b>	<b>53</b>
in <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/5285f581e8e44e8e720001b2-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-foto">https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/5285f581e8e44e8e720001b2-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-foto</a>	
<b>29. PORMENOR DAS GALERIAS DO NOVO EDIFÍCIO</b>	<b>53</b>
in <a href="https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/52797bc6e8e44e8654000076-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-foto">https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/52797bc6e8e44e8654000076-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-foto</a>	
<b>30. ESTRUTURAS EXISTENTES NO PARQUE URBANO DE GHENT</b>	<b>54</b>
in <a href="https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&amp;slide=8">https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&amp;slide=8</a>	
<b>31. PARQUE URBANO DE GHENT</b>	<b>55</b>
in <a href="https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&amp;slide=6">https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&amp;slide=6</a>	
<b>32. COMPLEXO ANTES DA INTERVENÇÃO</b>	<b>57</b>
in <a href="https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&amp;slide=12">https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&amp;slide=12</a>	
<b>33. ESTRUTURA METÁLICA DE APOIO AO PARQUE</b>	<b>57</b>
in <a href="https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&amp;slide=4">https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&amp;slide=4</a>	
<b>34. ESTRUTURA METÁLICA ENVOLVENTE DA ANTIGA TURBINA DE VAPOR</b>	<b>57</b>
in <a href="https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&amp;slide=9">https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&amp;slide=9</a>	
<b>35. VISTA GERAL DO PARQUE URBANO</b>	<b>59</b>
in <a href="https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&amp;slide=0">https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&amp;slide=0</a>	
<b>36. VISTA GERAL DO PARQUE URBANO</b>	<b>59</b>
in <a href="https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&amp;slide=5">https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&amp;slide=5</a>	
<b>37. ZONA DE ENTRADA</b>	<b>60</b>
in <a href="https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-105564/nave-16-matadero-madrid-ica-arquitetura/512b76d2b3fc4b11a700b99d-nave-16-matadero-madrid-ica-arquitetura-imagen">https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-105564/nave-16-matadero-madrid-ica-arquitetura/512b76d2b3fc4b11a700b99d-nave-16-matadero-madrid-ica-arquitetura-imagen</a>	
<b>38. ENTRADA E ESTRUTURA DE ELEMENTOS MÓVEIS NO INTERIOR</b>	<b>61</b>
in <a href="https://www.flickr.com/photos/mataderomadrid/5775320861/in/album-72157626482218796/">https://www.flickr.com/photos/mataderomadrid/5775320861/in/album-72157626482218796/</a>	

<b>39. PLANTA NAVE 16 MATADERO</b>	<b>63</b>
in <a href="https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-209303/nave-16-inaqui-carnicero-arquitectur">https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-209303/nave-16-inaqui-carnicero-arquitectur</a>	
<a href="https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-209303/nave-16-inaqui-carnicero-arquitectur">a/50aa9f1ab3fc4b0b5400004f-hangar-16-inaqui-carnicero-architecture-image</a>	
<b>40. SECÇÃO LONGITUDINAL</b>	<b>63</b>
in <a href="https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-209303/nave-16-inaqui-carnicero-arquitectur">https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-209303/nave-16-inaqui-carnicero-arquitectur</a>	
<a href="https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-209303/nave-16-inaqui-carnicero-arquitectur">a/50aa9f17b3fc4b0b5400004d-hangar-16-inaqui-carnicero-architecture-image</a>	
<b>41. ALÇADO PRINCIPAL</b>	<b>63</b>
in <a href="https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-209303/nave-16-inaqui-carnicero-arquitectur">https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-209303/nave-16-inaqui-carnicero-arquitectur</a>	
<a href="https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-209303/nave-16-inaqui-carnicero-arquitectur">a/50aa9f4eb3fc4b0b54000053-hangar-16-inaqui-carnicero-architecture-image</a>	
<b>42. INTERIOR NAVE 16 MATADERO</b>	<b>65</b>
in <a href="https://www.flickr.com/photos/mataderomadrid/5775302963/in/">https://www.flickr.com/photos/mataderomadrid/5775302963/in/</a>	
<a href="https://www.flickr.com/photos/mataderomadrid/5775302963/in/">album-72157626482218796/</a>	
<b>43. ESTRUTURA FLÉXIVEL PARA A CRIAÇÃO DE ESPAÇOS</b>	<b>65</b>
in <a href="https://www.flickr.com/photos/mataderomadrid/5775287173/in/">https://www.flickr.com/photos/mataderomadrid/5775287173/in/</a>	
<a href="https://www.flickr.com/photos/mataderomadrid/5775287173/in/">album-72157626482218796/</a>	
<b>44. PRÉEXISTÊNCIA DO MATADERO</b>	<b>65</b>
in <a href="https://www.flickr.com/photos/mataderomadrid/5775883996/in/">https://www.flickr.com/photos/mataderomadrid/5775883996/in/</a>	
<a href="https://www.flickr.com/photos/mataderomadrid/5775883996/in/">album-72157626482218796/</a>	
<b>45. ESPAÇO CULTURAL MULTIUSOS E ESTACIONAMENTO</b>	<b>66</b>
in <a href="http://www.correiaragazzi.com/estacionamiento-espao-robinson?image#3">http://www.correiaragazzi.com/estacionamiento-espao-robinson?image#3</a>	
<b>46. FOTOMONTAGEM DO PROJETO</b>	<b>67</b>
in <a href="http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,6,106.aspx">http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,6,106.aspx</a>	
<b>47. ESTRATÉGIA DE ORDENAMENTO ESPAÇO ROBINSON</b>	<b>69</b>
in <a href="http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,6,106.aspx">http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,6,106.aspx</a>	
<b>48. PLANTA ESQUEMÁTICA DO PROJETO</b>	<b>69</b>
in <a href="http://hicarquitectura.com/2012/09/souto-de-moura-graca-correia-reconversion-of-the-robinson-factory-and-space/">http://hicarquitectura.com/2012/09/souto-de-moura-graca-correia-reconversion-of-the-robinson-factory-and-space/</a>	
<b>49. SECÇÕES PELO PROJETO</b>	<b>69</b>
in <a href="http://hicarquitectura.com/2012/09/souto-de-moura-graca-correia-reconversion-of-the-robinson-factory-and-space/">http://hicarquitectura.com/2012/09/souto-de-moura-graca-correia-reconversion-of-the-robinson-factory-and-space/</a>	
<b>50. FOTOMONTAGEM DO INTERIOR DO CONJUNTO</b>	<b>71</b>
in <a href="http://hicarquitectura.com/2012/09/souto-de-moura-graca-correia-reconversion-of-the-robinson-factory-and-space/">http://hicarquitectura.com/2012/09/souto-de-moura-graca-correia-reconversion-of-the-robinson-factory-and-space/</a>	
<b>51. FOTOMONTAGEM PELO EXTERIOR DO ESPAÇO ROBINSON</b>	<b>71</b>
in <a href="http://hicarquitectura.com/2012/09/souto-de-moura-graca-correia-reconversion-of-the-robinson-factory-and-space/">http://hicarquitectura.com/2012/09/souto-de-moura-graca-correia-reconversion-of-the-robinson-factory-and-space/</a>	
<b>52. FOTOMONTAGEM DO ESPAÇO ROBINSON</b>	<b>71</b>
in <a href="http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,6,106.aspx">http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,6,106.aspx</a>	



**53. ZONA EXTERIOR ENTRE A INCUBADOURA DE NEGÓCIOS E A NAVE CULTURAL** 72

in <http://www.blog.anapina.com/2013/07/fabrica-de-santo-thyrso-deutscher.html>

**54. FACHADA PRINCIPAL DO COMPLEXO** 73

in <http://www.fabricasantothyso.pt/pt/espaco/fabrica-santo-thyrso/conceito>

**55. PLANTA ESQUEMÁTICA DA FÁBRICA DE SANTO THYRSO** 75

in "Repensar a Fábrica. Proposta de Reconversão para a Antiga Fábrica Vulcano e Collares na Boavista (Tese de Mestrado, FA UL, 2016)

**56. PLANTA DA FÁBRICA DE SANTO THYRSO** 75

in <https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent#lg=1&slide=12>

**57. NAVE CULTURAL DA FÁBRICA** 77

in <http://www.blog.anapina.com/2013/07/fabrica-de-santo-thyrso-deutscher.html>

**58. ZONA EXTERIOR ENTRE A INCUBADOURA DE NEGÓCIOS E A NAVE CULTURAL** 77

in <http://www.blog.anapina.com/2013/07/fabrica-de-santo-thyrso-deutscher.html>

**59. DESFILE REALIZADO NA ZONA DA INCUBADOURA DE MODA E DESIGN** 77

in <http://www.anothercollective.pt/pt/projects/santo-thyrso-2013/>

**60. PANORÂMICA QUE CARACTERIZA A RELAÇÃO COM O RIO** 80

Fotografia da autora

### 3. INDUSTRIA NO VALE DE CHELAS

**61. LEVANTAMENTO DOS EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS NA ZONA DE LISBOA** 85

Levantamento realizado pela turma 5ºB do ano letivo 2017/2018

**62. FILIPE FOLQUE - PLANTA GERAL DE LISBOA, 1854 I 1858** 86

Arquivo Municipal de Lisboa

**63. JULIO SILVA PINTO - PLANTA DA CIDADE DE LISBOA, 1904 I 1911** 87

Arquivo Municipal de Lisboa

**64. INDUSTRIA NO VALE DE CHELAS** 89

Fotografia do autor

**65. PROPOSTA URBANA PARA O VALE DE CHELAS, ANÁLISE DO PROJETO DOS NPK** 90

Proposta realizado pela turma 5ºB do ano letivo 2017/2018

**66. RUA GUALDIM PAIS** 94

Arquivo Municipal de Lisboa

<b>67. COMPLEXO INDUSTRIAL TINTURARIA PORTUGÁLIA E A SUA ENVOLVENTE</b>	<b>95</b>
Arquivo Municipal de Lisboa	
<b>68. ORTOFOTOMAPA DO CONJUNTO TINTURARIA PORTUGÁLIA</b>	<b>96</b>
Arquivo Municipal de Lisboa	
<b>69. PROJETO DE ALTERAÇÃO PARA A FÁBRICA DE LANIFÍCIOS TINTURARIA POTUGÁLIA, 1918</b>	<b>98</b>
Arquivo Municipal de Lisboa	
<b>70. PROJETO DO EDIFÍCIO DAS CALDEIRAS, 1920</b>	<b>98</b>
Arquivo Municipal de Lisboa	
<b>71. ESQUEMA DA EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO COMPLEXO</b>	<b>102</b>
Esquema da autora	
<b>72. PORMENOR DA CONSTRUÇÃO DOS VÃOS EM ARCO</b>	<b>104</b>
Fotografia da autora	
<b>73. PORMENOR DO ESTADO DE DEGRADAÇÃO DA ESTRUTURA DO PAVIMENTO</b>	<b>105</b>
Fotografia da autora	
<b>74. ESTADO DE DEGRADAÇÃO DA FACHADA A SUL</b>	<b>106</b>
Fotografia da autora	
<b>75. ESTADO DE DEGRADAÇÃO DO INTERIOR DO EDIFÍCIO PRINCIPAL</b>	<b>106</b>
Fotografia da autora	
<b>76. ESTADO DA FACHADA ESTE DO EDIFÍCIO</b>	<b>107</b>
Fotografia da autora	
<b>77. FACHADA NORTE COM DESTAQUE DA CHAMINÉ INSERIDA DENTRO DO EDIFÍCIO</b>	<b>108</b>
Fotografia da autora	
<b>78. FACHADA NORTE DO EDIFÍCIO TINTURARIA PORTUGÁLIA</b>	<b>110</b>
Fotografia da autora	
 <b>4. PROJETO DE RECONVERSÃO</b>	
 <b>79. ESTADO DE DEGRADAÇÃO DA FACHADA PRINCIPAL DA TINTURARIA</b>	<b>114</b>
Fotografia da autora	
<b>80. ESQUIÇOS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A TINTURARIA PORTUGÁLIA</b>	<b>116</b>
Esquiços da autora	
<b>81. VISTA DO CEMITÉRIO DE S.JOÃO PARA A TINTURARIA PORTUGÁLIA</b>	<b>118</b>
Fotografia da autora	

<b>82. PÁTIO ENTRE AS DUAS NAVES QUE CONSTITUEM O EDIFÍCIO PRINCIPAL</b>	<b>122</b>
Fotografia da autora	
<b>83. PLANTA DAS DEMOLIÇÕES PROPOSTAS E DO EDIFICADO A MANTER</b>	<b>124</b>
Desenho da autora	
<b>84. ESQUEMA DA IDENTIFICAÇÃO DA ESTRADA DE CHELAS EM RELAÇÃO AO PROJETO</b>	<b>126</b>
Desenho da autora	
<b>85. ESTADO ATUAL DA ESTRADA DE CHELAS</b>	<b>127</b>
Fotografia da autora	
<b>86. ESQUIÇO DA ESTRUTURA EXTERIOR DE DESFILES</b>	<b>129</b>
Desenho da autora	
<b>87. PLANTA DO PISO TÉRREO</b>	<b>132</b>
Desenho da autora	
<b>88. SECÇÃO LONGITUDINAL PELA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO, ESC. 1:750</b>	<b>134</b>
Desenho da autora	
<b>89. ESTADO DE DEGRADAÇÃO DA PARTE INTERIOR DO EDIFÍCIO</b>	<b>136</b>
Fotografia da autora	
<b>90. ALÇADO ESTE DA PROPOSTA, ESC. 1:750</b>	<b>138</b>
Desenho da autora	
<b>91. SECÇÃO TRANSVERSAL PELA PROPOSTA, ESC. 1:750</b>	<b>138</b>
Desenho da autora	



01. VISTA DO CEMITÉRIO DE S.JOÃO -  
TINTURARIA PORTUGÁLIA



02. FACHADA OESTE - TINTURARIA  
PORTUGÁLIA



# 1

## INTRODUÇÃO





## INTRODUÇÃO AO TEMA

As cidades encontram-se marcadas por diferentes e sucessivas camadas do tempo, pelas constantes mudanças e necessidades das populações, levando a que estas se alterem de forma a dar resposta às carências do momento. No caos dos espaços em que se inserem os edifícios industriais, são estes, de certa forma, os que mais sofreram com todo o processo de transformação.

O presente trabalho desenvolve uma reflexão sobre o património industrial, compreendido entre o centro da cidade de Lisboa e o seu limite oriental, passando pelo Vale de Chelas, assim como uma análise e requalificação das preexistências do antigo conjunto industrial Tinturaria Portugália, que se encontra compreendido entre o Alto de S. João e o Alto da Madre Deus.

A reutilização de espaços industriais, como tema, procura responder às necessidades futuras de reconversão deste património que se encontra em processo de rápida degradação, convertendo-se em sombras da cidade.

Neste cenário, desenvolve-se uma reflexão sobre o contexto urbano onde se insere o edifício Tinturaria Portugália, integrando-o na envolvente através da sua requalificação. Procura-se promover novas centralidades e possibilitar que estes locais, que permaneceram durante anos caídos no esquecimento, voltem a adquirir potencialidade urbana.

## OBJETIVOS

O projeto procura dar continuidade ao trabalho desenvolvido na cadeira de Laboratório de projeto VI, tendo como área o Vale de Chelas e a linha do Oriente.

O desenvolvimento deste projeto foca-se na reabilitação e reconstrução do edificado da antiga fábrica Tinturaria Portugália, através da memória do que esta foi para a identidade local e, ao mesmo tempo, explora novas formas de qualificar o espaço urbano.

Numa primeira fase, foi elaborada uma proposta urbana que tem em linha de conta o projeto dos NPK (caminho verde oriental), através da reinterpretação do mesmo e da consolidação do território, promovendo a ligação entre o espaço público e o edificado.

Esta zona da cidade de Lisboa encontra-se desprovida de espaços públicos de qualidade, sendo uma área bastante degradada onde encontramos edifícios industriais devolutos, habitação operária degradada, justaposição de infraestruturas, etc. Não estão criadas as condições para a vinda de novos habitantes que aqui se radiquem.

A proposta urbana é desenvolvida de maneira a que se alie uma rede de percursos a jardins e espaços públicos de qualidade, potenciando a relação e proximidade da população e promovendo uma nova centralidade nesta zona de Lisboa.

Partindo deste olhar crítico, a antiga estrada de Chelas, adjacente ao edifício da Tinturaria, atravessa todo o Vale ligando-o ao rio Tejo. Esta encontra-se descaracterizada, servindo apenas como eixo de passagem. Através da criação de uma nova estrutura edificada e da reabilitação da existente, pretende-se devolver o carácter de rua como espaço público qualificado.

O projeto arquitetónico tem como ponto de partida as preexistências da antiga fábrica Tinturaria Portugália, reutilizando este espaço e completando-o com novas construções, de forma a valorizar todo o complexo.

Tem-se como ponto de partida a memória do que foi um dia aquele espaço, propondo a criação de uma escola ligada à indústria têxtil e do vestuário, recriando o processo industrial e artesanal que foi um marco no desenvolvimento desta área da cidade de Lisboa.

O projeto procura contrariar o envelhecimento da população, atraindo novas faixas etárias, novas mentalidades e formas de estar, trazendo ainda pessoas do exterior a visitar e habitar esta zona.

Os principais objetivos do projeto encontram-se, portanto, associados a três aspetos: a requalificação do espaço urbano, a memória da antiga Tinturaria Portugália e a atração de população jovem para esta zona da cidade.

## ESTRUTURA E METODOLOGIA

Do projeto final de mestrado constam duas componentes que foram desenvolvidas em simultâneo: uma componente de investigação e outra projetual. Para ser possível desenvolver estas em paralelo, foi necessário criar uma metodologia de forma a construir uma linha de pensamento lógica e coerente ao longo de todo o processo.

Ler e analisar o território foi o ponto de partida deste trabalho. Foi realizado um levantamento de forma a compreender o local de intervenção, através da análise dos planos existentes, tais como o Plano Diretor Municipal e o Plano de Pormenor, bem como a análise da cartografia histórica e de outras propostas para o local.

Em paralelo, foi realizada uma análise crítica do lugar, por forma a verificar as carências da zona, bem como os seus aspetos positivos e foram avaliados os diferentes tipos de infraestruturas já existentes.

Em paralelo, foi também desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, com base nos princípios de intervenção para o local, bem como a compreensão dos conceitos chave e dos conhecimentos relacionados com o tema.

Aqui, foram identificados os principais conceitos a serem desenvolvidos ao longo do trabalho: o património industrial, a indústria têxtil e do vestuário, o património e a reabilitação de edifícios industriais.

Os casos de estudo são também um ponto importante no desenvolvimento do trabalho, tendo sido analisados ao longo de todo o processo. A escolha destes foi feita de forma a encontrar diferentes abordagens para a definição de um paralelismo entre estes e a Tinturaria Portugal.

De seguida, foi elaborado um programa que respondesse às necessidades que foram encontradas ao analisar o local e a história do edifício, compatibilizando-o com as características e requisitos base para a criação de uma escola de moda, tirando partido do espaço e da memória daquilo que o edifício foi um dia.

A fase de projeto foi realizada em duas etapas: a proposta urbana e posteriormente a proposta arquitetónica, procurando uma solução que melhor representasse o pensamento crítico do local. Este campo foi desenvolvido em diferentes escalas, através do desenho de elementos distintos e da realização de esboços e maquetes que ajudaram ao desenvolvimento do projeto.

Por último, foi feita uma síntese de todo o processo de trabalho, onde foi elaborada uma explicação crítica dos objetivos atingidos, sintetizando os resultados obtidos em projeto.







03. FOTOGRAFIA PANORÂMICA SOBRE O RIO TEJO





# 2

## ENQUADRAMENTO TEMÁTICO

PATRIMÓNIO INDUSTRIAL | REABILITAÇÃO | RECONVERSÃO



04. CHAMINÉ DA ANTIGA FÁBRICA  
SAMARITANA NO VALE DE CHELAS

## 2.1. PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

*“A ‘fábrica’ é o lugar redundante onde a estética moderna encontra o próprio programa moderno, nada tem de ‘natural’, ou enraizado no tempo, como a habitação, a igreja, ou o cemitério. A ‘fabrica’ é um objeto destinado a cair, ou a permanecer como uma ruína da modernidade. Por isso faz sentido falar de património quando se fala de edifícios industriais.”<sup>1</sup>*

Em 1931, foi elaborada a Carta de Atenas do Restauro, o primeiro documento que definia como se deveria intervir em edifícios com estas características específicas.

Em termos históricos, em 1946, no final da segunda guerra mundial, os ingleses abordaram pela primeira vez o conceito de património industrial, associado à revolução industrial que decorreu no séc. XVIII.

Posteriormente, em 1964, foi redigida a Carta de Veneza, que referia deverem ser os edifícios industriais com características históricas preservados e considerados monumentos. Existiram ainda outras cartas que foram elaboradas, assentes na ideia da conservação destes edifícios quando classificados como património.

---

<sup>1</sup> FIGUEIRA, Jorge; MILHEIRO, Ana Vaz. *O Fim da fábrica, o início da ruína – A Arquitetura da Indústria 1925-1965*. Ed. Barcelona: Fundação Docomomo Ibérico, 2005 (p.92)

Porém, Françoise Choay refere a excessiva preocupação que existe com o passado, pois pode criar o problema da definição de uma cidade museu dissociada da ideia de um lugar em constante mutação. Por isso, ao projetar sobre a preexistência de um edifício, devemos pensar não só na sua história enquanto edificado, mas também na memória que este nos traz, das vivências e do ambiente que ali existiu um dia.



05. FOTOGRAFIA AÉREA SOBRE O POÇO DO BISPO

Isto levanta diversas questões iniciais acerca do complexo industrial a ser estudado, a Tinturaria Portugália e da sua conservação: poderá ser este complexo considerado património industrial? Valerá a pena realizar um projeto de reabilitação e reconversão em vez de se projetar um novo edifício?

Estas são as questões de partida, que têm de ser abordadas na parte inicial do projeto.

#### 2.1.1. PRINCÍPIOS E CONCEITOS

*“Património. Esta bela e muito antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo.”<sup>2</sup>*

▮Património Industrial▮ é um conceito que tem de ser enquadrado no conceito de Património Cultural apesar de, como tal, por ser raramente reconhecido e explorado em Portugal. O conceito de património industrial defende e aprofunda os valores e os significados históricos de certos edifícios, como um testemunho na definição do local. Conseguimos encontrar os seus fundamentos na Lei de Bases do Património Cultural Português (Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro)<sup>3</sup>.

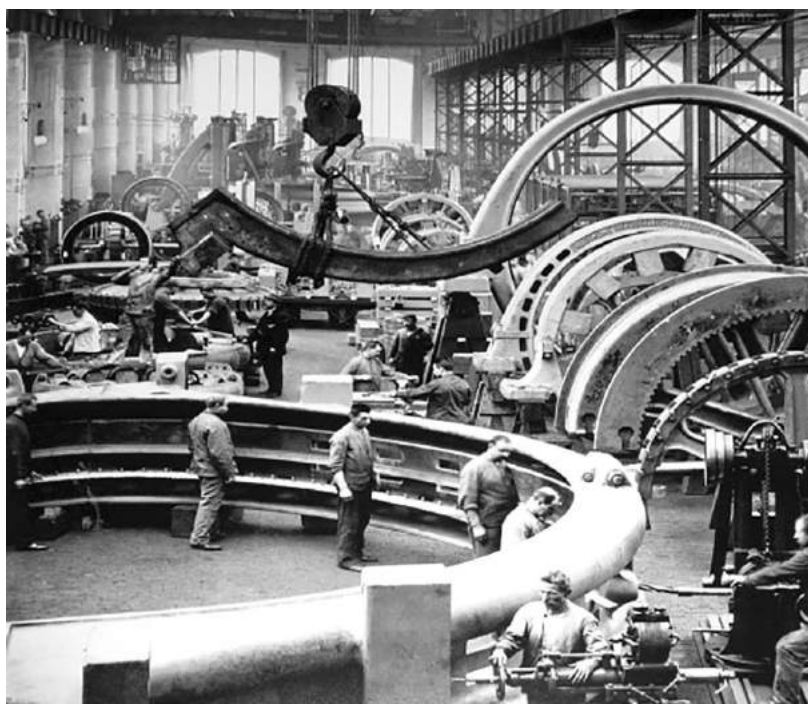
---

<sup>2</sup> CHOAY, Françoise, trad: CASTRO, Teresa. *A alegoria do património*. Lisboa: Edições 70, 2010 (p.11)

<sup>3</sup> Disponível em: [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=844&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=844&tabela=leis)

Para entender a fábrica na estrutura urbana das cidades é necessário compreender a sua origem e a sua implantação no espaço urbano da cidade industrial. Fábrica, segundo o Dicionário de Língua Portuguesa, é uma “ (...) empresa destinada à transformação ou conservação de matérias-primas ou à transformação de produtos semifinais em produtos finais (...)”<sup>4</sup>. Ou seja, entende-se como fábrica uma tipologia arquitetônica distinta que satisfaz princípios de produção e trabalho, tendo como principal característica acomodar pessoas e máquinas com o intuito de processar bens e matérias necessários à vida contemporânea.

Com a revolução industrial e o progresso tecnológico, exploraram-se novas fontes de energia, as manufaturas deram lugar às fábricas modernas, cujos processos de fabrico, requeriam exigentes níveis de funcionalidade, exigindo alterações ao nível da organização dos espaços e enquadramento da força de trabalho.



06. INTERIOR DA FÁBRICA DE TURBINAS  
AEG

4 *Dicionário de Língua portuguesa*. Porto: Porto editora, 2017

O processo de industrialização implicou, no início do século XIX, grandes desafios em matéria de planeamento urbano das cidades europeias, procurando responder a uma nova fragmentação do território, de modo a integrar os complexos industriais e os seus elementos de apoio, nomeadamente, as vilas operárias.

O rápido desenvolvimento tecnológico e a alteração dos ciclos de industrialização provocaram profundas alterações nas paisagens urbanas, caracterizando estes territórios como “(...) desequilibrados e em dispersão física, social e funcional (...)”<sup>5</sup>.

Os complexos industriais agora desativados representam uma parte devoluta da cidade, que contamina a imagem e a qualidade de vida destes locais. Estas infraestruturas tornam-se, hoje em dia, ótimas oportunidades para a requalificação urbana destas áreas.

Cada complexo requer uma solução de intervenção diferente de forma a satisfazer as necessidades da população, mas também as necessidades arquitetónicas e urbanísticas no tratamento do património industrial. Em Portugal, são inúmeros os casos de projetos de intervenção em património industrial que puderam promover uma nova vida para estas zonas que se encontravam devolutas pela passagem do tempo.

Os complexos industriais são um dos elementos que compõem a estrutura urbana de uma cidade. Segundo o dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora entende-se por indústria “(...) a atividade económica que se baseia numa técnica dominada, em geral, pela presença de máquinas ou mecanismos, para transformar matérias primas em bens de produção e de consumo (...)”<sup>6</sup>, ou seja, a indústria requer meios logísticos de mobilidade de pessoas e materiais, para o processo de transformação das matérias.

---

<sup>5</sup> REIS, Bruna Marisa Carreira – *Marvila, memória industrial: A fábrica como equipamento coletivo e cultural*. Lisboa: FA, 2015. Trabalho de final de Mestrado (p. 21)

<sup>6</sup> *Dicionário de Língua portuguesa*. Porto: Porto editora, 2017

Em Portugal, estas estruturas industriais foram surgindo sem grande controlo regendo-se apenas por aquelas que eram as necessidades de crescimento, não havendo qualquer preocupação com o desenho urbano.

A cidade ganha, assim, uma nova imagem projetada pelas composições arquitetónicas das indústrias que constituem agora elementos marcantes na cidade.

#### 2.1.2. EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS

*“Apesar de em Portugal se ter processado uma industrialização tardia e escassa, ao longo de Novecentos, a arquitetura dos espaços industriais foi mesmo assim significativa, vista no quadro conjunto do nosso património arquitetónico – contando com inúmeros exemplos qualificados e já hoje com significado histórico.”<sup>7</sup>*

A indústria transformadora em Portugal, em 1910, ocupava cerca de 21% da população ativa aumentando gradualmente para 25% em 1930. A indústria é, neste tempo e contexto, globalmente pouco importante na produção de riqueza para o país, pois na sua grande maioria dava emprego a artesãos.<sup>8</sup>

A indústria era neste tempo servida por tecnologias atrasadas para a época, localizando-se perto das fontes de energia, em zonas dispersas por todo o país. As energias eram a água para as indústrias têxteis, do papel e da lã, e a lenha para a indústria do vidro e cerâmicas.

---

<sup>7</sup> FERNANDES, José Manuel. *Arquitetura e Indústria em Portugal no século XX*. Lisboa: SECIL. 2003 (p. 7)

<sup>8</sup> FERNANDES, José Manuel. *Arquitetura e Indústria em Portugal no século XX*. Lisboa: SECIL. 2003 (p. 21)



Apesar deste atraso, a indústria portuguesa, conseguia satisfazer as necessidades do mercado interno e das colónias,<sup>9</sup> em áreas como os têxteis, madeira e mobiliário. Estas indústrias desempenharam assim, um papel significativo na economia do país e na concentração material, humana e social ao redor de Lisboa.

Nesta época, há que realçar na vertente exportadora a indústria piscícola, sendo notável o crescimento das conserveiras.

Com a revolução industrial, foram introduzidas novas fontes de energia e uma nova tecnologia. As manufaturas foram substituídas pelas indústrias modernas. Foi assim, necessária a criação de novos espaços, mais amplos e flexíveis, para albergar as indústrias, pois até aqui todo o processo era feito de forma artesanal em oficinas, pouco espaçosas.



07. VISTA SOBRE O VALE DE CHELAS PARA XABREGAS

<sup>9</sup> FERNANDES, José Manuel. *Arquitetura e Indústria em Portugal no século XX*. Lisboa: SECIL, 2003 (p. 22)

A revolução industrial introduziu, também, alterações significativas na sociedade e no consumo. A arquitetura industrial assumiu uma influência direta na Arquitetura Moderna, incorporando conceitos tais como o da habitação coletiva, que procurava novas soluções para a crescente população das cidades. Com efeito, surgiu a consciencialização da necessidade de criação de infraestruturas de apoio aos trabalhadores destas indústrias e das suas famílias assim nascendo as primeiras vilas operárias, um conjunto de habitações coletivas onde se desenvolveram novas relações sociais e de trabalho.

Da revolução industrial, resultaram conceitos como o da simplificação e modelação na arquitetura e na indústria, sendo estes os principais fundamentos para a criação do movimento da arquitetura moderna.

O advento do betão vai adequar-se às necessidades apoiar-se quer da indústria da construção, privada e estatal, fundamentando a produção em larga escala de cimento nacional e a importação do aço.

De facto, o betão armado vai torna-se um elemento importante na arquitetura industrial. Um exemplo desta fase é o edifício das Moagens do Caramujo (1898), uma obra pioneira para a época. Encontramos um bloco de seis pisos com 27m de altura, uma modulação com pilares e vigas aparentes nas fachadas. É, ainda, o caso da Fábrica/adega da “Abel Pereira da Fonseca” em Marvila, um edifício integralmente em estrutura de betão, com 3 pisos e uma claraboia superior; na fachada, podemos encontrar dois grandes painéis circulares em ferro e vidro.

Após a revolução industrial, a arquitetura industrial alterou-se circunstancialmente, definindo-se pela utilização do ferro, o elemento mais significativo neste tipo de edifícios.



- 08. EDIFÍCIO DAS MOAGENS DO CARAMUJO
- 09. FÁBRICA/ADEGA ABEL PEREIRA DA FONSECA
- 10. FACHADA PRINCIPAL FÁBRICA/ADEGA ABEL PEREIRA DA FONSECA
- 11. FACHADA SUL DA FÁBRICA/ADEGA ABEL PEREIRA DA FONSECA

A aplicação de ferro nas estruturas e nos elementos decorativos de inspiração de Arte Nova é evidente em certos edifícios da arquitetura da indústria têxtil, como é o caso da “Fabrica de Malhas Simão em Benfica”. Atualmente, podemos apenas encontrar a fachada do edifício. Existe, porém, um projeto para a adaptação do espaço interior, agora em ruínas, para habitação e comércio. Outro exemplo é a fábrica de tecidos “Sociedade Algodoeira de Fomento Colonial” (1889) em São Domingos de Benfica, esta associada ao “bairro operário Grandella”.<sup>10</sup>

No início do século XX, os edifícios industriais passam a refletir, portanto, aquilo que são os processos de produção, de forma a satisfazer as necessidades de funcionalidade e racionalidade do espaço, ou seja, passam a adotar novos materiais e técnicas que permitem a criação de espaços amplos, criando edifícios mais simples, desprovidos de qualquer tipo de pensamento arquitetónico.

Na Alemanha, surge pela primeira vez a ideia de criar edifícios industriais que aliem o desenho e o projeto à engenharia e à produção. “ (...) Neste contexto surge Deutscher Werkbund (1907), uma corrente liderada por um grupo de arquitetos, designers e industriais, dos quais se destacam Peter Behrens, Walter Gropius e Mies Van Der Rohe (...)”<sup>11</sup>. Este conjunto de especialistas promovia a ligação entre a arte e a técnica, entre a forma e a função.

Na arquitetura, introduziam uma normalização dos produtos e materiais utilizados, criando um maior controlo na criação de edifícios, agora mais lineares e puros. Em termos construtivos, a combinação utilizada neste tipo de arquitetura era a ligação entre o **Bruto** da estrutura em betão e o **Frágil** dos elementos envidraçados que permitiam a entrada de luz e ventilação destas grandes estruturas.

<sup>10</sup> FERNANDES, José Manuel. *Arquitetura e Indústria em Portugal no século XX*. Lisboa: SECIL. 2003

<sup>11</sup> REIS, Bruna Marisa Carreira – *Marvila, memória industrial: A fábrica como equipamento coletivo e cultural*. Lisboa: FAUL, 2015. Trabalho de final de Mestrado (p.23)

Podemos tomar como exemplo a “fábrica das turbinas da AEG” (1909), em Berlim, um projeto de Peter Behrens, que procurava refletir um espírito industrial moderno. Trata-se de um pavilhão bastante extenso com uma estrutura aparente<sup>12</sup>, onde podemos verificar que apesar da sua materialidade e desenho, os espaços satisfaziam as necessidades funcionais, racionais e de segurança. Outro exemplo de aplicação das premissas modernas é o edifício da Bahaus em Dessau, do arquiteto Walter Gropius, um projeto de 1926 onde se verifica uma relação intrínseca entre o desenho e a finalidade industrial.

Desta época encontramos ainda duas fábricas em Portugal com características da arquitetura do ferro, estas ligadas à instituição militar. A “Fábrica militar” (1916), na Rua da Tabaqueira; e a “Fábrica de Pólvora Seca de Chelas” (1898), que se encontrava ligada ao antigo Convento de Chelas.



12. EXTERIOR DA FÁBRICA DE TURBINAS AEG

<sup>12</sup> FERNANDES, José Manuel. *Arquitetura e Indústria em Portugal no século XX*. Lisboa: SECIL. 2003 (p. 140)

Na década de 1930, afirma-se uma “resistência ideológica contra o processo de modernização industrial” em Portugal, promovida pelo Estado Novo e pelas novas legislações. Apesar do processo de industrialização controlado, foram realizadas obras de arquitetura industrial de qualidade significativa, que se encontravam enquadrados na estética cultural da época.<sup>13</sup>

Os primeiros sinais de modernidade foram dados nesta época. Vai nascendo, assim, a arquitetura expressa em corpos simples expostos organicamente, assimétricos e de desenho moderno.

A arquitetura industrial com um desenho modernista em Portugal tem duas obras de necessário destaque. “A Casa da Moeda” (1934/38), de Jorge Segurado e António Varela, nas Avenidas Novas de Lisboa, este ocupando um quarteirão inteiro. E a Conserveira Algarve Exportador em Matosinhos, que também ocupa por completo um quarteirão.<sup>14</sup>

No sector da indústria têxtil e do vestuário encontramos, na Covilhã a ‘Viúva Penteada’ e a ‘Tavares e filhos lanificios’, Em São João da Madeira a Nicolau da Costa Chapéus a Fábrica de Chapéus J. Gomes de Pinho a Ariosta – Fábrica de calçado a Artefactos de Borracha – Sanjo a Fábrica SUIL e a mais famosa, a OLIVA fábrica de máquinas de costura, que tem uma arquitetura modernista de linhas bastante simples.<sup>15</sup>

No final dos anos 40 apareceram sinais de uma nova modernidade, registando-se em Portugal um significativo esforço público na edificação de equipamentos, habitação e espaços sociais, que de alguma forma complementam a indústria.

---

13 FERNANDES, José Manuel. *Arquitetura e Indústria em Portugal no século XX*, Lisboa: SECIL, 2003 (p.85)

14 FERNANDES, José Manuel. *Arquitetura e Indústria em Portugal no século XX*, Lisboa: SECIL, 2003 (p.97/100)

15 FERNANDES, José Manuel. *Arquitetura e Indústria em Portugal no século XX*, Lisboa: SECIL, 2003 (p.112)

*“(...) A ideia de integrar a produção fabril num sistema de vida contemplando varias funções como o habitar, a alimentação, e repouso e a lazer, tornando-o num modo mais humanizado e completo (...)”<sup>16</sup>.*

Com o pós-guerra, entre 1940 e 1950, abre-se a era do petróleo e da eletricidade limpa na indústria, o que vem a ter uma grande repercussão na evolução da atividade industrial em Portugal. A produção nacional duplica entre 1945 e 1957, aumentando consequentemente o emprego.

Na década de 1970, com a revolução tecnológica e a terciarização, assiste-se, um pouco por toda a Europa, às deslocalizações afetando as indústrias mais sedimentadas. Regista-se assim, o fenómeno a que se dá o nome de desindustrialização, ou seja, o abandono das infraestruturas fabris devido à inovação tecnológica.

### 2.1.3. INDUSTRIA TÊXTIL

A indústria têxtil e do vestuário teve e tem um papel importante para a economia nacional portuguesa. Hoje “(...) contribui positivamente para o balanço comercial, com impacto significativo sobre o volume de emprego e redução das margens de comercialização (...)”<sup>17</sup>.

A indústria têxtil encontra-se, desde sempre, bastante ligada à produção e comercialização de matérias-primas.

<sup>16</sup> FERNANDES, José Manuel. Arquitetura e Indústria em Portugal no século XX, Lisboa: SECIL, 2003 (p.153)

<sup>17</sup> MAIA, Laura; ALVES, Anabela; LEÃO, Celina. Perspetivas individuais sobre a necessidade de mudança: estudo de caso na indústria têxtil e do vestuário portuguesa. Guimarães: RISTI, 2014 (p. 1)





13. INTERIOR DE UMA INDUSTRIA DE  
TINTURARIA DE TECIDOS



14. INTERIOR DE UMA INDUSTRIA TÊXTIL



A situação de prosperidade ou decadência das indústrias têxteis depende não apenas do nível tecnológico das empresas, mas também dos custos de produção existentes em determinados países. A indústria têxtil encontra-se pressionada pela concorrência e pela grande oferta de artigos estrangeiros.

Antes do séc. XVIII não existia propriamente indústria têxtil, mas apenas produção artesanal, caseira ou manual.

Na Europa no séc. XVIII, antes do uso do algodão eram apenas utilizados a lã, o linho e a seda. Porém, o aparecimento do algodão e os incentivos realizados em Inglaterra, proporcionaram uma grande expansão da indústria têxtil, sendo criadas novas fábricas de fiação e tecelagem. A Inglaterra torna-se assim a maior potência industrial têxtil, quer no campo algodoeiro, quer nos lanifícios, sendo no início do séc. XX o maior produtor de fios e tecidos em todo o mundo.

Em Portugal, no séc. XVIII a produção têxtil era, tal como no resto do mundo, uma atividade de cariz artesanal e manual.

J. M. Campos Melo na obra “Lãs e lanifícios”, afirma que “não se pode indicar com certeza a época do estabelecimento em Portugal das primeiras fábricas de fiados e tecidos de lã. (...) Parece que a introdução de tais estabelecimentos se deve, em princípio, à presença dos árabes e depois aos israelitas aqui domiciliados.”

Em 1681, estabelecem-se as primeiras fábricas de lanifícios na Covilhã, Fundão e Portalegre.

No reinado de D. João V e mais tarde sob o impulso de Marquês de Pombal foi criada a “Fábrica de Sedas do Rato” em Lisboa, e no setor do algodão a “Real Fábrica de Fiação e Tecidos” de Tomar.

Acontece que os países consumidores nem sempre são produtores das matérias-primas de que necessitam. Os principais produtores de lã eram a Inglaterra, França e Espanha; de linho eram os Países Baixos, a Bélgica e Holanda, e a Irlanda; a seda provinha da China e do Japão. O algodão provinha do Brasil no séc. XVII e de seguida dos EUA, sendo a Inglaterra um dos maiores consumidores.

Nesta época verifica-se um grande incremento da atividade têxtil por toda a Europa, muito especialmente na Flandres, por ser um local central no quadro das trocas europeias. Da Flandres partiam para venda em Portugal produtos têxteis tradicionais, o que fez com que as manufaturas de tecidos em Portugal recebessem estímulo para se aperfeiçoarem.

Era utilizada como principal matéria prima “(...) o algodão ou a mistura de algodão e fibras, e o produto final era essencialmente o fio, o tecido e a malha (...)”<sup>18</sup>, importadas quando não existiam em abundância.

Já no séc.XIX foram criadas a “Fábrica Sampaio Ferreira” (1896) em Riba de Ave, a “Fabrica Empresa Têxtil Elétrica Lda” (1905) em Braga, e a “Fabrica Oliveira Ferreira & Ca” (1910) em Braga.

A indústria têxtil encontrava-se, portanto, mais centralizada no norte e centro do país. Entre 1890 e 1910, torna-se o motor da indústria detendo cerca de 50% das exportações industriais destas matérias (9% a 17% do total de exportações).

Em 1917, a indústria do vestuário representa cerca de 4% do emprego. Está dispersa por pequenas unidades, com uma média de 20 trabalhadores cada.

---

<sup>18</sup> LNEC. Colaboração na caracterização dos efluentes da indústria têxtil da bacia do rio ave. Lisboa, 1987 (p.3)

A Fábrica de tecidos Tinturaria Portugália vem desempenhar aqui um papel importante. Iniciou a sua produção de linho e algodão em meados de 1918 e mais tarde especializou-se na tinturaria e estampagem de tecidos.

No âmbito da técnica de tinturaria e tingimento de tecidos, os dados não são muito abundantes “(...) Como se sabe era recorrente a utilização de plantas tintureiras, umas nativas, outras de importação, a raiva, o anil e o pastel, para além do uso dos sulfatos conhecidos pelo termo genérico de alúmen, substância essencial para a fixação de cores.”<sup>19</sup>

O processo de tingimento utilizado neste tipo de indústrias seria o seguinte: “(...) no processo usual a cuba de tingimento é carregada com a matéria-prima, é adicionada água à temperatura ambiente e adicionados os corantes e produtos químicos auxiliares. A cuba é então aquecida (...) e em seguida procede-se à lavagem em temperatura ambiente. No processo limpo enche-se a cuba com a solução de tingimento recuperada, adiciona-se água fresca e corrigem-se as quantidades de corante e produtos auxiliares. O resto das operações mantêm-se iguais ao processo usual. A diferença reside na recuperação de 90% do volume total do tingimento, a qual é armazenada de modo a ser utilizada no ciclo seguinte. (...)”<sup>20</sup>

Nas últimas décadas tem-se vindo a desenvolver cada vez mais no mundo o comércio do vestuário ou da confeção, produtos em geral exportados de países de mão-de-obra barata para países industrializados.

19 RODRIGUES, Manuel Ferreira; MENDES, José M. Amado. História da indústria Portuguesa – da idade média aos nossos dias. Publicações Europa America, 1999 (p.94)

20 LNEC. Colaboração na caracterização dos efluentes da indústria têxtil da bacia do rio ave. Lisboa, 1987 (p.48)



15. VALE DE CHELAS, SÉC. XX

## 2.2. CONSERVAÇÃO E REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

*“O estudo dos edifícios antigos apresenta um interesse crescente, dada a evidente importância que tem vindo a ser atribuída à conservação do património construído, entendido de forma muito mais geral do que a simples visão conservacionista de monumentos e edifícios públicos de grande importância.”<sup>21</sup>*

A salvaguarda das estruturas industriais de carácter puramente funcional continua a ser de difícil entendimento pela generalidade da população. Tal como diz Deolinda Folgado, “(...) numa época pós-industrial que devia ser propícia a reconhecer num edifício industrial uma imagética a salvaguardar (...), este legado corre o risco de desaparecer ou de perpetuar-se para as gerações descaracterizado e esvaziado de autenticidade (...)”<sup>22</sup>.

É por isto importante integrar o legado industrial na vida social da população, conferir-lhe novos usos adaptados aos requisitos atuais, adaptá-los às necessidades do nosso tempo (reabilitação).

<sup>21</sup> APPLETON, João; Reabilitação de Edifícios Antigos – Patologias e Tecnologias de Intervenção, Edições Orion, Amadora, 2003 (p.1)

<sup>22</sup> FOLGADO, Deolinda. Paisagem industrial: Utopia na salvaguarda patrimonial? - Margens e Confluências: Um olhar contemporâneo sobre as artes. Guimarães: Escola Superior Artística do Porto, nº 3, 2001 (p.66)

Reabilitar o património arquitetónico tem diversas vantagens a nível económico, tais como: a otimização de terrenos, infraestruturas e materiais, e a poupança de energia. Desta forma deveria ser mais promovida a reabilitação, por ser este um processo menos intrusivo.

Reabilitação pode, assim, entender-se como alteração de um recurso, segundo padrões funcionais contemporâneos, adaptando-o a novos usos, de acordo com as vivências do tempo atual.

A expressão património arquitetónico integra três conjuntos diferentes de edifícios: os monumentos, os conjuntos arquitetónicos e os sítios construídos, abrangendo não só os edifícios mas também as suas estruturas, de implantação no espaço.

“Entende-se, assim, por património arquitetónico (...) o conjunto das estruturas físicas (os edifícios ou estruturas construídas e seus componentes, os núcleos urbanos e seus componentes, as paisagens e seus componentes) às quais determinado indivíduo, comunidade ou organização reconhece, num dado momento histórico, interesse cultural e ou civilizacional, independentemente da natureza dos valores em que esse interesse radique, designadamente: valor arquitetónico (artístico, construtivo, funcional), valor histórico ou documental, valor simbólico e valor identitário.”<sup>23</sup>.

O património industrial integra todos os tipos de vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetónico ou científico, assim como os espaços onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.

Hoje em dia este tipo de estruturas, por se encontrarem devolutas e ao abandono, começam a ser valorizadas e a ser tidas como edifícios com potencial para serem intervencionados e adaptados a novos usos.

---

23 IHRU. Património Arquitetónico – Geral. IGESPAR: Kits património n.º 1, 2010 (p. 8)

### 2.2.1. VALORIZAÇÃO E RECONVERSÃO DE ESPAÇOS INDUSTRIAIS

*“ O tema da regeeração e da reutilização dos espaços anteriormente industriais é ainda como que um ‘mundo novo’ a descobrir; explorar e investir, neste dealbar do século XXI”.*<sup>24</sup>

Os complexos industriais após a desindustrialização perderam, na sua grande maioria, as suas funções. Contudo, preservam a memória do passado industrial da cidade onde se situam, apesar de se encontrarem obsoletos. Cria-se, assim, a oportunidade de adaptação destes espaços a novos usos respondendo as necessidades atuais.

Atrás da ruína de um edifício, encontramos mais do que esta aparenta ser, apesar de este ser ainda um tópico difícil de entender por grande parte da sociedade. Ao fazerem parte integrante da cidade, estes edifícios, têm um carácter social, cultural e histórico, porque provocam memórias urbanas.



16. INTERIOR DA NAVE PRINCIPAL DO EDIFÍCIO TINTURARIA PORTUGÁLIA,

<sup>24</sup> Deolinda Folgado in José Manuel Fernandes. *Arquitetura e Indústria em Portugal no século XX*. Lisboa: SECIL. 2003 (p.197)

Françoise Choay<sup>25</sup> lembra que em 1960 teve início o desenvolvimento da sociedade do lazer e do turismo cultural. O património histórico, entendido como o dos monumentos ultrapassa, assim, as fronteiras consideradas intransponíveis da era industrial e começa a caminhar em direção a um passado cada vez mais presente. Ao mesmo tempo, define-se outro tipo de património histórico, aquele que engloba os edifícios modestos, reconhecidos e valorizados por outras disciplinas e grupos sociais.

No início do séc. XX, Alois Riegl<sup>26</sup> ao fazer a distinção entre monumento e monumento histórico, fala sobre a questão de atribuição de novos usos a estes edifícios. Esta problemática traz dois tipos de valores distintos, os da memória e os da contemporaneidade. A memória aparece ligada ao valor histórico, ao valor da antiguidade, e a contemporaneidade é associada aos valores do uso atual.

Por outro lado, Gustavo Giovanonni<sup>27</sup> distinguia “monumentos mortos” (edifícios da antiguidade) de “monumentos vivos” dizendo que os primeiros não estariam mais aptos a serem utilizados nos dias de hoje por pertencerem a civilizações passadas, enquanto os segundos seriam possivelmente a melhor solução e a melhor forma de conservá-los.

A norma de reutilização como medida de proteção do património pode ainda ser encontrada no artigo 5º da Carta de Veneza (1964): “(...) a conservação dos monumentos é sempre favorecida pela sua adaptação a uma função útil à sociedade: esta afetação pela sua adaptação é pois desejável mas não pode nem deve alterar a disposição e decoração dos edifícios.”<sup>28</sup>

25 CHOAY, Françoise, trad: CASTRO, Teresa. A alegoria do património. Lisboa: Edições 70, 2010

26 RIEGL, A. O Culto Moderno dos Monumentos. Lisboa: Edições 70, (1903) 2013

27 CASTORE, M. E. O reuso do património industrial - O caso da antiga fábrica São Braz em Plataforma, Salvador. VI Colóquio Latino Americano sobre Recuperação e Preservação do Património Industrial. São Paulo: 2012 (p.5)

28 AGUIAR, José. Cor e cidade histórica - Estudos cromáticos e conservação do património. Porto: FAUP, 2002



Em Portugal, inicia-se em 1980 um movimento para a reutilização dos monumentos caracterizados como património mediante programas relativamente agressivos<sup>29</sup>, que têm como tema a reconversão destes edifícios em unidades hoteleiras.

José Aguiar defende que este tipo de intervenção é incompatível com o direito público relativo a este tipo de edifícios, porque “(...) são projetos muito exigentes e nos quais o estado investiu (...), depois entregues a interesses de uma gestão e de uma lógica fortemente privada, e muito pouco compatível com o direito público ao usufruto dos ‘monumentos’ (...)”<sup>30</sup>.

Constata-se que a reutilização do património, embora seja essencialmente tida como a preservação, responde à pressão de ordem política e económica, apesar de hoje não falarmos apenas de reutilização como forma de salvaguarda, mas sim reutilização de forma compatível com aquilo que é o edifício histórico.

A preservação destes edifícios com carácter de património prende-se com a exigência contemporânea de recuperação do valor da história e da memória, aliada à ideia de património, mas também com a ideia de ecologia e escassez de meios. Em termos sociais, a recuperação destes edifícios devolutos na cidade cria um dinamismo diferente, mantendo viva a memória destes espaços.

A recuperação do património industrial, enquanto elemento arquitetónico, tem uma série de potencialidades de reconversão de forma a responder às necessidades da cidade, através da adaptação a novos usos, permitindo a criação de uma variedade de projetos, na maioria dos casos agora ligados a indústrias criativas.

29 PEREIRA, P. *Acerca das Intervenções no Património Edificado. Alguma História - Intervenções no Património: 1995-2000*. Nova Política. Lisboa: IPPAR, 1997 (p.13-23)

30 AGUIAR, J. *Após Veneza: do restauro estilístico para o restauro crítico* in: Custódio, J. (coord.) - *100 Anos de Património. Memória e Identidade*. Portugal, 1910-2010. Lisboa: IGESPAR, 2010 (p.219-235)

A recuperação de espaços industriais, começou em Nova Iorque com a cultura dos lofts no final da década de 60, adaptações realizadas de acordo com as características arquitetónicas destas estruturas: pés direitos altos e grandes naves, o que podemos verificar através da icónica Factory de Andy Warhol fundada em 1962, um estúdio de arte instalado numa antiga estrutura industrial icónica em Manhattan.

17. TATE MODERN



18. MUSEU DA ELETRICIDADE



Posteriormente, este tipo de edifícios começou a ser reconvertido para usos de cariz cultural, sendo na maioria dos casos adaptados a usos museológicos, como é o caso do Tate Modern em Londres, antiga Bankside Power Station, dos arquitetos Herzog e De Meuron, ou a nível nacional o Museu da Eletricidade, antiga Central Tejo.

As estruturas fabris fazem parte integrante da cidade, parte da sua memória, tendo “(...) significância cultural, social, histórica e testemunham uma dinâmica recente da evolução do homem, com uma dimensão coletiva”<sup>31</sup>, sendo estas as condicionantes do lugar.

A reconversão de edifícios industriais tem vindo a ser desenvolvida em inúmeros casos internacionais e nacionais como forma de dar um novo uso e uma nova importância a estas estruturas, sendo apropriados pelas mais distintas funções. Convertem-se em museus, habitação, centros culturais e escolas, entre outros.

Em Portugal, encontramos já bastantes exemplos de reconversões de estruturas industriais, como é o caso da atual Lx Factory, antiga Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, onde através de limitada intervenção surgiu um novo conceito de espaços de trabalho e lazer.

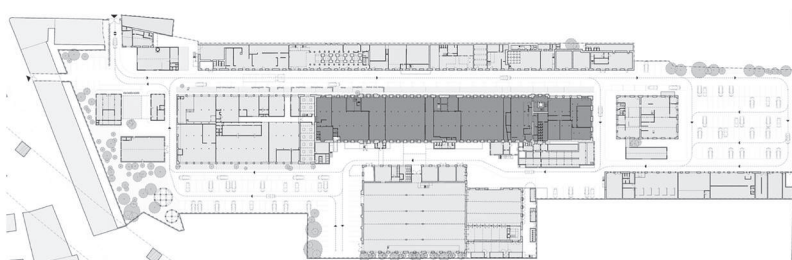
Porém, há que lembrar que o desafio de realizar um projeto de reconversão e reutilização encontra-se em salvaguardar a preexistência. Ao serem readaptados, estes edifícios devem ser encarados como estruturas com referências significativas, que se devem prolongar ao longo do tempo.

Assim, a reconversão de estruturas industriais constitui um processo inovador na história da arquitetura, construindo uma nova ideia de futuro para estas estruturas até agora devolutas na cidade, devolvendo-as à contemporaneidade através da sua utilização e adaptação a novos usos e novas utilizações.

31 FOLGADO, Deolinda. *Memória ao Negro* ou a salvaguarda como redutora memória. Revista Património Estudos - Salvaguarda do património N.º6, Lisboa: Ministério da Cultura/IPPAR, 2004 (p.21)



19. INTERIOR DO CORPO CENTRAL DA  
ANTIGA COMPANHIA DE FIAÇÃO E TECIDOS  
LISBONENSE



20. PLANTA DO PISO TÉRREO DA LX FACTORY



21. EDIFÍCIO PRINCIPAL DA LX FACTORY



### 2.3. EXEMPLOS DE REFERÊNCIA

São apresentados cinco casos de estudo de reconversão de antigos espaços industriais que contribuíram para criar uma linha de ligação entre os vários temas teóricos abordados e a proposta do projeto de arquitetura para a Tinturaria Portugal.

O objetivo é ajudar na compreensão dos processos de reconversão e reabilitação industrial para novos usos, definindo programas que irão funcionar como alicerce na seleção destes casos de reconversão, através de abordagens distintas.

A escolha destes casos de estudo foi feita no sentido de encontrar diferentes abordagens para a criação de um paralelismo entre estes e o edifício a intervir, a Tinturaria Portugal, auxiliando a realização da proposta de reconversão arquitetónica.

A primeira referência é o SESC Pompeia em São Paulo, antiga fábrica de tambores de Pompeia, reconvertida num complexo para a cultura e lazer. A análise foca-se na ligação entre as preexistências e o novo edificado e como estes dois comunicam entre si, não só através das materialidades, mas também através da organização dos espaços.

Segue-se a Factory de Porre em Ghent, uma antiga indústria têxtil reconvertida num parque urbano. Esta escolha, prende-se com a necessidade de estudar a forma como as estruturas preexistentes são tomadas como espaços caracterizadores de um parque urbano, criando um novo centro urbano na zona.

A referência à Nave 16 do Matadero de Madrid foi escolhida como foco de estudo devido à reconversão e reabilitação realizada, pela sua qualidade e desenho da intervenção reversível e pela sua flexibilidade espacial, bem como pela oposição criada entre a materialidade da preexistência e a intervenção.

A atual Fundação Robinson em Portalegre foi uma das escolhas como caso de estudo, não só por ser um projeto nacional, mas também porque visa na conservação do património industrial, reabilitando as suas instalações e recuperando a sua ligação histórica à cidade para salvaguardar a memória do passado.

Por fim, a fábrica de Santo Tirso, no Vale do Ave, na região do Porto, por ser, tal como a Tinturaria, uma antiga indústria têxtil que teve como projeto de reconversão um uso ligado de novo aos têxteis e à moda, bem como as semelhanças entre a volumetria das naves principais no sentido do seu aproveitamento e a forma como a nova intervenção soube lidar com as preexistências.







22. NAVE PRINCIPAL SESC POMPEIA

### 2.3.1. SESC POMPEIA, SÃO PAULO

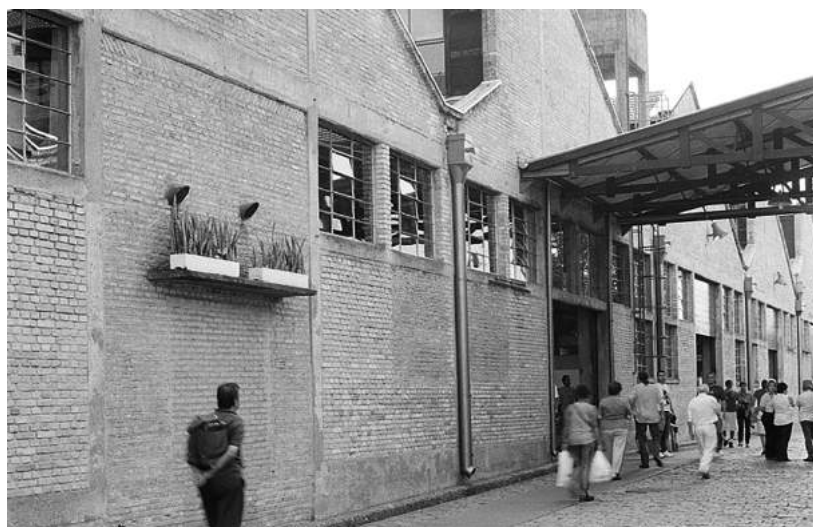
ANTERIORMENTE FÁBRICA DE TAMBORES DE POMPEIA

ATUALMENTE COMPLEXO PARA O LAZER E A CULTURA

ARQUITETOS LINA BO BARDI

LOCALIZAÇÃO SÃO PAULO, BRASIL

DATA DE CONSTRUÇÃO 1986



23. ENTRADA PRINCIPAL DO EDIFÍCIO  
SESC POMPEIA

*“Preservar a fábrica é preservar um pedaço da história da cidade, mas um pedaço da história como ela é mesmo, sem disfarces. Nada daquele conceito de que só deve permanecer o que é belo. O que é típico deve ser valorizado. Mesmo que seja simples, como seria obrigatoriamente uma fábrica de tambores”<sup>32</sup>*

A antiga Fábrica de tambores de Pompeia foi intervencionada foi intervencionada no sentido de ser criado um complexo de lazer e cultura. É um projeto inteiramente ligado à história do local.

Na cidade de São Paulo encontramos cerca de 16 unidades da Sesc, mas é apenas a Sesc Pompeia a que apresenta a arquitetura mais marcante da cidade, tendo demorado cerca de dez anos para ser finalizado. A ideia da arquiteta era preservar a fábrica para manter a sua memória, valorizando o típico e o simples.

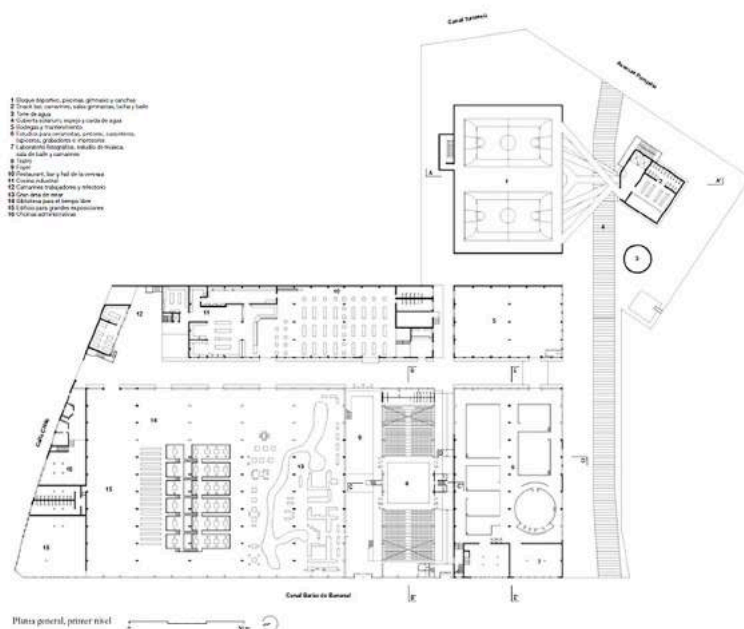
#### BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

O complexo da fábrica de Tambores de Pompeia tem cerca de 22 000 m<sup>2</sup> e foi construído na década de 30 pela empresa alemã Mauser & Cia Lda. Durante a segunda guerra mundial esta foi abandonada e posteriormente leiloadada para a indústria brasileira de embalagens Ibesa, que utilizou o complexo como resposta às suas necessidades. Em 1971 o Sesc comprou o complexo com o objetivo de o demolir e criar um novo espaço. Porém, Lina Bo Bardi descobriu que a estrutura da fábrica tinha sido moldada por François Hennebique, pioneiro na utilização do betão armado, optando por preservar e manter a estrutura original.

Parte do projeto foi concluído em 1982, mas toda a obra só virá a ser terminada em 1986. Hoje em dia na vasta área construída, encontram-se definidos vários usos distintos a funcionar em simultâneo.<sup>33</sup>

<sup>32</sup> Lina Bo Bardi numa entrevista ao Jornal da Tarde em 1977. Disponível em: <http://casasbaccas.com/blog/2016/08/15/sesc-pompeia-a-fabrica-de-sonhos-de-lina-bo-bardi/>

<sup>33</sup> Oliveira, Ana Laura – Novos usos para o Património Industrial: O caso da Cordoaria Nacio-



24. PLANTA DO PISO TÉRREO DO CONJUNTO



25. SECÇÃO PELO COMPLEXO SESC POMPEIA

## A INTERVENÇÃO

A estrutura original do complexo foi preservada e foram mantidas as preexistências da antiga fábrica, sendo adicionados novos edifícios destinados a complementar e melhorar a adaptação deste espaço aos novos usos.<sup>34</sup>

nal. Lisboa: FAUL, 2012. Prova Final de Mestrado (p.27-32)

34 Marcelo Ferraz "The Making of SESC Pompéia". Disponível em: <http://linabobarditogether.com/pt/2012/08/03/the-making-of-sesc-pompeia-by-marcelo-ferraz/>

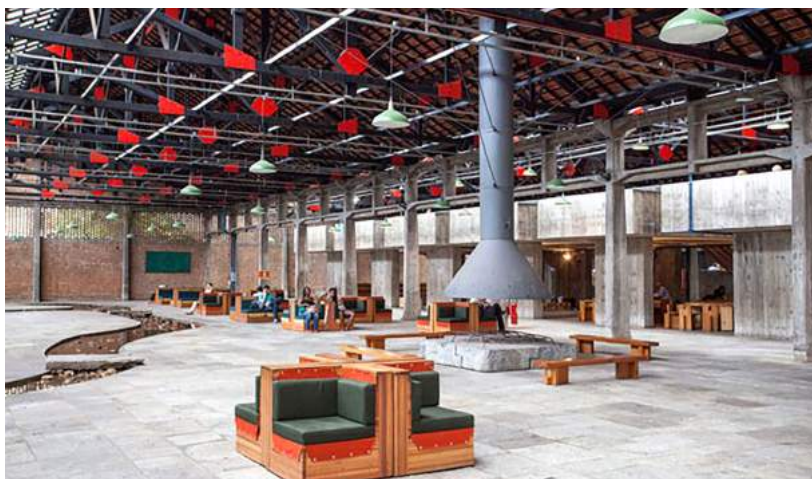
Encontramos primeiramente os edifícios em tijolo à vista, que pertenciam ao antigo complexo e que foram reabilitados e reconvertidos em zonas de lazer e trabalho, onde encontramos um café e diversos ateliers.

Junto às preexistências surgem as novas construções: três volumes prismáticos de betão. Um prisma retangular de maior dimensão com 45m de altura; um segundo de menores dimensões com 52 metros de altura; e, por último, um volume cilíndrico com 70m de altura. Os dois primeiros edifícios foram criados de forma a albergar um centro de atividades desportivas e o último foi desenhado como forma de guardar a memória da antiga chaminé da fábrica.

As fachadas destes novos edifícios são peculiares. No edifício de maiores dimensões foram criadas a leste e a oeste quatro aberturas irregulares de cada lado, por andar. Estas aberturas foram criadas através de moldes de isopor embutidos durante a cofragem. Por oposição, encontramos a fachada do outro prisma com aberturas quadradas e menores, organizadas de forma aleatória.

A unir estes dois prismas, encontramos quatro níveis de passadeiras de betão, cada uma com um desenho e configuração diferentes, assegurando a ligação entre estes dois edifícios.





26. ESPAÇO EXTERIOR DO COMPLEXO  
27. ESPAÇO LAZER INTERIOR  
28. VISTA EXTERIOR DO COMPLEXO  
29. PORMENOR DO NOVO EDIFÍCIO



30. ESTRUTURAS EXISTENTES NO PARQUE  
URBANO DE GHENT



### 2.3.2. FACTORY OF PORRE, GHENT

ANTERIORMENTE FÁBRICA TÊXTIL DE PORRE

ATUALMENTE PARQUE URBANO DE GHENT

ARQUITETOS VANDRIESSCHE ARCHITECTEN

LOCALIZAÇÃO GHENT, BÉLGICA

DATA DE CONSTRUÇÃO 2014



31. PARQUE URBANO DE GHENT

É em Ghent que encontramos a antiga fábrica têxtil de Porre, um próspero complexo industrial têxtil dos anos 30, durante várias épocas ao abandono.

O projeto de intervenção visou a reconversão da antiga fábrica num parque urbano, preservando os elementos históricos do complexo, como forma de ligação entre o passado e o presente. Tornou-se, assim, uma paisagem arquitetónica, cujas estruturas existentes se abrem como espaços para o desenvolvimento de distintas atividades, criando um novo centro urbano.

#### BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

A fábrica têxtil de Porre é datada dos anos 30 e foi o centro de grande parte da empregabilidade da zona durante várias épocas. Durante a Segunda Guerra, a fábrica foi bombardeada e ficou em ruína. Porém devido à sua importância, foi reconstruída pouco tempo depois. Em 1980 abre falência e é obrigada a fechar portas.<sup>35</sup>

A partir de então, o complexo ficou ao abandono e entrou em acelerado estado de degradação, tornando-se alvo de vandalismo e um foco de insegurança.

Anos mais tarde, o complexo foi inserido no projeto de renovação e reestruturação urbana da zona, constituindo o principal objetivo reverter o complexo num parque urbano diversificado que pudesse vir a estimular a vida comunitária do lugar.

---

<sup>35</sup> Vandriessche Architecten "Conversion of old factory de Porre to city park" in Divisare. Disponível em: <https://divisare.com/projects/316066-vandriessche-architecten-conversion-of-old-factory-de-porre-to-city-park-ghent>



32. COMPLEXO ANTES DA INTERVENÇÃO



33. ESTRUTURA METÁLICA DE APOIO AO PARQUE



34. ESTRUTURA METÁLICA ENVOLVENTE DA ANTIGA TURBINA DE VAPOR

## A INTERVENÇÃO

O projeto de reconversão da fábrica alia a criação de um lugar onde são possíveis muitos fluxos à preservação das estruturas das construções preexistentes, criando a lógica de zonamento e organização de um parque urbano. São criados novos espaços verdes, cujos caminhos pedonais contrastam com a verticalidade das estruturas preexistentes.

Apenas um elemento da antiga fábrica foi preservado e restaurado por completo: a turbina a vapor da torre de arrefecimento que agora se lê como uma espécie de escultura estática no centro do parque, trazendo à memória o passado industrial como marco da paisagem. Este elemento encontra-se dentro de uma estrutura metálica leve, de vidro, que contrasta com a construção adjacente.

A antiga bacia de água para arrefecimento, próxima da turbina, foi redesenhada como um espelho de água integrado no conceito e no desenho do parque.

Algumas das construções apresentam-se desnudadas, em alguns casos pintadas de branco, em contraste deliberado com as paredes dos edifícios adjacentes, desgastados pelo tempo.



35. VISTA GERAL DO PARQUE URBANO



36. VISTA GERAL DO PARQUE URBANO





37. ZONA DE ENTRADA

### 2.3.3. NAVE 16 MATADERO, MADRID

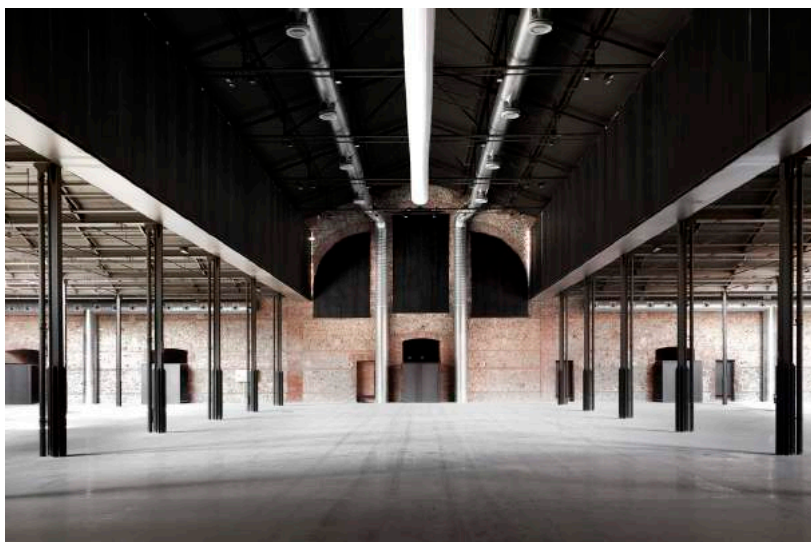
ANTERIORMENTE MATADERO MUNICIPAL DO MERCADO DE GADOS  
DE MADRID

ATUALMENTE COMPLEXO ARTÍSTICO MULTIDISCIPLINAR

ARQUITETOS IÑAQUI CARNICERO, IGNACIO VILA, ALEJANDRO  
VISEDÁ

LOCALIZAÇÃO MADRID, ESPANHA

DATA DE CONSTRUÇÃO 2007



38. ENTRADA E ELEMENTOS MÓVEIS

O projeto “Matadero Madrid” foi implantado nas antigas instalações do Matadouro de Legazpi, em Arganzuela, Madrid. Estas instalações foram reabilitadas e reconvertidas num complexo artístico multidisciplinar, tendo como objetivo promover a criatividade e criar um ponto de encontro entre os diferentes criadores e o público.

Devido à vasta área de intervenção, o projeto foi realizado por fases, tendo por base a reabilitação de certos edifícios ao longo de um determinado intervalo de tempo. A intervenção abordada neste caso de estudo é a Nave 16, um edifício reconvertido para um espaço cultural multifuncional.

#### BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

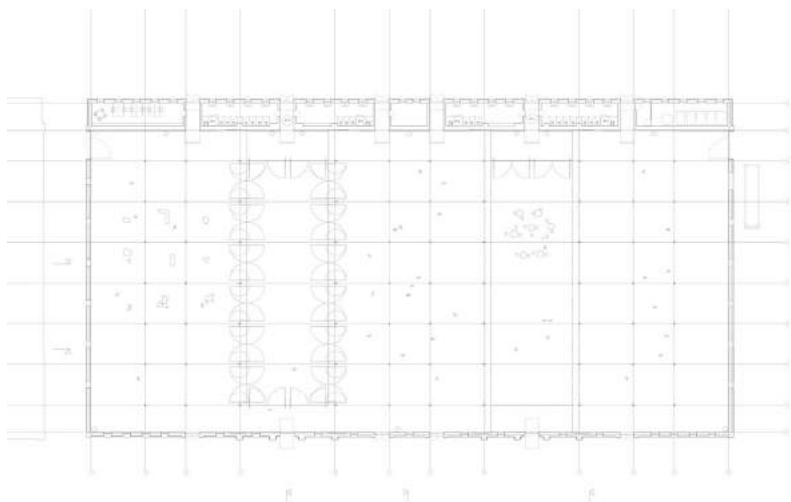
O conjunto industrial Matadero Municipal de Mercado de Gados de Madrid tem 165 000m<sup>2</sup> e foi construído entre 1908 e 1925, segundo o projeto do arquiteto Luis Bellido. Localiza-se nas proximidades do rio Manzanares e da rede de caminhos-de-ferro, encontrando-se numa zona periférica da cidade.<sup>36</sup>

Em 1996, dá-se o encerramento do complexo e no ano seguinte é englobado no Plan General de Ordenación Urbana de Madrid. Todos os edifícios do conjunto receberam novas funções, mas é apenas em 2002 que é aprovado o Plano especial de intervenção no complexo, o qual propõe a implementação de usos culturais. Em 2003 iniciam-se as primeiras ações no sentido de reconverter o antigo matadouro no atual espaço cultural multidisciplinar.

---

<sup>36</sup> SILVA, Miguel - Património Industrial em Portugal: inclusão do passado em Projetos Contemporâneos. Lisboa: FAUL, 2012. Tese de Doutoramento (p. 249-252)

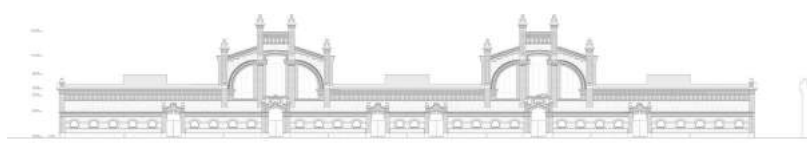




39. PLANTA DA NAVE 16 MATADERO



40. SECÇÃO LONGITUDINAL PELA NAVE 16  
MATADERO



41. ALÇADO PRINCIPAL DA NAVE 16  
MATADERO

## A INTERVENÇÃO

O conjunto Matadero é constituído por várias naves organizadas entre si de forma bastante rígida, criando vários espaços abertos. Estes edifícios são construções com apenas um piso, apesar de terem bastantes metros de altura, ocupando vastas áreas de implantação. Em termos de materialidades, é usado tijolo à vista, linguagem muito característica da arquitetura madrilena do início do séc. XX.

O projeto da Nave 16 dos arquitetos Iñáqui Carnicero, Ignacio Vila, Alejandro Viseda foi o vencedor do concurso realizado em 2007 para a reconversão desta nave com 5 200m<sup>2</sup> num espaço cultural que, devido às suas dimensões, pode albergar concertos, exposições, desfiles ou conferências.<sup>37</sup>

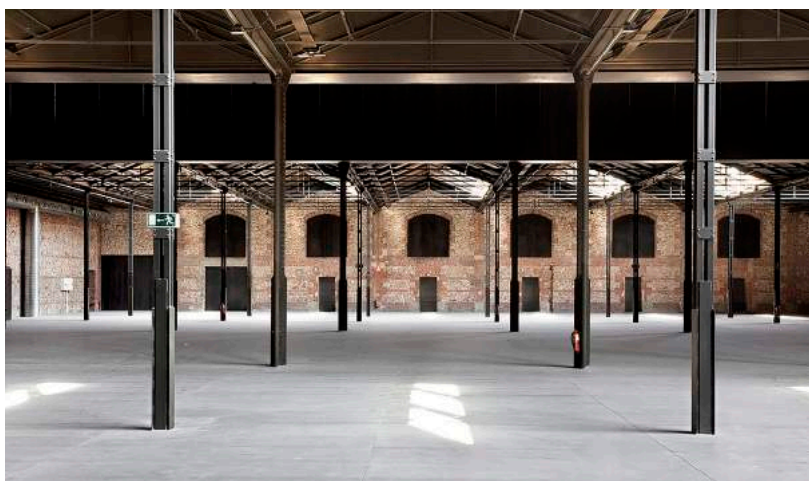
Uma das premissas da intervenção foi o cariz flexível. Por isso, optou-se pela introdução de um sistema de elementos móveis que possibilitam a alteração dos espaços para os diferentes usos, sendo possível encontrarmos apenas um espaço ou espaços múltiplos, independentes entre si.

A intervenção é minimalista, de forma a valorizar a preexistência do lugar e a sua memória. Foram recuperadas as paredes originais exteriores de tijolo, deixando à vista a natureza construtiva típica da época, embora atribuindo um novo carácter ao espaço. A intenção foi criar um espaço neutro que alia a história do lugar e o requisito de flexibilidade.

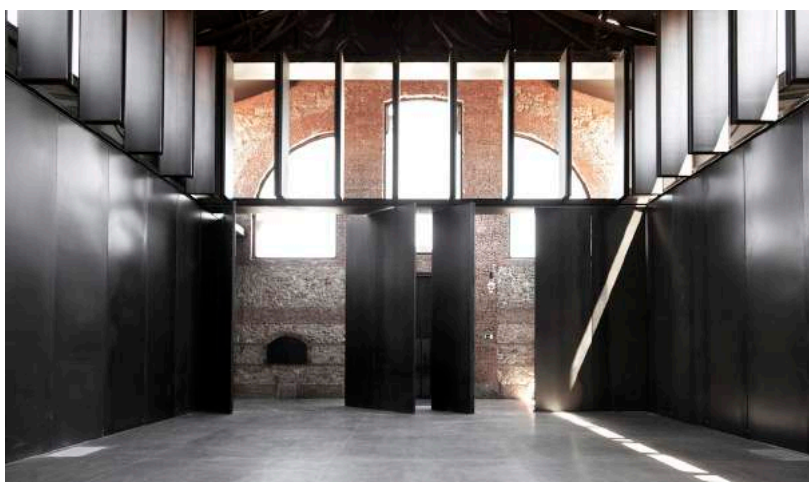
Foram colocadas portas giratórias condizentes com a lógica construtiva da nave para separar os diferentes espaços interiores. Estes elementos permitem ainda controlar a iluminação natural zenital através do desenho das coberturas.

---

<sup>37</sup> Ignacio Carnicero "Hangar 16" in Archdaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com/295502/hangar-16-inaqui-carnicero-architecture>



42. INTERIOR DA NAVE 16 MATADERO



43. ESTRUTURA FLÉXIVEL PARA A CRIAÇÃO DE ESPAÇOS



44. PRÉEXISTENCIA DO MATADERO



45. ESPAÇO CULTURAL MULTIUSOS E  
ESTACIONAMENTO

#### 2.3.4. FUNDAÇÃO ROBINSON, PORTALEGRE

ANTERIORMENTE FÁBRICA DE CORTIÇA GEORGE ROBINSON

ATUALMENTE ESPAÇO PÚBLICO MULTIDISCIPLINAR

ARQUITETOS SOUTO MOURA E GRAÇA CORREIA

LOCALIZAÇÃO PORTALEGRE, PORTUGAL

DATA DE CONSTRUÇÃO 2012



46. FOTOMONTAGEM DO PROJETO

As instalações da antiga fábrica de cortiça Robinson, em Portalegre, datam de 1848 e ocupavam uma vasta área limitada pela cidade que no seu crescimento, acabou por a envolver.

Após o fecho da fábrica, foi concebido um plano de desenvolvimento para esta zona da cidade, cujas premissas eram a criação de novas unidades de carácter urbano definidas pela abertura de arruamentos e pela criação de um programa de reabilitação para as instalações da fábrica, recuperando memória da sua ligação à cidade.

*“O projeto pretendia contribuir para a conservação deste património industrial, com base num ponto de vista pragmático, entendendo os edifícios como uma parte da memória coletiva e pretende dotá-los de novos usos respeitando o conjunto original para reduzir o esforço construtivo e conservar o seu carácter singular.”<sup>38</sup>*

#### BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

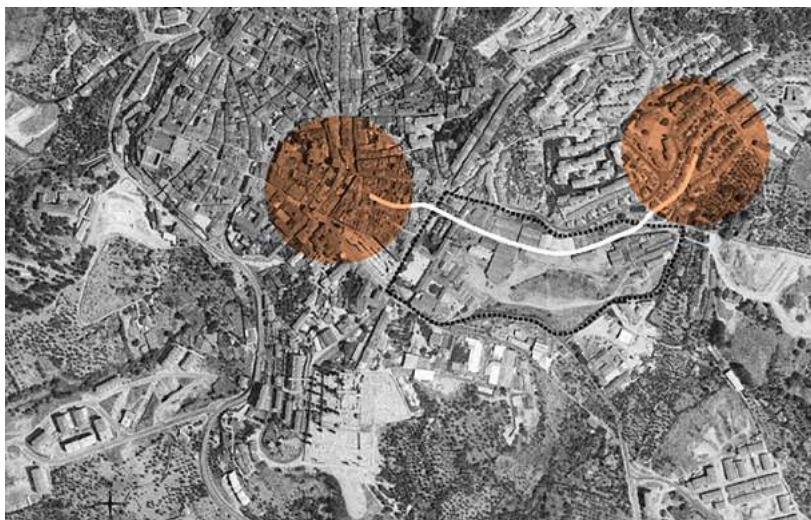
A fábrica Robinson, de 1848, marcou profundamente a história de Portalegre, pelo papel importante que assumira no desenvolvimento social e cultural da cidade. Desde 1900 até aos anos 40, a fábrica foi objeto de constante modernização.

Devido à instabilidade causada pela Segunda Guerra e à conjuntura política e económica nacional, a fábrica esteve fechada durante cerca de três anos. Após este encerramento, em 1946, foi vendida a um grupo português que recuperou a sua vitalidade produtiva e comercial. Na década de 80, começa a acusar o desgaste das suas infraestruturas e das máquinas, até que, em 2009, acabou por encerrar portas.

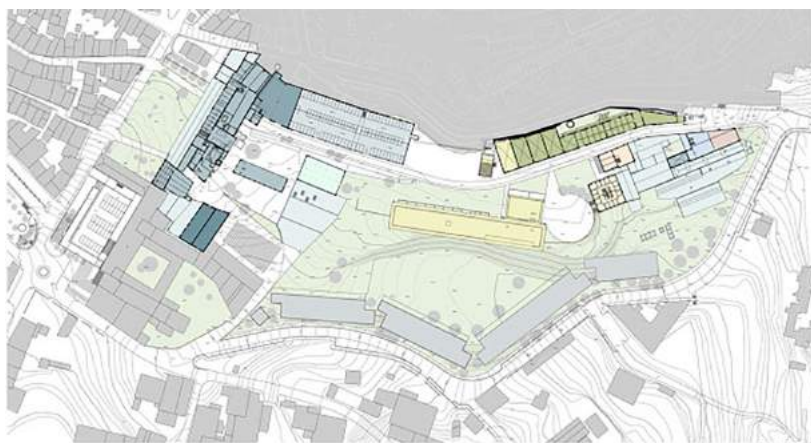
---

<sup>38</sup> Eduardo Souto Moura e Graça Correia “Memória descritiva” in Fundação Robinson. Disponível em: [http://www.fundacaorobinson.pt/multimedia/ficheiros/14\\_projecto\\_arquitectura/arquitectura\\_memoria\\_descritiva.pdf](http://www.fundacaorobinson.pt/multimedia/ficheiros/14_projecto_arquitectura/arquitectura_memoria_descritiva.pdf)

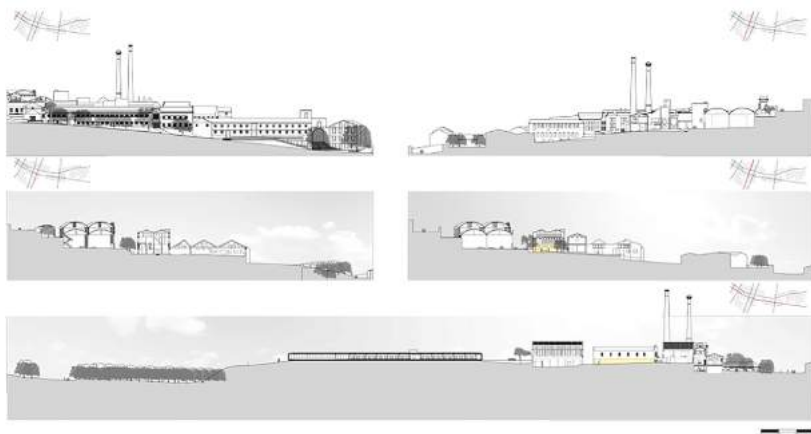




47. ESTRATÉGIA DE ORDENAMENTO  
ESPAÇO ROBINSON



48. PLANTA ESQUEMÁTICA DO PROJETO



49. SECÇÕES PELO PROJETO DO ESPAÇO  
ROBINSON

A área que ocupava a antiga fábrica tem agora uma vocação cultural, tendo sido conservado o seu legado industrial. Nasceu assim, o Espaço Robinson, um lugar público multidisciplinar com vertentes históricas, sociais, culturais, científicas e de lazer.

#### A INTERVENÇÃO

O projeto, bem como a sua envolvente configuram um espaço que os utilizadores tomam como um lugar de encontros. Abrange uma área de 65 000m<sup>2</sup> que se abrem a todo o tipo de iniciativas culturais e artísticas.

Para este espaço foi criado um programa bastante alargado que contempla um museu dos bombeiros, uma zona de estacionamento, espaços comerciais (adega, bar, restaurante e lojas), uma oficina de expressões plásticas, uma residência académica, o conservatório regional de Portalegre, auditórios dispersos e, por último, a Escola de Hotelaria e Turismo.

Todos eles, à exceção da Escola de Hotelaria e Turismo, são integrados na estrutura existente. Tendo sido utilizados os antigos edifícios, caracterizados por um conjunto de elementos quase escultóricos, de carácter industrial original. São reabilitados e são lhes dados novos usos, dotados das condições necessárias tanto construtivas como de amplitude e iluminação para albergar as várias funções.

Por fim, encontramos o edifício da Escola de Hotelaria e Turismo que define uma nova rua estruturante e vital na requalificação do espaço Robinson. Este elemento foi criado de forma a articular-se com o restante tecido urbano, relacionando-se com as preexistências a fim de promover a conservação da memória histórica do património.<sup>39</sup>

---

39 TRAÇO Alternativo – Arquitetos associados. Guia de Arquitetura – Espaços e Edifícios reabilitados. Grupo editorial Vida económica, 2013 (p.154-155)





50. FOTOMONTAGEM DO INTERIOR DO CONJUNTO ESPAÇO ROBINSON



51. FOTOMONTAGEM PELO EXTERIOR DO ESPAÇO ROBINSON



52. FOTOMONTAGEM DO ESPAÇO ROBINSON



53. ZONA EXTERIOR ENTRE A INCUBADORA  
DE NEGÓCIOS E A NAVE CULTURAL

### 2.3.5. FÁBRICA DE SANTO TYRSO, SANTO TIRSO

ANTERIORMENTE FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS

ATUALMENTE INCUBADORA MULTIFUNCIONAL NA ÁREA DA MODA E DESIGN

ARQUITETOS NUNO PINTO

LOCALIZAÇÃO SANTO TIRSO, PORTUGAL

DATA DE CONSTRUÇÃO 2005



54. FACHADA PRINCIPAL DO COMPLEXO

O complexo da antiga fábrica de Fiação e Tecidos de Santo Tirso situa-se no Vale do Ave, perto do Porto. Em 2005 começaram a ser implementados os projetos de reconversão da fábrica para a criação de uma incubadora de negócios na área da moda e do design, levados a cabo pelo arquiteto Nuno Pinto.

A antiga fábrica é agora um espaço que reúne diversas funções e usos, assumindo-se como o quarteirão criativo desta zona de Santo Tirso.

#### BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

A Fábrica de Fiação e Tecidos data de 1896 e foi mandada contruir pelo Conde de S. Bento<sup>40</sup>, segundo o projeto do seu sobrinho José Luís de Andrade, no Vale do Ave, uma área industrial da periferia do Porto perto das linhas de água e férreas.

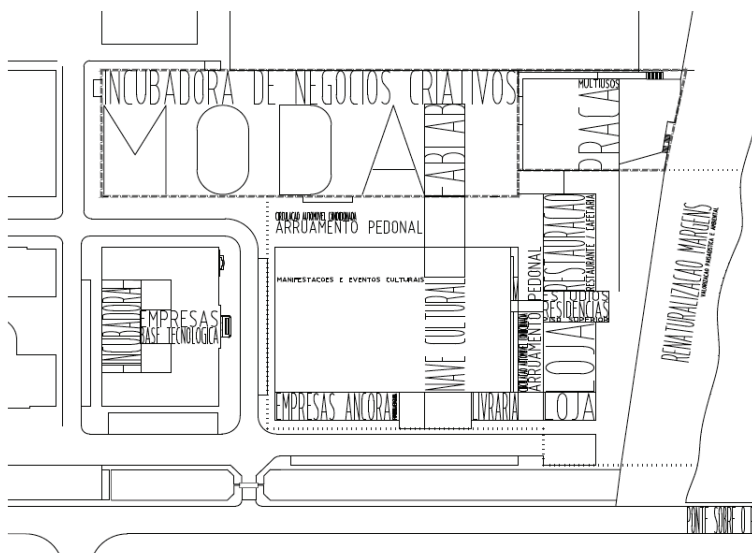
Apenas em 1898 foi iniciada a produção. Em 1899 foram feitas as primeiras obras de ampliação do complexo e, de 1940 a 1950, é executada nova ampliação, com um projeto do arquiteto Sequeira Braga.

A atividade industrial termina em 1990, ano em que a fábrica fecha portas por não conseguir resistir à crise que se fazia sentir no sector têxtil. Desocupada, tornou-se um emblema de decadência, apesar de permanecer como um símbolo do património industrial da região.

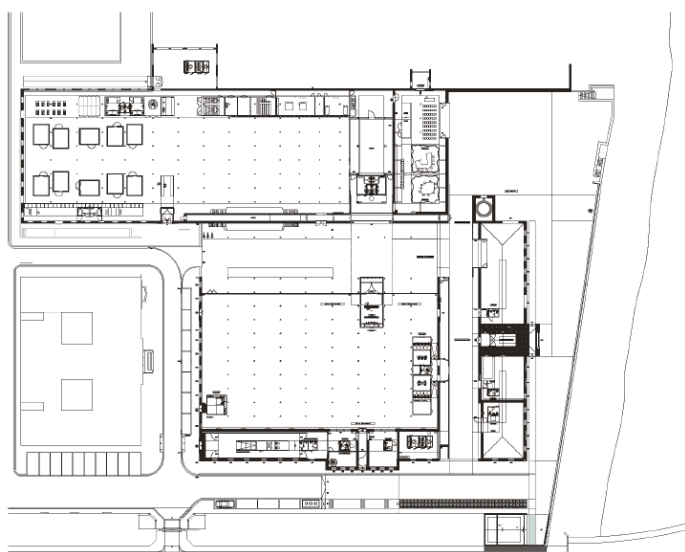
A ideia do município era criar uma nova centralidade urbana, vocacionada para atividades económicas, e culturais viradas para a experimentação e para a inovação.

---

40 SANTOS, José – Arquitetura Industrial da obsolescência à reconversão. FAUP, 2013. Trabalho final de Mestrado (p.76-79)



55. PLANTA ESQUEMÁTICA DA FÁBRICA DE SANTO THYRSO



56. PLANTA DA FÁBRICA DE SANTO THYRSO

## A INTERVENÇÃO

Na proposta arquitetónica é perceptível que a memória do lugar se encontra sempre presente, não apenas através dos elementos formais, mas também em toda a definição programática, respeitando a integridade do complexo e dos seus edifícios.

Inicialmente, é projetado um novo volume adossado ao antigo edifício administrativo. Neste sentido, foram recuperados ou demolidos alguns edifícios. Na nave demolida tentou-se manter a memória do lugar através da criação de uma pérgula ritmada e da marcação de um pavimento.

As fachadas existentes não foram intervencionadas, mas apenas recuperadas e pontualmente adicionado um revestimento metálico exterior.

No interior das naves, a linguagem foi pouco alterada, apesar de introduzidos novos volumes que correspondem aos novos programas e sistemas necessários, organizando o espaço e a circulação no seu interior.

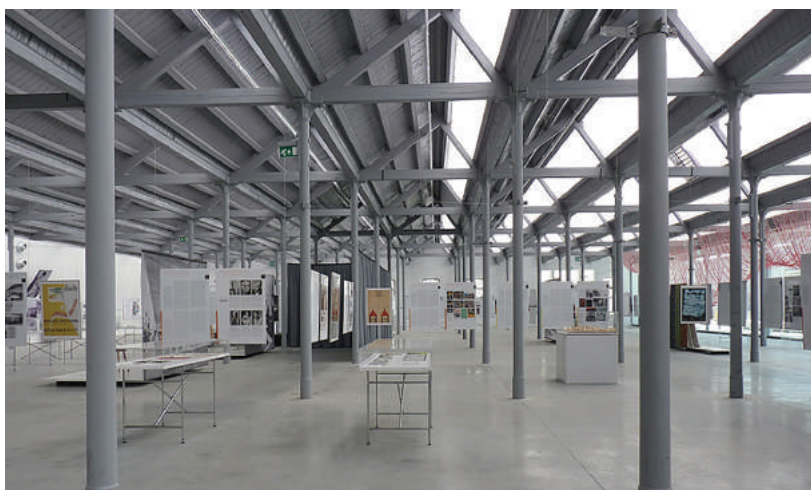
A nave principal, com cerca de 2 200m<sup>2</sup> é agora um espaço multifuncional para exposições e outros eventos culturais. Em primeiro plano encontramos a incubadora de moda com ateliers e zonas de produção ligados à indústria do vestuário. A incubadora de negócios tem cerca de 570m<sup>2</sup>, destinados a várias empresas e estúdios. Nas naves mais antigas, algumas delas a olhar o rio Ave, encontramos três lojas, um restaurante e um centro interpretativo.<sup>41</sup>

O projeto foi complementado pelo desenho do espaço exterior, público, articulado com as preexistências.

---

<sup>41</sup> LEAL, Ana Cordeiro – Repensar a fábrica: proposta de reconversão para a antiga fábrica Vulcano e Colares na Boavista. Lisboa: FAUL, 2016. Trabalho final de Mestrado (p. 112-117)





57. NAVE CULTURAL DA FÁBRICA



58. ZONA EXTERIOR ENTRE A INCUBADORA DE NEGÓCIOS E A NAVE CULTURAL



59. DESFILE REALIZADO NA ZONA DE INCUBADORA DE MODA E DESIGN





## 2.4. SÍNTESE

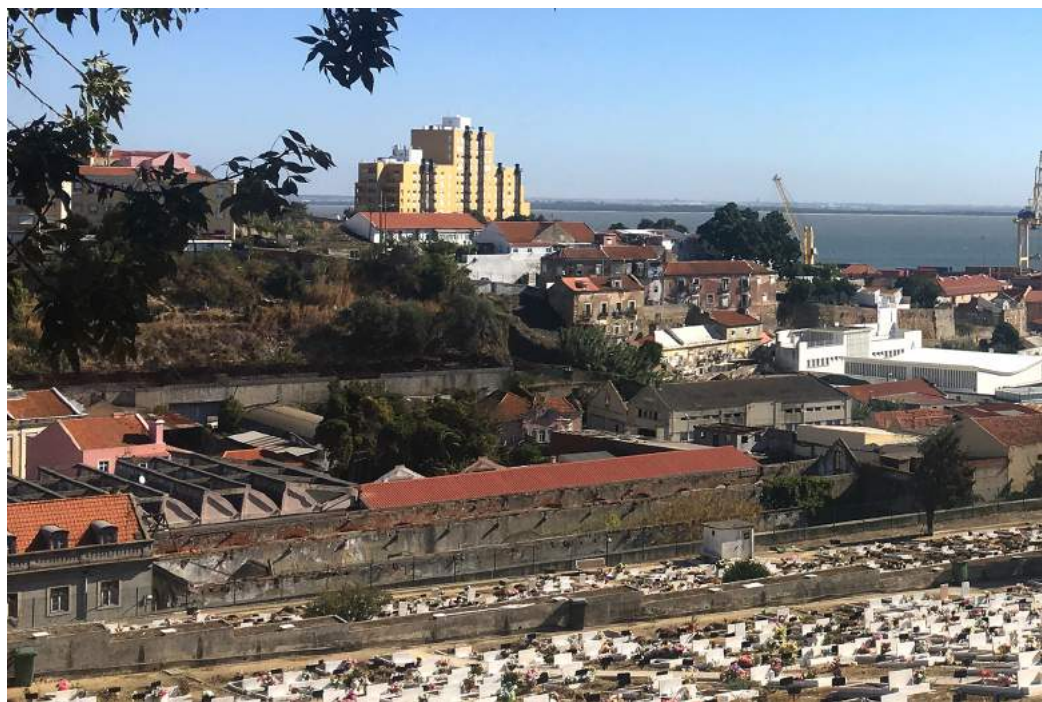
Na cidade de Lisboa, é perceptível a presença de edifícios de cariz industrial ao abandono, que contribuem manifestamente para a desintegração do tecido urbano.

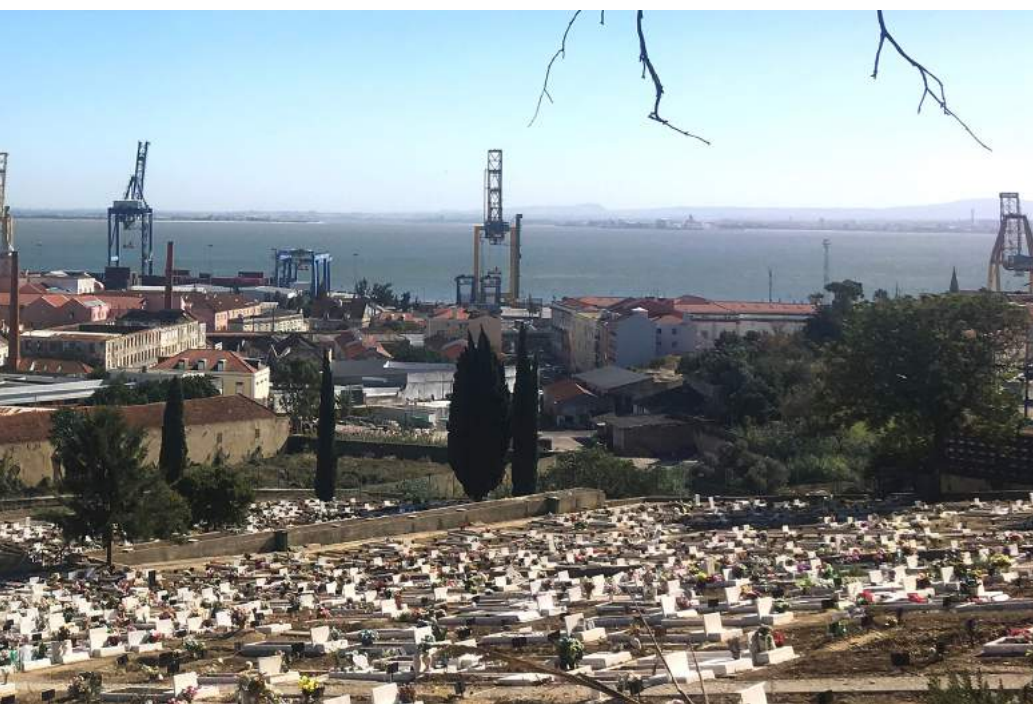
A análise dos tópicos anteriormente referidos mostra ser necessária uma rápida intervenção na área de espaços desqualificados, abandonados ao longo do tempo dada a evolução dos usos do território. Perante esta realidade, vai sendo possível conhecer casos de antigos edifícios industriais que vieram a adquirir novos usos.

Os exemplos estudados permitiram analisar, a diferentes níveis, diversos aspetos dessas intervenções para a melhor compreensão e desenvolvimento do presente projeto de reconversão da antiga Fábrica de tecidos – Tinturaria Portugália. Níveis tais como a ideia, o conceito, o método de conservação, a relação com a preexistência e as materialidades, sendo estas as bases de que partiu esta proposta arquitetónica.

Podemos destacar alguns aspetos destes casos de estudo tidos em conta na elaboração do projeto: a noção de reversibilidade, através da subdivisão de espaços de grandes dimensões; as relações criadas entre o exterior e o interior dos edifícios; a relação entre as preexistências e as novas construções.

Pela sua localização no Vale de Chelas, e pela sua história o complexo Tinturaria Portugália, revela ser uma área de grande potencial de requalificação urbana por responder aos requisitos que destacamos nos casos de estudo atrás referidos.





60. PANORÂMICA QUE CARACTERIZA A  
RELAÇÃO COM O RIO TEJO



# 3

## INDUSTRIA NO VALE DE CHELAS

VALE DE CHELAS | TINTURARIA PORTUGÁLIA



61. LEVANTAMENTO DOS EDIFÍCIOS  
INDUSTRIAIS ZONA DE LISBOA

O Caminho do Oriente é uma vasta zona, delimitada pela estação de Santa Apolónia e pela antiga fábrica de gás da Matinha. A análise deste lugar revela a necessidade de devolver aos habitantes o uso e o usufruto desta área, zona em que o tecido industrial está transformado num “(...) amontoado caótico votado ao abandono (...)”<sup>42</sup>, cuja regeneração é, portanto, inevitável e necessária.

Esta área coloca vários tipos de desafios concetuais, pois é caracterizada pela sobreposição, numa estrutura rural de quintas e conventos, de uma malha industrial. É agora urgente a necessidade de requalificar o património construído, que se encontra em condições precárias, dando um novo uso a estes espaços agora desativados.

O território a intervir será o Vale de Chelas inserido na zona oriental da cidade de Lisboa. No vale de Alcântara e nesta zona ribeirinha de Lisboa que existiu a maior atividade industrial de Portugal.

O vale de Chelas e a zona de Xabregas tinham sido, outrora, terrenos de alguns conventos, e de quintas de veraneio por causa da ligação direta com o rio. Podemos, ainda, constatar através da análise das plantas de Filipe Folque (1856) e Silva Pinto (1910) que a atual estrada de Xabregas fazia a ligação entre o centro da cidade e a saída para o norte do país.

Com a criação de barreiras físicas tais como grandes infraestruturas e vias de comunicação, fez-se o corte entre a zona central e a zona oriental de Lisboa, acentuada pelo passar do tempo por uma vasta área fragmentada, de usos vários e de construções perecíveis.

---

<sup>42</sup> CAMPOS, José de Melo Torres. Caminho do Oriente: Um projeto conjunto da EXPO'98. Camara Municipal de Lisboa e Anibelis. Lisboa: 1998 (p.1)





62. FILIPE FOLQUE - PLANTA GERAL DE LISBOA, 1854 | 1858





63. JULIO SILVA PINTO - PLANTA DA CIDADE DE LISBOA, 1904 I 1911

Com o reordenamento das instalações portuárias e a implantação dos caminhos-de-ferro, no final do século XIX, surgiram e multiplicaram-se construções fabris neste território<sup>43</sup>, tendo sido considerado como um dos centros industriais de Lisboa, e contribuindo para uma profunda alteração social e económica.

Para o Vale de Chelas, que se encontrava até aqui descaracterizado, foram sendo possíveis planos de urbanização que contemplavam a construção de bairros, que ajudavam à fixação de novos habitantes os quais procuravam oportunidades de emprego e melhor qualidade de vida.

Com o desenvolvimento da indústria no Vale de Chelas houve, portanto, a necessidade de alojar essas pessoas. Foram construídos edifícios de apoio na envolvente dos conjuntos fabris, na sua grande maioria de cariz precário mas também vilas operárias. Podemos verificar pela sequência de imagens que foram estas edificações as responsáveis pela densificação do vale, construções que até hoje subsistem, tais como a Vila Dias, a Vila Flamiano e a Vila Amélia, entre outras. Porém, apesar destas múltiplas construções de apoio, o espaço era insuficiente para alojar em condições salubres a sempre crescente taxa populacional.

Na sequência da revolução de 1974, verificou-se um maior investimento no setor terciário, o que provocou uma significativa mudança nas indústrias do Vale de Chelas. De facto no final dos anos 70, a grande maioria da atividade industrial colapsara e as fábricas iam sendo desativadas. O local era descrito como um *cemitério de fábricas*<sup>44</sup>, situação que é visível ainda nos dias de hoje.

---

43 FOLGADO, Deolinda, CUSTÓDIO, Jorge - A Caminho do Oriente, Guia do Património Industrial. Livros Horizonte, 1999

44 MATOS, José Saramago, PAULO, Jorge Ferreira - A Caminho do Oriente, Guia Histórico I. Edição Livros Horizonte, 1999 (p. 41)

Atualmente, trata-se de um território fragmentado, onde coexistem reminiscências rurais, antigos palácios, conventos, indústrias fabris obsoletas e habitação de génese precária. A zona é marcada por problemas sociais que afetam uma população envelhecida e de baixo rendimento.<sup>45</sup>

As grandes indústrias, que foram em tempos o sustento da população que ali habita e contribuíam para o crescimento oriental da cidade, encontram-se agora inativas constituindo uma oportunidade de regeneração pela atribuição de novos usos.



64. INDÚSTRIA NO VALE DE CHELAS

<sup>45</sup> ARU Vale de Chelas. Disponível em: [http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/VIVER/Urbanismo/urbanismo/Reabilitacao/aruchelas/Ponto\\_4\\_da\\_OT\\_-\\_P\\_45-2015\\_ARU\\_Vale\\_Chelas.pdf](http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/VIVER/Urbanismo/urbanismo/Reabilitacao/aruchelas/Ponto_4_da_OT_-_P_45-2015_ARU_Vale_Chelas.pdf)

- 1 PLANO DE PORMENOR DO PARQUE HOSPITALAR ORIENTAL - PROJETO FALCÃO DE CAMPOS + NPK
  - Parque urbano
  - Hospital
  - Áreas de serviços
 + Nova urbanização  
 + Cozimento do Corredor Verde Oriental
- 2 CONVENTO DE SÃO FÉLIX E SANTO ADRIÃO ARQUIVO GERAL DO EXÉRCITO
  - Espaço de arquivo do exército
  - Espaço de biblioteca
  - Espaço museológico
 + Inserido no percurso do Vale  
 + Localização +/- residencial
- 3 PLANO DE PORMENOR DO CASAL DO PINTO
  - Requalificação urbana
  - Espaços públicos
  - A praça, o bairro, a azinhaga/calçada
- 4 TINTURARIA PORTUGÁLIA
  - Espaço Comunitário
  - Espaço de oficinas criativas (associadas à comunidade local e à actividade fabril)
  - Espaço empresarial
 + Valorização da Estrada de Chelas  
 + Centralidade local  
 + Localização residencial  
 + Relação com o parque urbano
- 5 VILA AMÉLIA
  - Uso residencial
- 6 VILA FLAMIANO
  - Uso residencial
- 7 FÁBRICA DA SAMARITANA HUB TECNOLÓGICO DE XABREGAS
  - Espaço de coworking empresarial
  - Espaço empresarial criativo
 + Acessibilidades  
 + Localização - residencial
- 8 VILA DIAS
  - Uso residencial
- 9 PALÁCIO DE XABREGAS
  - Teatro Ibérico
  - Instituto do Emprego e Formação Profissional
- 10 FUTURO PARQUE DE XABREGAS
  - Proposta de uma Estação Fluvial de Xabregas
  - Ligação Almada / Barreiro / Montijo

65. PROPOSTA URBANA PARA O VALE DE CHELAS, ANÁLISE DO PROJETO DOS NPK



### 3.1. PROJETO “CORREDOR VERDE ORIENTAL” – NPK

Corredor Verde Oriental é o projeto dos NPK para a criação de um espaço verde que reabilite o Vale de Chelas e a zona oriental da cidade de Lisboa. O objetivo principal será uma cidade mais sustentável, cujos sistema cultural e natural se complementem.

Globalmente o projeto agrega 250 hectares que comportam dois projetos, o do Parque Hospitalar Oriental, para a zona norte do vale, este da autoria dos NPK e Falcão de Campos (185 hectares), e o Corredor Verde Oriental mais direcionado para o Vale de Chelas, apenas dos NPK (65 hectares).

Nesta zona de Lisboa, um dos elementos determinantes é o relevo: planaltos abertos, consolidados, com ligações fáceis entre si e, paralelamente vales encaixados, ou seja, um espaço urbano disperso e descontínuo.

Os NPK definem cinco sistemas prioritários para o desenvolvimento do projeto: garantir a continuidade natural do sistema hídrico e atmosférico; conservar e potenciar o património cultural; facilitar a ligação transversal entre bairros e reabilitar as ligações das azinhagas e antigas ruas; e, por último, aproximar as pessoas através da criação de praças, interfaces, equipamentos e parques hortícolas.

São idealizadas duas fases, com horizontes temporais diferentes. A primeira fase, a realizar a curto prazo, vem associada ao programa de reabilitação urbana na zona (ARU Vale de Chelas)<sup>46</sup>, ainda desprovido de arborização. Na segunda fase, com um horizonte temporal mais alargado, pervê-se a maturação final do corredor verde com a arborização já em desenvolvimento.

Um sistema de demolições é também um dos aspetos em destaque no projeto, a executar com base em dois cenários. Um primeiro cenário visa a demolição da grande maioria do conjunto de edifícios, entre os quais encontramos o edifício do complexo da antiga Tinturaria Portugália. Numa segunda fase serão demolidos os restantes.

---

<sup>46</sup> ARU Vale de Chelas. Disponível em: [http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/VIVER/Urbanismo/urbanismo/Reabilitacao/aruchelas/Ponto\\_4\\_da\\_OT\\_-\\_P\\_45-2015\\_ARU\\_Vale\\_Chelas.pdf](http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/VIVER/Urbanismo/urbanismo/Reabilitacao/aruchelas/Ponto_4_da_OT_-_P_45-2015_ARU_Vale_Chelas.pdf)

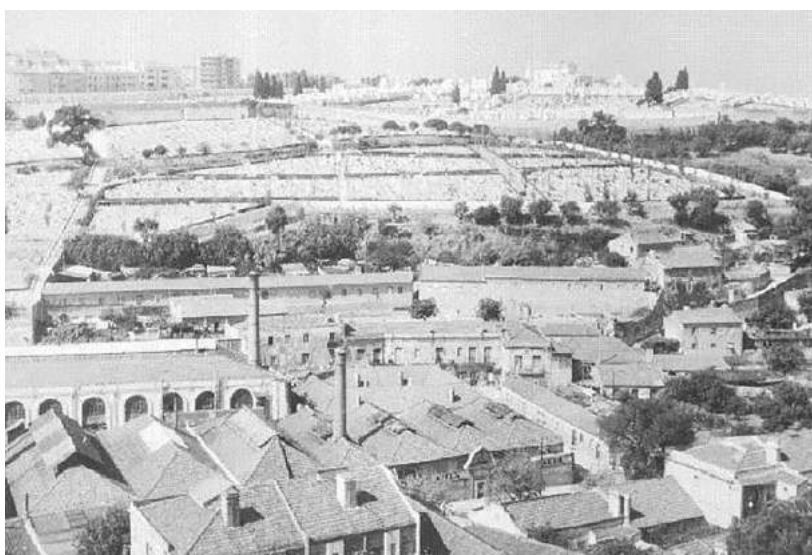






66. RUA GUALDIM PAIS





67. COMPLEXO INDUSTRIAL TINTURARIA  
PORTUGÁLIA E A SUA ENVOLVENTE



68. ORTOFOTOMAPA DO CONJUNTO  
TINTURARIA PORTUGÁLIA

### 3.2. TINTURARIA PORTUGÁLIA

O antigo complexo da fábrica Tinturaria Portugália encontra-se junto ao limite do cemitério do Alto de S. João. Ladeado por este e pelo Bairro da Madre Deus, o conjunto industrial estende-se por uma zona de bastante diferenciação de cotas, do vale às colinas.

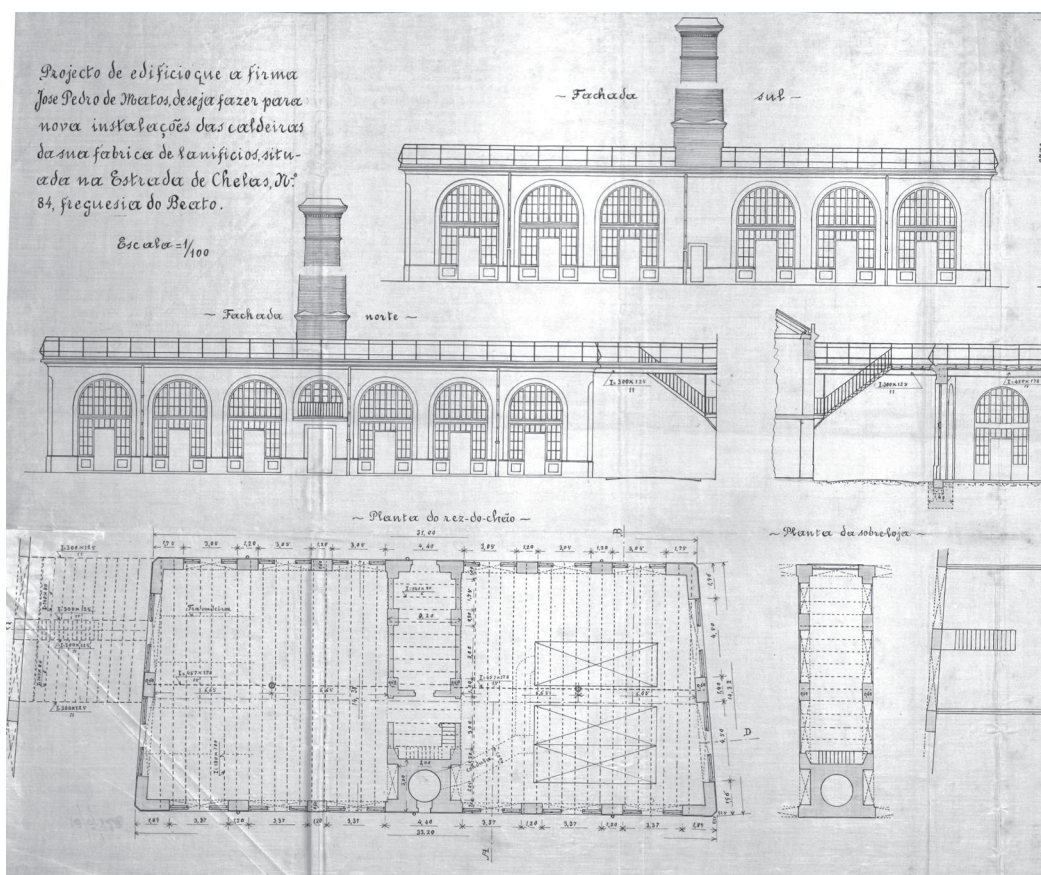
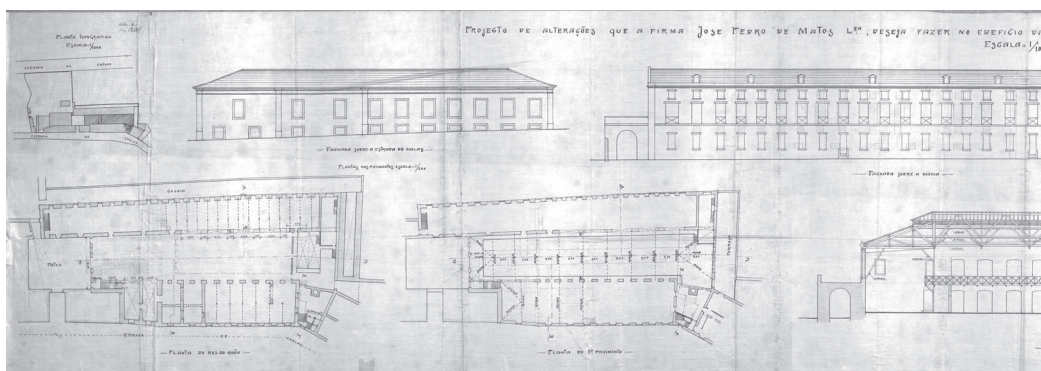
O nome Tinturaria Portugália é atribuído ao complexo pela preexistência encontrada no muro junto à rua Gualdim Pais, onde, a azulejo figura o nome do que foi o antigo complexo de indústria têxtil, propriedade de diversos donos e destinado a usos distintos.

Como fábrica de lanifícios, a tinturaria Portugália iniciou a sua produção em meados de 1918, confeccionando linho e algodão que serviria, sobretudo, antes da revolução industrial, para a produção de velas para os navios. As matérias-primas utilizadas vinham de zonas interiores do país, sendo mais tarde necessário recorrer a Espanha de onde eram importadas as matérias-primas necessárias.<sup>47</sup>

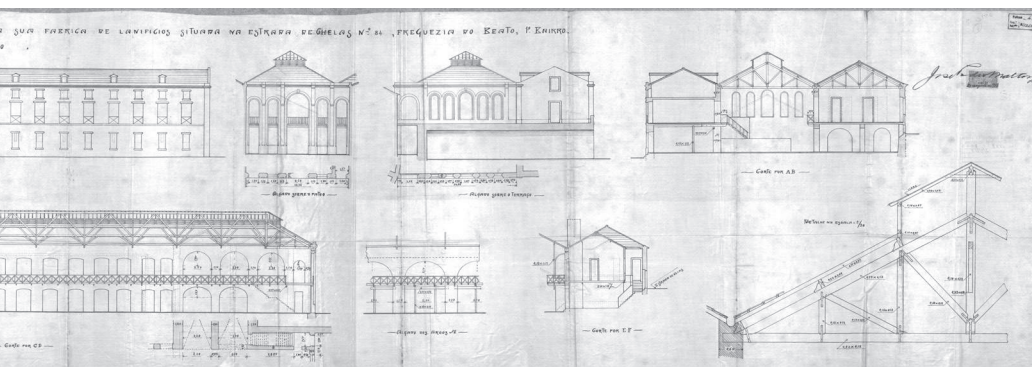
Por esta altura, devido à livre circulação de produtos, verifica-se um importante incremento da atividade têxtil em toda a Europa, muito especialmente na Flandres, pelo seu lugar central no quadro de trocas europeias. Por estes motivos, Portugal passa então a especializar-se na tinturaria e estampagem de tecidos.<sup>48</sup>

47 RODRIGUES, Manuel Ferreira e MENDES, José M. Amado – *História da Indústria em Portugal, da idade média aos nossos dias*. 1.a ed. Lisboa: Publicações Europa América, 1999 (p. 91)

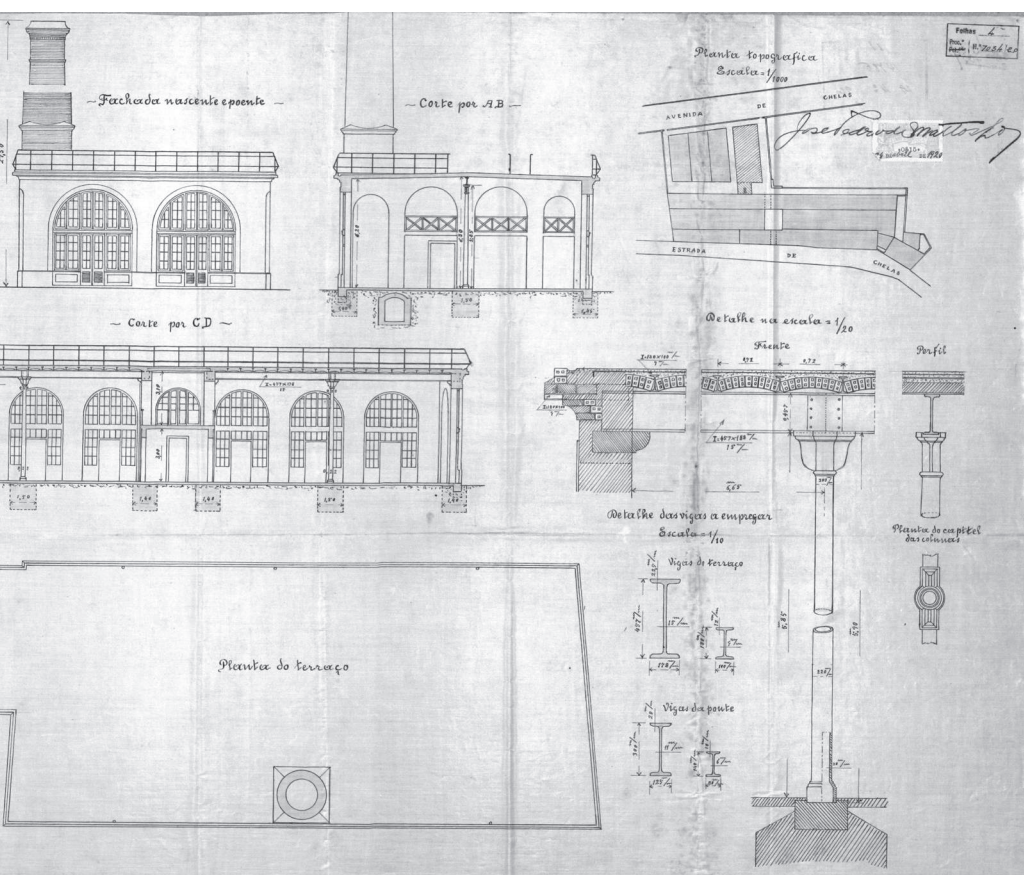
48 RODRIGUES, Manuel Ferreira e MENDES, José M. Amado – *História da Indústria em Portugal, da idade média aos nossos dias*. 1.a ed. Lisboa: Publicações Europa América, 1999 (p. 90)







69. PROJETO DE ALTERAÇÃO PARA A FÁBRICA DE LANIFÍCIOS TINTURARIA PORTUGÁLIA, 1918



70. PROJETO DO EDIFÍCIO DAS CALDEIRAS, 1920

Como forma de responder às necessidades da época, também nesta altura o complexo da Tinturaria Portugália passou a dedicar-se à produção de tinturaria e estampagem de tecidos.

*“No domínio da tinturaria os dados não são abundantes (...) como se sabe era recorrente a utilização de plantas tintureiras, umas nativas, outras de importação, a raiva, o anil e o pastel, para além do uso dos sulfatos conhecidos pelo termo genérico de alúmen, substancia essencial para a fixação de cores.”<sup>49</sup>*

Analisando os documentos solicitados ao Arquivo Municipal de Lisboa (AML)<sup>50</sup>, podemos verificar, com base nas alterações de usos, que ao longo dos tempos foram várias as adições e alterações no edifício. Partiam das preexistências do conjunto fabril e foram levadas a cabo por diversas entidades, mas sempre com um caráter industrial.

A primeira intervenção documentada na Tinturaria Portugália data de 1888, segundo o Arquivo Municipal de Lisboa. Foi apresentado um projeto para a construção de um edifício de habitação de três pisos mais sótão, junto à frente da estrada de Chelas, do lado oeste do conjunto. O proprietário era, então, Francisco Garcia.

É também de 1888, um outro projeto, desta vez de ampliação, para uma habitação de dois pisos, que acompanha o limite do lote, junto à estrada de Chelas. O proprietário era o mesmo.

Em 1918, a firma José Pereira de Matos Lda., propôs uma alteração do lado sul do edifício da fábrica de lanifícios, visando a adição de uma cobertura de duas águas com estrutura em asnas de madeira à nave central, que se tornava interior, bem como a criação nesta mesma nave de uma pequena galeria. Registam-se ainda alguns elementos pontuais.

<sup>49</sup> RODRIGUES, Manuel Ferreira e MENDES, José M. Amado – *História da Indústria em Portugal, da idade média aos nossos dias*. 1.ª ed. Lisboa: Publicações Europa América, 1999 (p. 94)

<sup>50</sup> Documentos disponíveis no Anexo III

Em 1920, a mesma entidade apresentou um projeto de construção de um edifício para as novas instalações das caldeiras da fábrica. O edifício era de um piso, com uma chaminé no lado sul e ainda uma ligação, através da cobertura, à nave principal. A fachada deste edifício, tal como o edifício principal, é construída em arcos.

Em 1937, a ala sul do edifício principal acolheu a fábrica de farinhas “Amidex”, o que exigiu um projeto de alteração. Porém, apenas foram executadas alterações pontuais de forma a adequar o local ao novo uso.

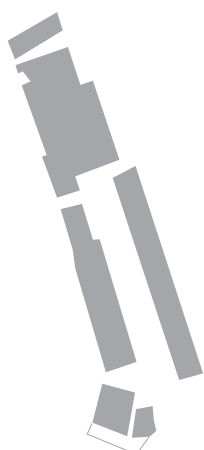
Em 1947, foi requerida por uma empresa de tecidos (a Telhado, Alves Lda.) um projeto de ampliação de um piso para o edifício das caldeiras, o que acabou por não se realizar.

Em 1949, a mesma firma apresentou mais um projeto mas desta vez de ampliação da fábrica. O autor era o arquiteto Manuel Mendes Tainha. Do levantamento realizado para este trabalho, podemos perceber que passariam a existir duas entradas, uma pela estrada de Chelas e uma outra pela atual Rua Gualdim Pais. São legíveis ainda, o que seriam as divisões do interior do complexo e os respetivos usos, verificando-se que a maioria dos espaços se destinava à produção, tinturaria e estampagem de tecidos.

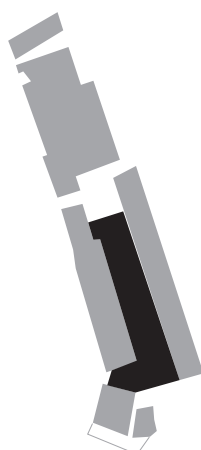
Entre 1950 e 1951, encontramos projetos de ampliação para o edifício principal, agora exclusivamente destinado a albergar uma firma de tinturaria e estampagem de tecidos, apenas sendo executadas alterações pontuais para a adaptação deste espaço a este novo uso.

Desde 1951 até aos nossos dias, não encontramos alterações de grande significância para a arquitetura do complexo. Atualmente, subsistem os edifícios que constituíam este complexo mas deteriorados devido à passagem do tempo, alguns deles ainda a funcionar mas de forma independente e com novos usos.

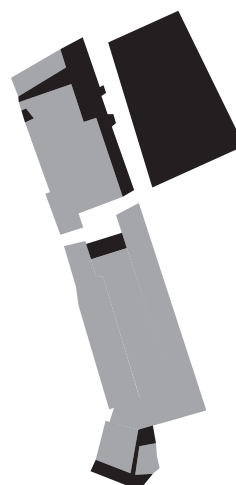
1888



1918



1920



1952

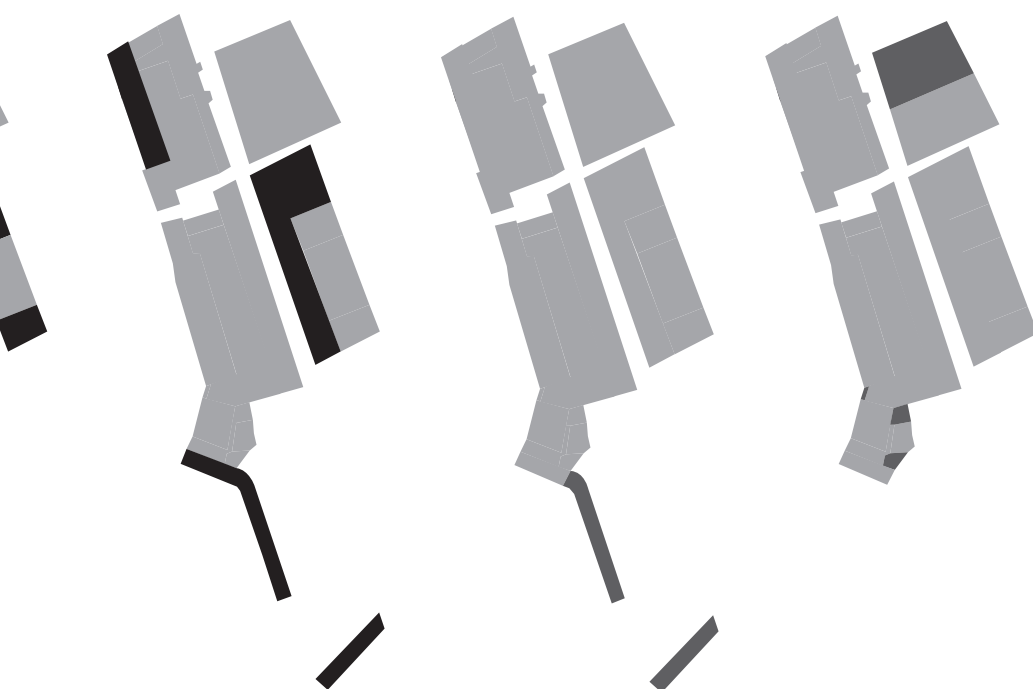




1979

1985

2017



EDIFICADO EXISTENTE

EDIFICADO DEMOLIDO

NOVA CONSTRUÇÃO

71. ESQUEMA DA EVOLUÇÃO HISTÓRICA  
DO COMPLEXO

### 3.2.1. MATERIAIS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS

O edifício original era constituído por três coberturas de duas águas que percorriam as naves laterais longitudinalmente e uma cobertura de duas águas na nave central com entrada de luz zenital, também esta correndo longitudinalmente. As coberturas eram suportadas por estruturas de asnas de madeira, em certos casos meálicas, que encaixavam nas paredes através de cachorros.

Um dos elementos característicos e que chama a atenção neste edifício são as fachadas e o desenho dos vãos nelas existentes. A fachada principal com cerca de 134 metros de comprimento apresenta 28 arcos, cada um com cerca de 8,5 metros de altura e 2,5 metros de largura.

As paredes eram constituídas por alvenaria irregular de pedra calcária entre os arcos e de tijolo de burro no desenho dos arcos. É possível ainda verificar que o desenho desta fachada e os vãos que a compõem têm continuidade nas paredes interiores do edifício, onde encontramos ainda o desenho destes arcos naquela que agora é uma ruína.



72. PORMENOR DA CONSTITUIÇÃO DOS  
VÃOS EM ARCO

A existência de três chaminés de tijolo de grande altura é outro elemento de destaque neste conjunto. A primeira, com cerca de 21,7m de altura, encontra-se junto ao edifício principal em ótimas condições, apesar de ser possível constatar através dos desenhos técnicos, a colocação de uns suportes circulares metálicos. A segunda, quase intacta, encontra-se a norte do lote, tendo pertencido em tempos a um edifício agora demolido. Por último, a chaminé do antigo edifício das caldeiras encontra-se parcialmente danificada.

Este edifício encontra-se em bastante melhores condições que o edifício principal. A fachada, também é caracterizada por vãos em arco e interiores e cobertura ainda se encontram intactos devido às obras de restauro executadas ao longo dos tempos, quando adaptados a novos usos.



73. PORMENOR DO ESTADO DE DEGRADAÇÃO DA ESTRUTURA DO PAVIMENTO

74. ESTADO DE DEGRADAÇÃO DA  
FACHADA A SUL



75. ESTADO DE DEGRADAÇÃO DO  
INTERIOR DO EDIFÍCIO PRINCIPAL



### 3.2.2. SITUAÇÃO ATUAL

Com base na análise dos documentos existentes no Arquivo Municipal podemos constatar que o complexo Tinturaria Porugália se desenvolve ao longo de um edifício considerado permanente e mais antigo. Este pode ser, assim, designado como o edifício principal do complexo.

O conjunto deste complexo industrial é, portanto, constituído por um edifício principal onde se produzia a estampagem e tinturaria de matérias têxteis, a que se foram anexando em toda a área do lote outras infraestruturas, armazéns, telheiros e barracões.

O edifício principal, devido ao tempo durante o qual esteve devoluto, encontra-se atualmente em elevado grau de degradação. Já sem cobertura, apenas são visíveis as paredes em alvenaria irregular, troços de lajes em betão armado, caixilhos em madeira degradados e uma chaminé de tijolo.



76. ESTADO DA FACHADA ESTE DO EDIFÍCIO

O edifício perdeu a cobertura e são raros os indícios da existência de tais estruturas. Encontramos apenas algumas partes de certos elementos e alguns troços de asnas ainda encastradas nas paredes.

Os vãos são o elemento do complexo que, apesar de se encontrarem num adiantado estado de degradação, continuam a ter um grande peso e monumentalidade na paisagem do vale, embora quase impercetíveis para quem percorre as ruas adjacentes ao complexo.

O conjunto das três chaminés que pertenciam ao complexo, responsáveis pela extinção do fumo produzido pelas caldeiras, apresentam, como já foi dito, razoável estado de conservação.

Por último, encontramos o edifício das caldeiras, com características bastante semelhantes ao edifício principal do complexo mas em bastante melhores condições.



77. FACHADA NORTE E DESTAQUE DA CHAMINÉ INSERIDA DENTRO DO EDIFÍCIO











78. FACHADA NORTE DO EDIFÍCIO  
TINTURARIA PORTUGÁLIA



# 4

## PROJETO DE RECONVERSÃO

TINTURARIA PORTUGÁLIA | ESCOLA DE MODA



79. ESTADO DE DEGRADAÇÃO DA FACHADA  
PRINCIPAL DA TINTURARIA

#### 4.1. O CONCEITO

Perante o estudo realizado anteriormente, o complexo Tinturaria Portugália não só representa um tempo na história da indústria em Portugal, como devido à sua importância e localização é um edifício que acresce valor ao território onde se insere. Pelo que, a ideia base e motivação principal deste projeto consiste em reabilitar e reconstruir este espaço, preservando a memória do que representou para a identidade local, como ainda explorar novas formas de qualificar o espaço urbano.

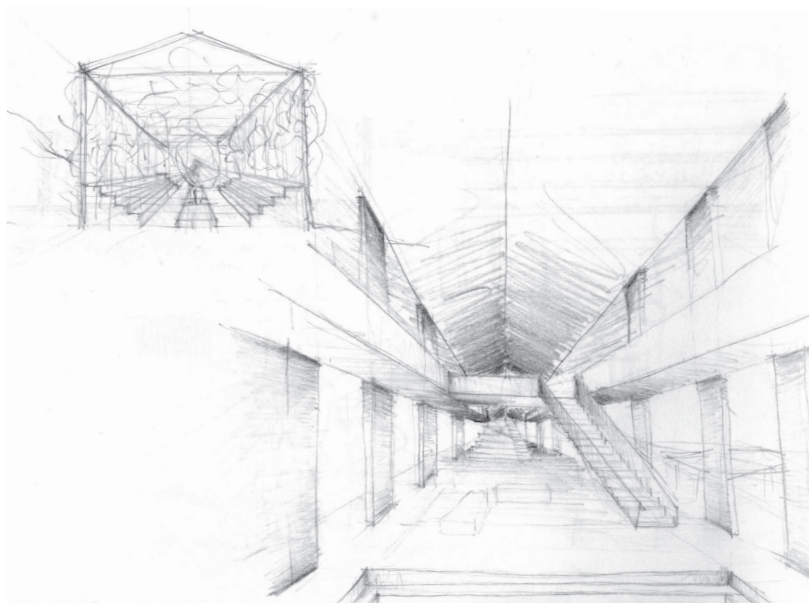
O ponto de partida, foi a hipótese de trazer de volta ao vale de Chelas a memória do que foi em tempos o complexo industrial Tinturaria Portugália. Desta forma, surgiu a ideia de criar um complexo ligado à moda, trazendo à memória a fábrica têxtil e a vivência que esta representou como marco nesta zona da cidade de Lisboa.

O complexo irá requalificar o vale, procurando trazer uma nova dinâmica ao local. Torna-se uma zona pública, qualificada e dotada de equipamentos que satisfaçam as necessidades da população, transformando espaços públicos descaracterizados e desqualificados em locais capazes de chamar a população e promover vivências.

Um complexo educacional ligado à indústria da moda e design, apareceu assim, o tema que melhor incorpora, não só a ideia, mas o edifício escolhido. Este, acredito eu, é uma solução para os problemas identificados na zona, criando uma nova centralidade e um novo desenho urbano pensado para as pessoas que nele poderão vir a habitar.

Este tema de projeto tem ainda como objetivo contrariar o envelhecimento da população, trazendo a esta zona novas faixas etárias, novas mentalidades e formas de estar inovadoras.

O desafio deste trabalho foi a materialização de um projeto de reconversão que salvaguardasse a preexistência, sugerindo uma ideia nova de futuro para estas estruturas até agora devolutas, devolvendo-as à contemporaneidade através da sua reutilização e adaptação a múltiplos e modernos usos.



80. ESQUIÇOS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A TINTURARIA PORTUGÁLIA





81. VISTA DO CEMITÉRIO DE S. JOÃO PARA  
A TINTURARIA PORTUGÁLIA



## 4.2. O PROGRAMA

A escolha do programa a explorar neste complexo foi bastante importante para a criação do projeto a escala arquitetónica. Foi criado um programa que fizesse sentido para o local de intervenção, compreendendo os usos existentes, as necessidades, a população residente, e a população que se pretende atrair, definindo uma estratégia que promova a dinamização do local, a potencialidade dos elementos existentes e que devolvesse movimento e vida ao interior da antiga fábrica.

Deste modo, propõe-se para a reconversão da antiga Tinturaria Portugália a criação de uma escola de design de moda, dotada de espaços para os alunos e funcionários e para os artistas.

A estratégia encontrada para a definição do programa foi, primeiro, a análise dos exemplos estudados anteriormente, com semelhantes características. Destes, dou especial destaque à Fábrica de Santo Thyrsó e, ligados à indústria da moda e design, a Faculdade de Arquitetura – departamento de moda, Escola de Moda de Lisboa - EPMagestil<sup>51</sup> e o Instituto Marangoni - Fashion, Art and Design<sup>52</sup>, escola de moda conceituada em todo o mundo.

Através da análise do programa e organização dos espaços destas escolas, foi possível definir um programa que satisfizesse as necessidades que um complexo deste género implica. Trata-se de um programa que combina diferentes aspetos relacionados com a moda, tendo em atenção o reaproveitamento das estruturas já existentes e o enquadramento destas no parque urbano, dando origem uma zona diversificada e multifuncional.

As características dos edifícios existentes no conjunto orientaram a organização e a distribuição lógica dos espaços, sendo o programa a adaptar-se à preexistência e não o inverso.

51 <http://www.escolamodalisboa.eu/>

52 Imagens disponíveis no anexo IV. <https://www.istitutomarangoni.com/pt-br/>

O programa desenvolvido tem em conta três aspetos principais para o pensamento arquitetónico do espaço: o ensino, a produção e o trabalho.

Tendo por base os edifícios existentes, foi realizada a seguinte organização: o edifício principal, onde se encontra a escola e todos os elementos necessários para a produção de moda; a zona administrativa de apoio à escola, colocada no antigo edifício de habitação junto ao anterior; o antigo edifício das caldeiras que passa agora a fazer parte do parque urbano, tornando-se um bar de apoio ao parque; e por último, foi desenhado um novo edifício, como forma de trazer de volta a vivência da azinhaga que foi a estrada de Chelas. Colmatando o desnível criado pelo Muro do cemitério, este edifício constitui uma zona de ateliers/habitação de artistas.

No edifício principal encontramos zonas comuns, como o bar/refeitório, sala de trabalho, loja de materiais, lounge, biblioteca, uma zona de desfiles polivalente, exterior e interior; e ainda zonas de salas de aulas (salas teóricas, salas de confeção/costura, salas de modulagem, sala de prototipagem, impressão e estampagem têxtil, sala de fotografia, salas de multimédia e sala de professores). Anexado a estes edifícios encontramos o antigo edifício de habitação, agora zona de administração/gestão, constituído pelos gabinetes administrativos, salas de reuniões, tesouraria e secretaria. Na nova edificação encontra-se a zona de ateliers constituídas por uma área de trabalho, cozinha e lazer e uma zona de dormitório. Por último, temos o antigo edifício das caldeiras, agora bar de apoio ao parque urbano onde se encontra a zona de bar/cafetaria.





82. PÁTIO ENTRE AS DUAS NAVES QUE  
CONSTITUEM O EDIFÍCIO PRINCIPAL

### 4.3. A INTERVENÇÃO

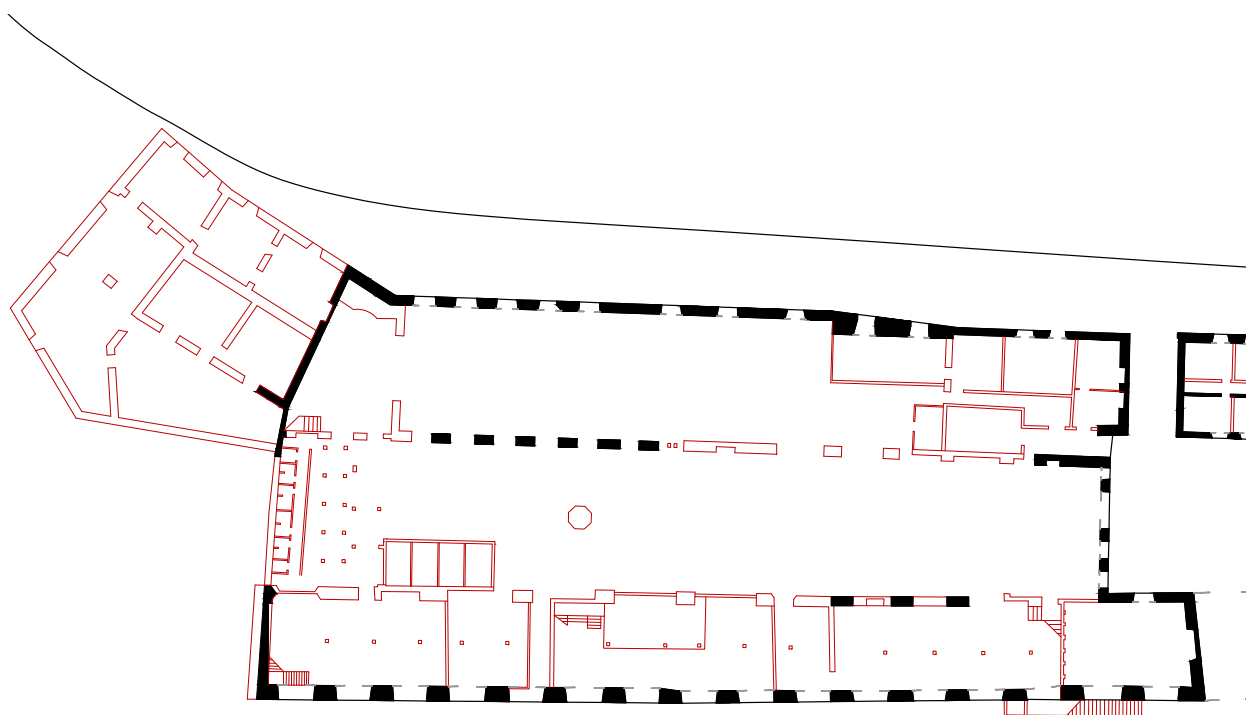
A intenção de revitalização urbana de que parte o projeto pretende consolidar à escala urbana o vale de Chelas, criando um percurso que dê um novo sentido à ligação entre a zona norte do vale de Chelas e o rio Tejo, a sul do vale, e por conseguinte religando-o à cidade.

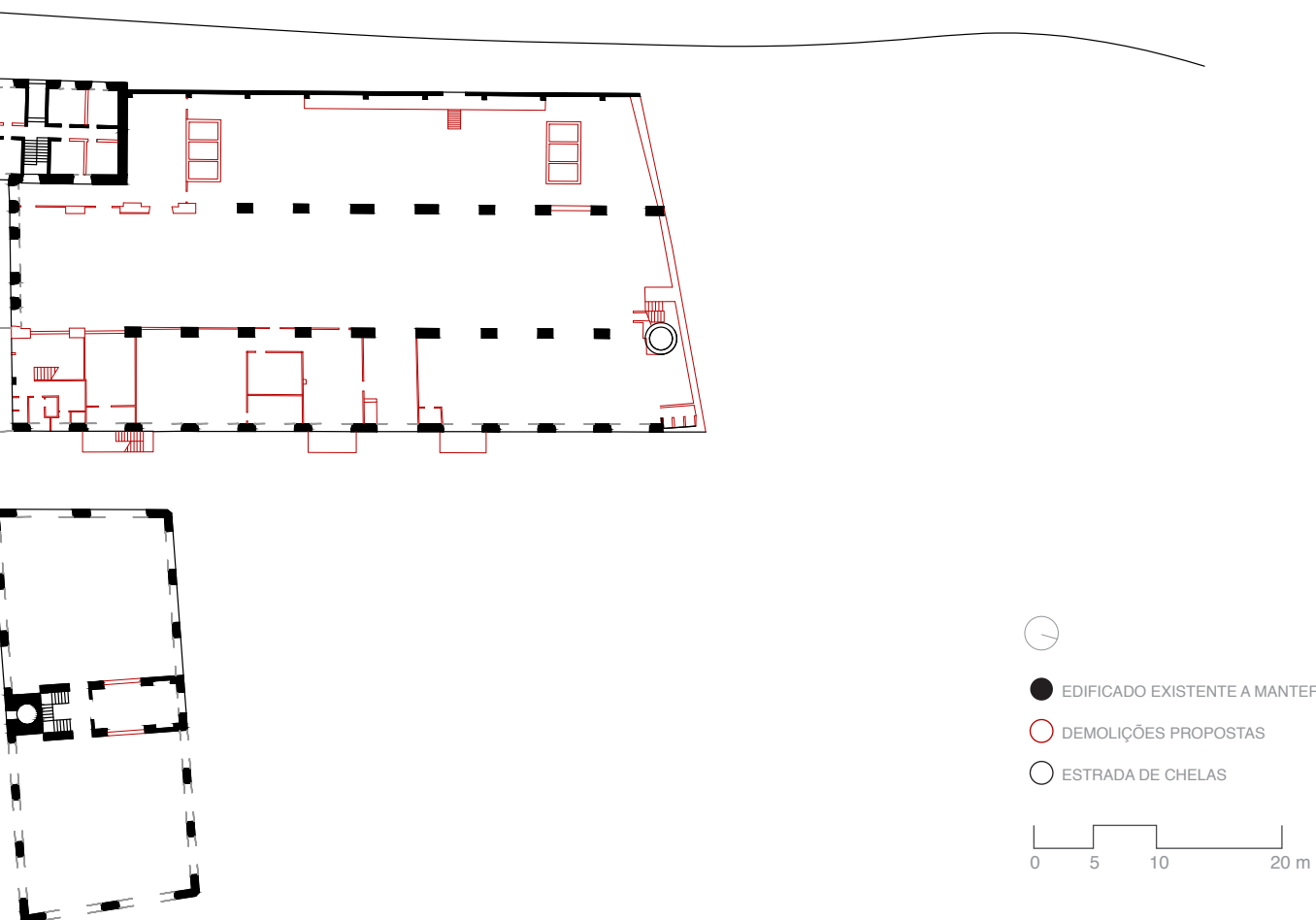
Partiu-se do projeto “Corredor Verde Oriental” dos NPK para a criação de um percurso que ligasse os espaços e o tempo, procurando conservar o património e facilitar as ligações entre os bairros, reabilitando as ligações entre azinhagas e antigas ruas, e simultaneamente definindo espaços públicos e abrindo espaços verdes de qualidade.

O aspeto ecológico deste projeto é um dos tópicos desenvolvidos à escala urbana. A criação de um parque ao longo do vale decorre da sua observação e urbanização. Foi concebido um parque urbano com locais de permanência, dotados de equipamentos públicos e de sombras através da plantação de árvores de folha caduca.

Ao analisar o Plano Diretor Municipal (2012) verifica-se que o vale de Chelas apresenta vulnerabilidade elevada à ocorrência de inundações. Propõe-se, por isso, a criação de um conjunto de espaços verdes permeáveis, devolvendo ao solo o seu carácter natural, e ainda a criação de bacias de retenção.

O presente projeto procura avivar a memória do que foi este território, sendo preservadas as preexistências que contam a passagem de tempo neste local, tais como a antiga chaminé, que integra agora na dinâmica do parque, o antigo edifício das caldeiras, que se encontra agora integrado no espaço público, e os antigos muros, onde se inscreve o azulejo com o nome do antigo complexo: Tinturaria Portugália.



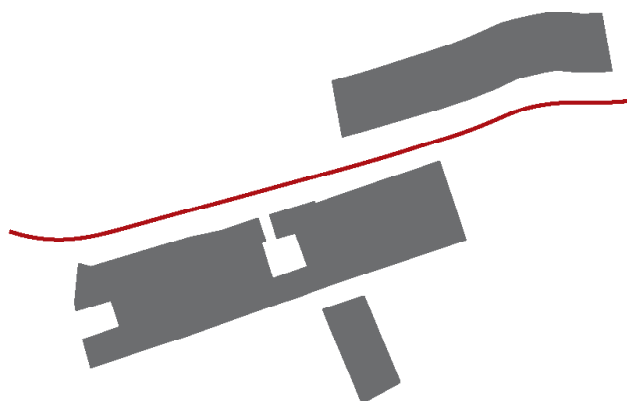


83. PLANTA DAS DEMOLIÇÕES PROPOSTAS E DO EDÍFICADO A MANTER

A consolidação da estrada de Chelas, adjacente ao edifício da Tinturaria Portugália, antiga azinhaga do vale, é um ponto importante, sendo por isso, promovida também a sua reabilitação e melhoramento.

Se analisarmos a rua, deparamo-nos com um desenho orgânico, característico das azinhagas, com dilatações e compressões dos espaços. Propõe-se, também aqui, criar lugares de permanência através da colocação de equipamentos públicos e da plantação de árvores de folha caduca para proporcionar sombra. Junto ao muro do cemitério do alto de S. João é criado um jardim vertical com diferentes tipos de vegetação, tornando um percurso mais agradável, para quem percorre a estrada de Chelas.

Em termos materiais, defende-se a reutilização do pavimento existente de basalto sob asfalto, tornando a rua mais permeável e ao mesmo tempo forçando a redução da velocidade dos meios rodoviários circulantes.



84. ESQUEMA DA IDENTIFICAÇÃO DA ESTRADA DE CHELAS EM RELAÇÃO AO PROJETO



Por último, ao caminharmos pelo vale de Chelas, pudemos verificar a existência de um problema grave no que diz respeito à iluminação. Sendo o vale um espaço marcado por vazios, não existem na maioria dos casos pontos de iluminação durante o período noturno, criando um clima de insegurança. Promove-se, assim, neste projeto, a colocação de iluminação que facilite o atravessamento do vale.

Num projeto de reabilitação é necessário pensar na flexibilidade dos espaços que vamos projetar. O projeto de reconversão da antiga Tinturaria Portugália tem um caráter polivalente, quer na linguagem que se tentou criar, quer na ligação às preexistências, potenciando novos usos que possam diversificar-se ao longo do tempo.



85. ESTADO ATUAL DA ESTRADA DE CHELAS

À escala arquitetónica, o projeto de reconversão do conjunto industrial Tinturaria Portugália distingue-se por duas intenções: em primeiro lugar, a reutilização de dois dos edifícios industriais do conjunto (a nave principal e o antigo edifício das caldeiras) e, em segundo lugar, a necessidade de complementar o conjunto, através de uma nova construção que se relaciona com a preexistência.

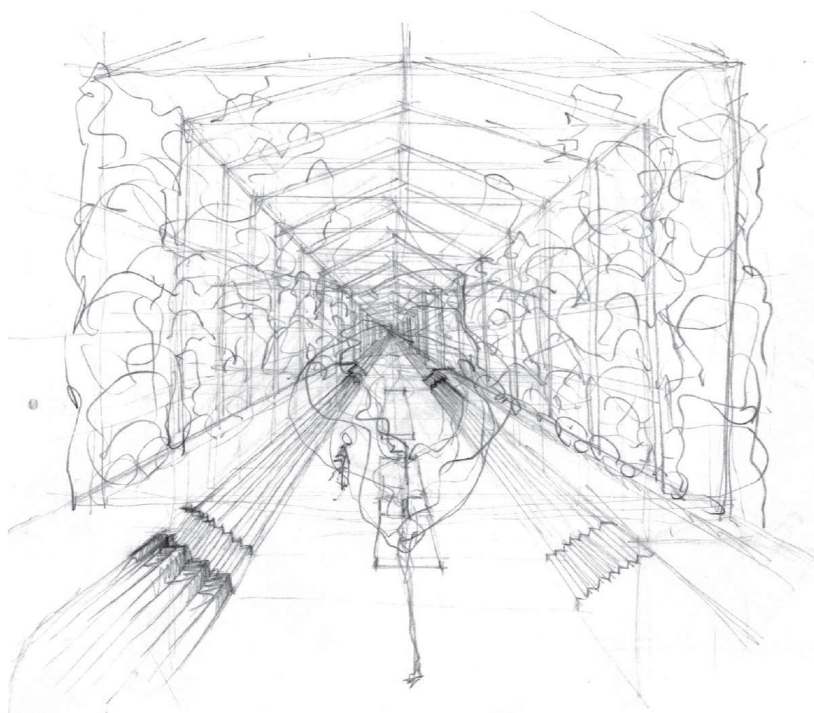
O projeto parte da premissa de reutilização das preexistências, através da sua forma e desenho e também das suas materialidades, procurando guardar a memória do que ali existiu.

Como referido anteriormente, foi definido um novo uso que se adequa às necessidades do território, moldando-se as preexistências sem que estas percam o carácter tempo, criando uma ligação entre o existente e o novo.

Quanto à reutilização destes espaços, propõe-se um uso educacional, através da ideia de criação de uma escola de design moda associada à memória da indústria têxtil.

É no edifício principal do complexo que encontramos a intervenção principal com a adição de novos elementos e estruturas de apoio ao novo uso.

O edifício possui três entradas: uma entrada central, transversal ao edifício, que possibilita a ligação entre a estrada de Chelas e a Rua Gualdim Pais, e dá entrada para o espaço mais comum do edifício, e para o espaço polivalente de desfiles; a segunda entrada encontra-se a norte do edifício, e também dá acesso à zona mais comum; e último, a entrada a sul do complexo, onde uma estrutura metálica percorre toda a nave central e é caracterizado pelo desenho de um jardim vertical que cobre uma zona exterior de desfiles, existindo ainda uma praça onde o elemento água, se combina com a vegetação do parque.



86. ESQUIÇO DA ESTRUTURA EXTERIOR  
DE DESFILES

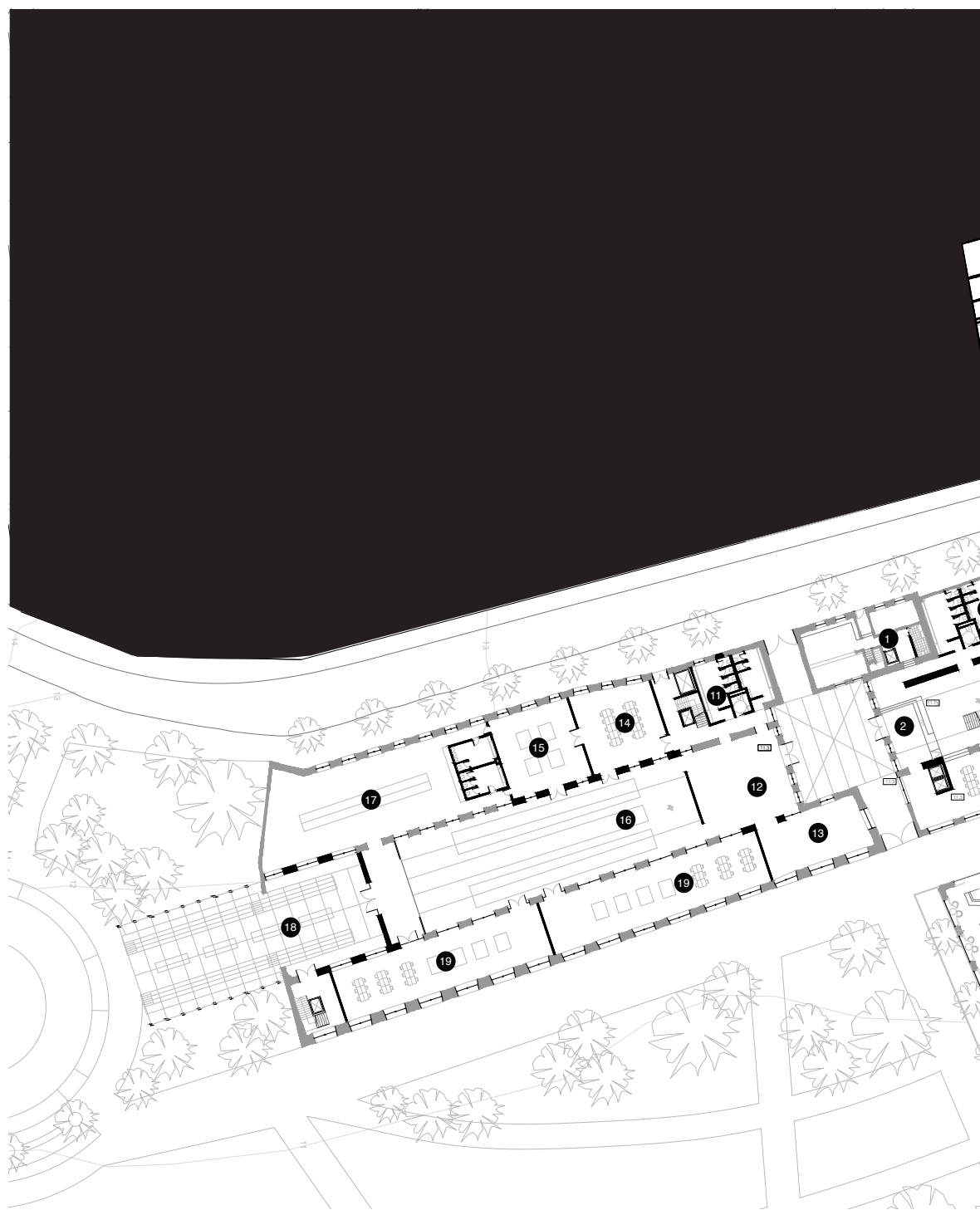
A zona transversal, aberta entre as naves, permite a passagem pelo interior do edifício e para uma zona exterior, cuja cobertura encontramos uma estrutura metálica idêntica à que percorre toda a nave central. Neste caso, porém, é criado um jardim suspenso sobre um pátio de cobertura verde.

No edifício principal podemos analisar duas zonas distintas. No piso térreo da zona mais a norte, encontramos aquela que é a zona mais comum de todo o edifício. Integra as áreas de lounge, os acessos ao piso superior mais imponentes, bem como a loja de materiais, o bar, e uma sala de trabalho. Esta sala surge da necessidade de criar um espaço de trabalho amplo fora das horas letivas. No piso térreo da zona a sul do edifício localiza-se a zona polivalente e de desfiles (uma interior e outra exterior), nascendo no interior do parque urbano. Para a zona exterior de desfiles desenhou-se uma estrutura do jardim vertical que termina numa praça.

No piso superior, encontramos a grande maioria das salas de aulas, distribuídas de acordo com a dimensão dos vãos e a necessidade de cada sala ter mais ou menos entrada de luz. Encontramos, assim, a oeste, as salas destinadas a sessões teóricas, que necessitam de menos luz natural, tal como a sala de fotografia e a biblioteca (esta que tem entrada de luz zenital pela cobertura já existente no complexo). A este, junto à fachada de vãos em arco, localizam-se as salas para aulas práticas de modulação e costura. Todas as salas são acessíveis através de uma galeria criada na nave central.

Por serem o elemento que ruiu na sua quase totalidade foram criadas novas coberturas, que irão assentar nas preexistências. A ideia foi retomar o desenho das coberturas existentes de duas águas, sendo a cobertura central caracterizada pela entrada de luz zenital, com a estrutura metálica à vista, reproduzindo a ideia do esqueleto da cobertura da antiga fábrica. A cumeeira será mais baixa e menos perceptível pelo exterior.







1. ÁREA ADMINISTRATIVA  
 2. ENTRADA  
 3. SALA DE TRABALHO  
 4. LOJA DE MATERIAIS  
 5. LOUNGE  
 6. RECEÇÃO  
 7. ENTRADA  
 8. COZINHA  
 9. BAR  
 10. ARRUMOS  
 11. I.S.  
 12. ENTRADA - ZONA DE DESFILES  
 13. BENGALERO  
 14. SALA DE COSTURA  
 15. SALA DE APOIO  
 16. SALA POLIVALENTE /ZONA DE DESFILES INTERIOR  
 17. BACKSTAGE / PRODUÇÃO DE MODA  
 18. ZONA DE DESFILES EXTERIOR  
 19. SALA DE CONFEÇÃO (COSTURA E MODELAGEM)  
 20. BAR DE APOIO AO PARQUE  
 21. ZONA DE COZINHA E ESTAR (ATELIER)  
 22. ZONA DE TRABALHO (ATELIER)

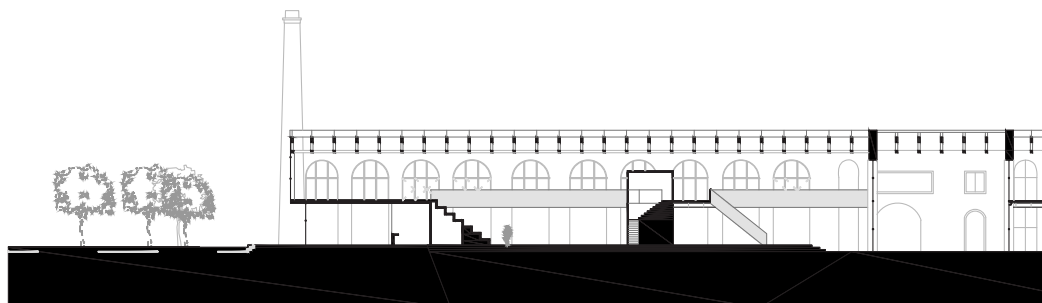
87. PLANTA DO PISO TÉRREO, ESC. 1:750

Embora de desenho um tanto atípico, a única cobertura que se encontra em bom estado de conservação é aquela que fica a noroeste do edifício e, por isso, se encontra no projeto de intervenção. Esta tem entrada de luz zenital pela lateral.

A horizontalidade contínua das coberturas vai contrastar com a existência de uma das chaminés adjacente à parte norte do edifício.

No antigo edifício de habitação, por ser um objeto estranho pelo sítio de implantação e cota funcionaram os serviços administrativos do complexo, tendo ligação direta, interior, ao edifício principal.

O edifício da Escola de moda, com os seus espaços de ensino, produção e trabalho, referidos anteriormente. Foi necessariamente complementado por uma estrutura dotada de novos espaços, destinados ao desenvolvimento de projetos na área do processo criativo. Trata-se de oito ateliers, com zonas de trabalho e de habitação para artistas.

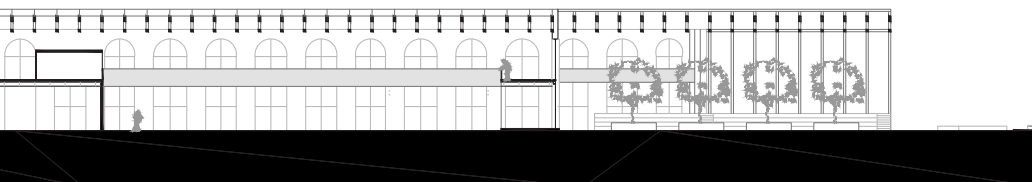




O novo projeto de colmatação, aparece a noroeste do edifício do complexo Tinturaria Portugália. Foi criado tendo em conta o desenho orgânico da rua que se vem a traduzir no interior deste edifício. Este pretende acompanhar a linha contínua do muro do cemitério, memória viva de uma antiga azinhaga.

Os edifícios projetados encontram-se recuados cerca de 5 metros do muro que agora desenha a rua, muro agora interrompido pelas entradas. O arruamento poderá, assim, ganhar um outro ritmo.

A norte desta construção, surge uma nova rua que nos leva à parte de trás do complexo, facilitando a descarga de materiais diretamente para a zona de trabalho dos ateliers.



88. CORTE LONGITUDINAL PELA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO, ESC. 1:750

Os ateliers, foram desenhados com base na ideia de “casa para o artista”. São edifícios de duplo pé direito com mesanine. Encontramos a zona comum na área de duplo pé direito com acesso à entrada e a um pequeno pátio. Debaixo da mesanine situa-se a zona de trabalho e ateliers com acesso ao pátio onde se poderá fazer as cargas e descargas. Na zona superior, encontramos a zona de dormida.

Por último, relativamente ao antigo edificio das caldeiras, que se manteve, foi reduzida a intervenção, para resguardar o máximo da sua identidade. Foi projetado um bar/cafetaria de apoio ao parque urbano e abertos os vãos da zona mais a oeste do edificio, criando uma área de explanada exterior, coberta. Foi ainda desenhado um espelho de água, correndo ao longo deste edificio.



89. ESTADO DE DEGRADAÇÃO DA PARTE INTERIOR DO EDIFÍCIO

#### 4.3.1. MATERIALIDADE E SISTEMAS CONSTRUTIVOS

O projeto, pretende entender as preexistências e em simultâneo ajustar-se ao território envolvente.

Um dos principais objetivos era que o edifício utilizasse como base as preexistências deixando-as à vista, de modo a assegurar uma ligação entre o antigo/existente e o novo, sem que se perca o carácter do tempo. Daí, que se valorizem sempre os elementos já existentes.

O projeto de reabilitação do edifício principal é, portanto, caracterizado pela salvaguarda de determinados elementos. Por isso se manteve a estrutura das paredes e fachadas de alvenaria irregular e os tijolos de burro nos arcos à vista no interior do edificio. Serão colmatados os ocos que possam existir devido à degradação das paredes com argamassa, posteriormente raspada, sugerindo a ideia de algo existente.

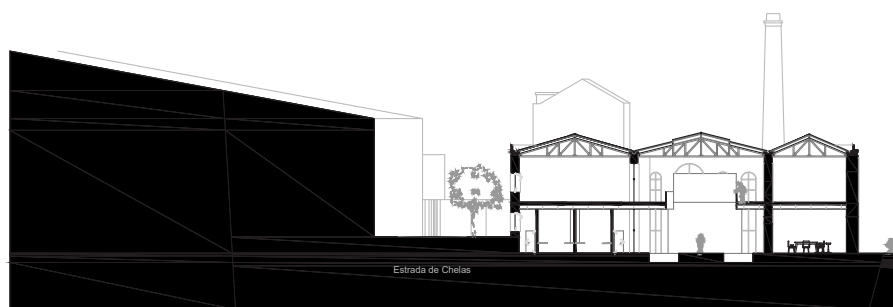
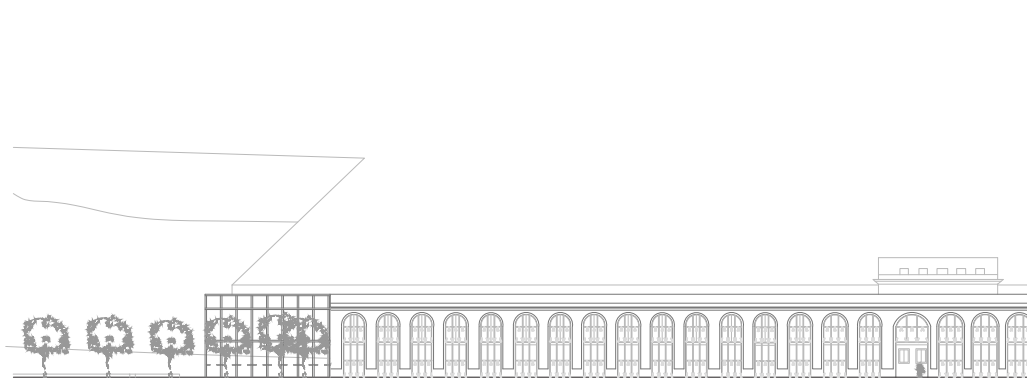
Propõe-se, para a criação dos novos espaços e divisões, a utilização de estruturas metálicas de aço com placas de gesso laminado, mais conhecido como sistema Pladur, por ser de instalação simples, garantir um bom isolamento térmico e permitir bom nível de isolamento acústico. Estas divisórias seriam de cor branca.

Para dar maior ênfase aos elementos arquitetónicos principais, foram colocadas nos vãos chapas de aço, posteriormente pintadas de preto. São moldadas ao desenho de cada vão, ressaltando cerca de 8 cm em cada lado da profundidade do vão, para evidenciar a diferença entre o antigo e o novo.

Foram tomadas como referência a nova sede do escritório de advogados VdA<sup>53</sup>, em Lisboa, da autoria do atelier Openbook e da PMC Arquitetos, e a Nave 16 em Madrid<sup>54</sup>, de Iñacio Carnicero.

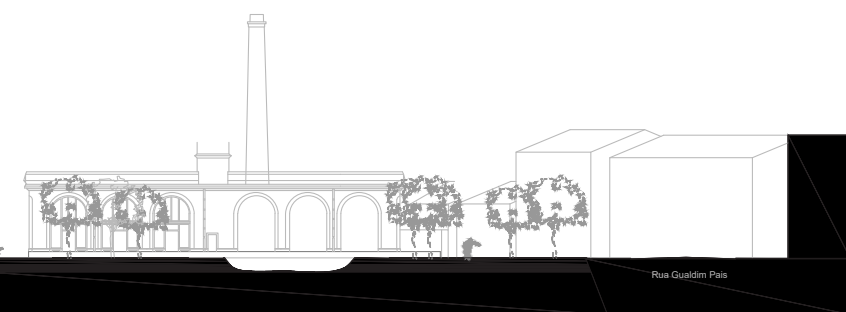
<sup>53</sup> Imagens disponíveis no anexo IV

<sup>54</sup> Exemplo de referência analisado no capítulo 2.3.3 do presente documento





90. ALÇADO ESTE DA PROPOSTA, ESC.  
1:750



91. CORTE TRANSVERSAL PELA  
PROPOSTA, ESC. 1:750

O desenho da caixilharia dos vãos foi criado tendo por base a preexistência e aquilo que é uma característica industrial. Serão, por isso, vãos com caixilharia de aço preto com rotura térmica. Para a eliminação da luz natural, foram colocados estores de correr, tipo blackout, pelo interior do vão, e sempre que possível o mecanismo encontra-se oculto.

Todas as estruturas verticais de acesso bem como as guardas das galerias são em aço preto, para suscitar também um contraste com a pré-existência. Neste caso foi utilizado como referência o projeto de reforma da estação de comboios de Burgos, em Espanha, do atelier Contell-Martínez Arquitectos.<sup>55</sup>

Relativamente aos pavimentos, o piso térreo do edifício seria em microcimento e o piso superior em madeira de pinho, assente numa estrutura metálica, aparafusada à preexistência com parafusos chumbados com resina a esta.

As coberturas do complexo são suportadas por uma estrutura metálica preta em treliça posteriormente encastrada, através de um perfil metálico, num elemento de betão criado para suportar as cargas da cobertura. A esta agregam-se os elementos de iluminação dos espaços. Para a cobertura central foi projetada uma entrada de luz zenital.

O edifício que complementa a preexistência à escala arquitetónica tem uma relação com o muro de suporte do cemitério, sendo a ideia principal criar uma continuidade deste com a reabilitação realizada no edifício principal. O betão e alvenaria de tijolo como isolamento pelo exterior surgem, assim, como solução estrutural para este edifício e a utilização de aço preto assegura a criação de espaços e ambientes. Para a zona de entrada e estacionamento foi desenhado um elemento em aço preto que permite a criação de uma cobertura de proteção.

---

<sup>55</sup> Imagens disponíveis no anexo IV







# 5

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ao longo das décadas, a fábrica desempenhou um papel central no desenvolvimento das logísticas industriais e no crescimento das cidades.

Com efeito, apesar de se encontrarem inicialmente na periferia, as fábricas passaram depois a integrar o tecido urbano. Porém, no séc. XX, com a delocação das indústrias para zonas de novo mais periféricas foram deixando vazios urbanos, vastos complexos devolutos na cidade, extensas áreas onde é possível encontrar a memória de lugares outrora dedicados ao trabalho industrial, que já não servem as necessidades contemporâneas.

Por terem sido alguns destes complexos industriais bastante importantes para a história económica, política e social das comunidades urbanas, o seu valor deve ser preservado. No entanto, esta preocupação está ainda longe de ser uma vertente significativa da história do património. Estes edifícios continuam a ser alvo de destruição por ignorância, em vez de serem objetos de estudo e levantamentos, que justifiquem, ou não, se são estruturas passivas de preservação e valorização como património industrial.

Através do estudo de casos de reconversão de espaços industriais é perceptível que para se intervir é necessário uma adaptação às novas necessidades do local, bem como a criação de uma ligação entre as preexistências e as novas construções, como forma de guardar a memória dos lugares.

Encontramos no vale de Chelas, zona estagnada desde a crise da indústria, o antigo complexo Tinturaria Portugália, que funcionou a partir de meados de 1918 como fábrica de lanifícios e mais tarde como tinturaria e estampagem de tecidos.

A valorização e reutilização das preexistências, a memória dos espaços, dando-lhes um novo uso de acordo com as necessidades e o tecido urbano, foi o mote para o projeto. Pretende-se voltar a dar ao vale e a estrada de Chelas a qualidade atual de um espaço público, promovendo a sociabilidade de quem o habita ou o visita, criando se possível uma nova centralidade na cidade de Lisboa.

A criação de uma nova estrutura pretende complementar o edifício da Tinturaria Portugália, atraindo para aqui novas faixas etárias, novas mentalidades e formas de viver, ou trazendo visitantes nacionais e estrangeiros para esta zona da cidade.





ESTE DOCUMENTO CONTÉM 15 388 PALAVRAS

LISBOA, FA ULISBOA, OUTUBRO 2018





# 6

## BIBLIOGRAFIA

### *Referências Bibliográficas*

APPLETON, João. *Reabilitação de Edifícios Antigos – Patologias e Tecnologias de Intervenção*. Lisboa: Edições Orion, 2003

AGUIAR, José. *Cor e cidade histórica- Estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: FAUP, 2002

AGUIAR, José; ROSA, Daniela. *O Futuro da Memória da Manutenção Militar 2015-2016 Conservação, Restauro e Reabilitação*. Lisboa: FAULisboa, 2016

AGUIAR, J. (2010) “Após Veneza: do restauro estilístico para o restauro crítico” in: Custódio, J. (coord.) - *100 Anos de Património. Memória e Identidade*. Portugal, 1910-2010. Lisboa: IGESPAR, pp. 219-235.

ANDRIEUX, Jean-Yves. *Le patrimoine industriel*. 1992

BAESA, Alberto Campo. *Pensar com as Mãos*. Caleidoscópio, 2011

BAEZA, Alberto Campos. *A ideia construída*. Caleidoscópio, 2004

BOESCH, Martin; LUPINI, Laura; MACHADO, João. *Yellowred – On reused architecture*. Mendrisio Academy Press, 2017

CHOAY, Françoise, trad: CASTRO, Teresa. *A alegoria do património*. Lisboa: Edições 70, 2010

CONSIGLIERI, Carlos; RIBEIRO, Filomena; VARGAS, José; ABEL, Marília. *Pelas Freguesias de Lisboa - Volume 2*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1993

CAMPOS, José de Melo Torres. *Caminho do Oriente: Um projeto conjunto da EXPO'98*. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa e Anibelis, 1998

COSTODIO, Jorge. *A indústria Portuguesa na época do movimento moderno (1925-1965) – a arquitetura da indústria, 1925-1965*. Fundação DOCOMOMO Ibérico

ESPERANÇA, Eduardo Jorge. *Património e comunicação*. Vega, 1997

FERNANDES, José Manuel. *Arquitetura e Indústria em Portugal no século XX*. Lisboa: SECIL. 2003

FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge. *A Caminho do Oriente - Guia do Património Industrial*. Livros Horizonte, 1999

FOLGADO, Deolinda. *A Memória ao Negro ou a salvaguarda como redutora memória*. Revista Património Estudos - Salvaguarda do património Nº6, Lisboa: Ministério da Cultura/IPPAR, 2004

Folgado, D. (2002) “OLIVA”, *Património Cultural*, 2002. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonioimovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/6647297>

Folgado, D. (2004b) “A Napolitana – Programa arquitectónico ao serviço da indústria”, *Património Estudos*, Lisboa: Ministério da Cultura/IPPAR, nº 6, .

*Lei de Bases do Património Cultural* - Lei n.º 107/2001, de 08 de Setembro PGDL, 2001. Procuradoria Geral-Distrital de Lisboa. Disponível em: [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=844&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=844&tabela=leis) [consult.]

LNEC. *Colaboração na caracterização dos efluentes da indústria têxtil da bacia do rio ave*. Lisboa, 1987

MAIA, Laura; ALVES, Anabela; LEÃO, Celina. *Perspetivas individuais sobre a necessidade de mudança: estudo de caso na indústria têxtil e do vestuário portuguesa*. Guimarães: RISTI, 2014

MATOS, José Saramago; PAULO, Jorge Ferreira. *A Caminho do Oriente - Guia Histórico I*. Edição Livros Horizonte, 1999

MATOS, José Saramago; PAULO, Jorge Ferreira. *A Caminho do Oriente, Guia Histórico II*. Edição Livros Horizonte, 1999

MARTINS, Guilherme d'Oliveira. *Património, Herança e Memória: A Cultura como Criação*. Lisboa: Gradiva, 2009

MENDES, José Amado. *Industrialização e património industrial: desenvolvimento e cultura*.

NEVES, José de Sousa Machado Ferreira. *Indústria e comércio dos têxteis: Introdução ao estudo da atividade têxtil*. Porto: Livraria Lopes da Silva Editora, 1987

NELSON, George. *Industrial Architecture of Albert Kahn*. Inc. 1939

PEREIRA, P. *Acerca das Intervenções no Património Edificado. Alguma História in: Pereira, P. (coord.) - Intervenções no Património: 1995-2000*. Nova Política. Lisboa: IPPAR, 1997

RODRIGUES, Manuel Ferreira; MENDES, José M. Amado. *História da indústria Portuguesa – da idade média aos nossos dias*. Publicações Europa America, 1999

TRAÇO Alternativo – Arquitetos associados. *Guia de Arquitetura – Espaços e Edifícios reabilitados*. Grupo editorial vida económica, 2013

ZUMTHOR, Peter. *Atmospheres*. Birkhauser- Publishers for architecture, 2006

*Trabalhos Académicos*

FOLGADO, Deolinda – A nova ordem industrial: da fábrica ao território de Lisboa. Lisboa: FLUL, 2009. Doutoramento em História

KONG, Mário Say Ming - Arquitetura industrial: uma abordagem, Central Tejo. Lisboa: FAUL, 2001. Trabalho final de Mestrado

LEAL, Ana Cordeiro – Repensar a fábrica: proposta de reconversão para a antiga fábrica Vulcano e Colares na Boavista. Lisboa: FAUL, 2016. Trabalho final de Mestrado

MIHIC, Neda - Património Industrial como nuevo paisaje cultural. Lisboa: FAUL, 2012. Trabalho final de Mestrado

REIS, Bruna Marisa Carreira – Marvila, memória industrial: A fábrica como equipamento coletivo e cultural. Lisboa: FAUL, 2015. Trabalho de final de Mestrado

VAZ, Jorge Frederico Oliveira – Impresso no Vale: reutilizações das preexistências do conjunto industrial da Tinturaria Portugália no território a jusante do Vale de Chelas. Lisboa: FAUL, 2017. Trabalho final de Mestrado

SANTOS, José – Arquitetura Industrial da obsolescência á reconversão. Porto: FAUP, 2013. Trabalho final de Mestrado

SILVA, Miguel - Património Industrial em Portugal: inclusão do passado em Projetos Contemporâneos. Lisboa: FAUL, 2012. Tese de Doutoramento

OLIVEIRA, Ana Laura – Novos usos para o Património Industrial: O caso da Cordoaria Nacional. Lisboa: FAUL, 2012. Prova Final de Mestrado





# 7

## ANEXOS

ANEXO I. CARTOGRAFIA HISTÓRICA E DE REFERÊNCIA

ANEXO II. REGISTO FOTOGRÁFICO E DE REFERÊNCIA

ANEXO III. LEVANTAMENTO CML TINTURARIA PORTUGÁLIA

ANEXO IV. REFERÊNCIAS

ANEXO V. PROCESSO DE TRABALHO

ANEXO VI. PAINÉIS SÍNTESE



1833, LE CHERE COLMET BEAUVOISIN - PLANO DE LISBOA



1843, F. PIERRY VIDAL - PLANTA DA CIDADE DE LISBOA

## ANEXO I. CARTOGRAFIA HISTÓRICA E DE REFERÊNCIA



1854 | 1858, FILIPE FOLQUE - PLANTA GERAL DE LISBOA

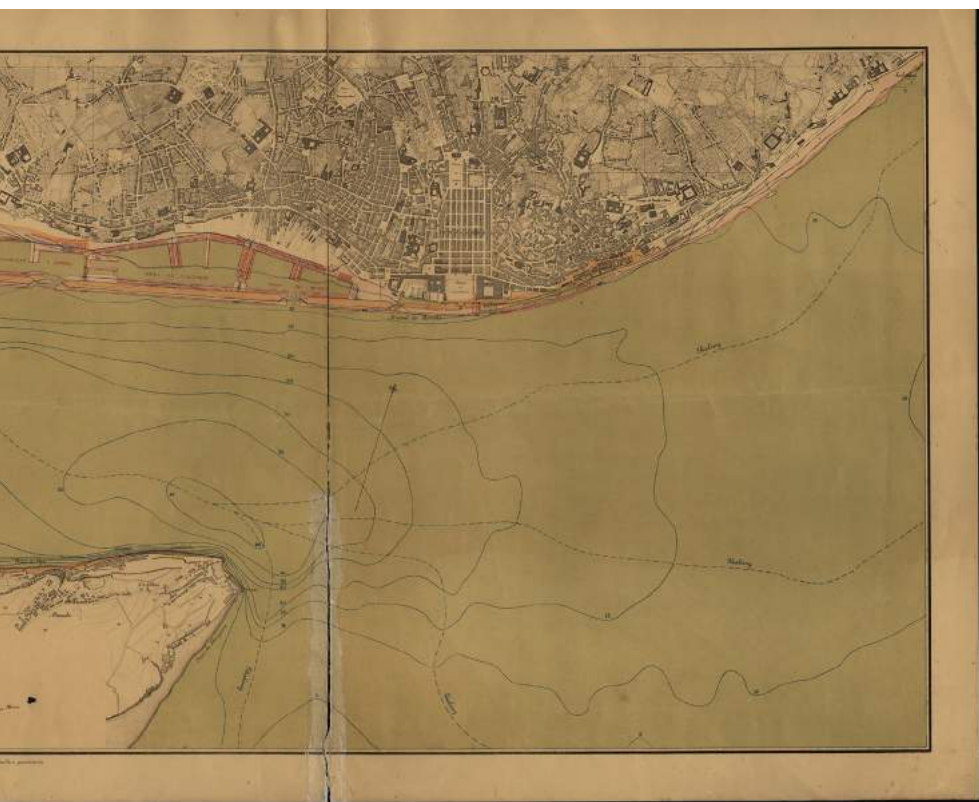


1856 | 1858, MIGUEL CORREIA, FILIPE FOLQUE - PLANTA TOPOGRÁFICA DE LISBOA





1875, J. F. M. PALHA - PLANTA DA CIDADE DE LISBOA



1883, AUTOR DESCONHECIDO - PLANTA DO RIO TEJO E SUAS MARGENS

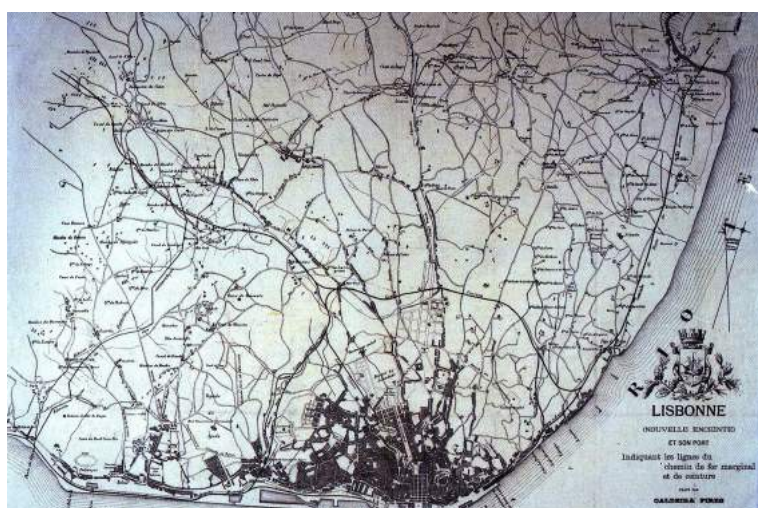




1885, CALDEIRA PIRES, M. GRIMA - PLANTA DA CIDADE DE LISBOA E ARREDORES



1888, AUTOR DESCONHECIDO - PLANTA DA CIDADE DE LISBOA



1897, AUTOR DESCONHECIDO - CARTA DO CONSELHO DE LISBOA COM QUINTAS E AZINHAGAS



1898, AUTOR DESCONHECIDO - PLANTA DA CIDADE DE LISBOA COM OS PRINCIPAIS EQUIPAMENTOS URBANOS



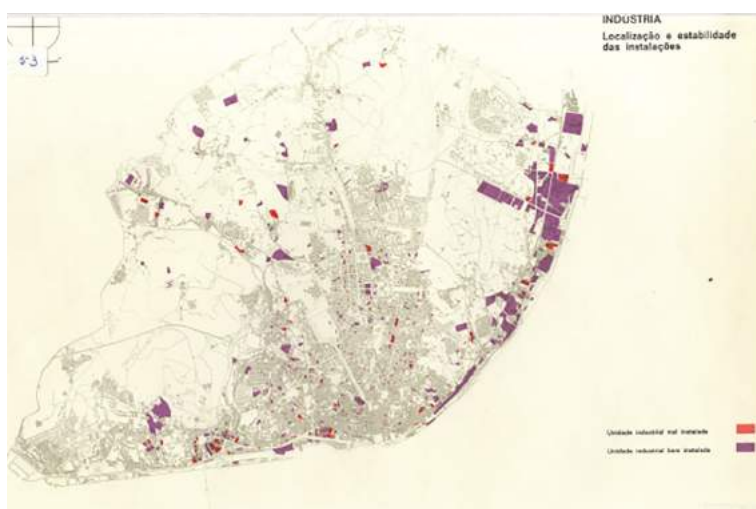


1904 | 1911, JULIO SILVA PINTO - PLANTA DA  
CIDADE DE LISBOA

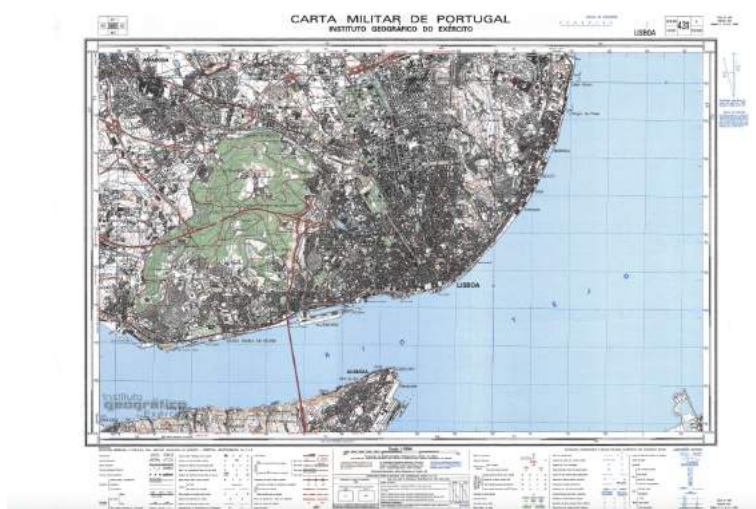


1909, EUGÉNIO DOS SANTOS, CARLOS MARDEL -  
PLANTA DE RECONSTRUÇÃO DE LISBOA APÓS O  
TERRAMOTO DE 1755

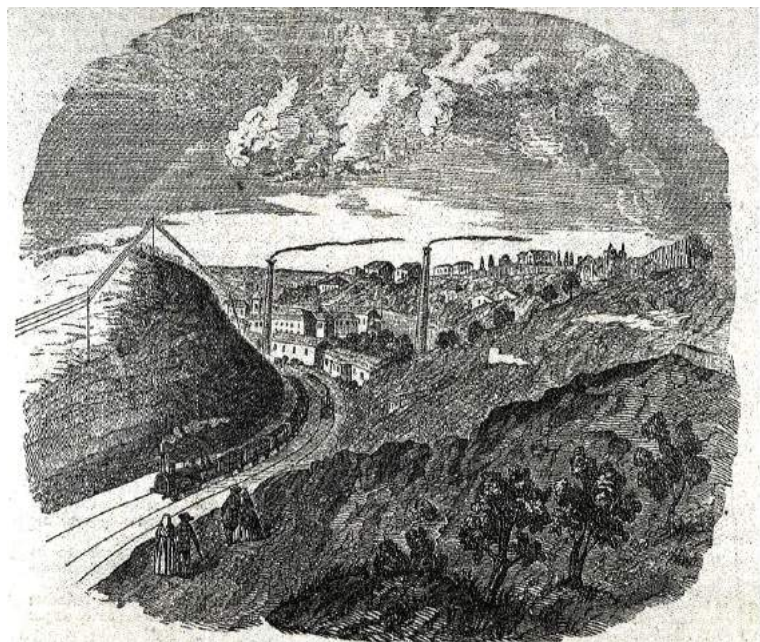




1950, AUTOR DESCONHECIDO - PLANTA DA LOCALIZAÇÃO E ESTABILIDADE DAS INDUSTRIAS

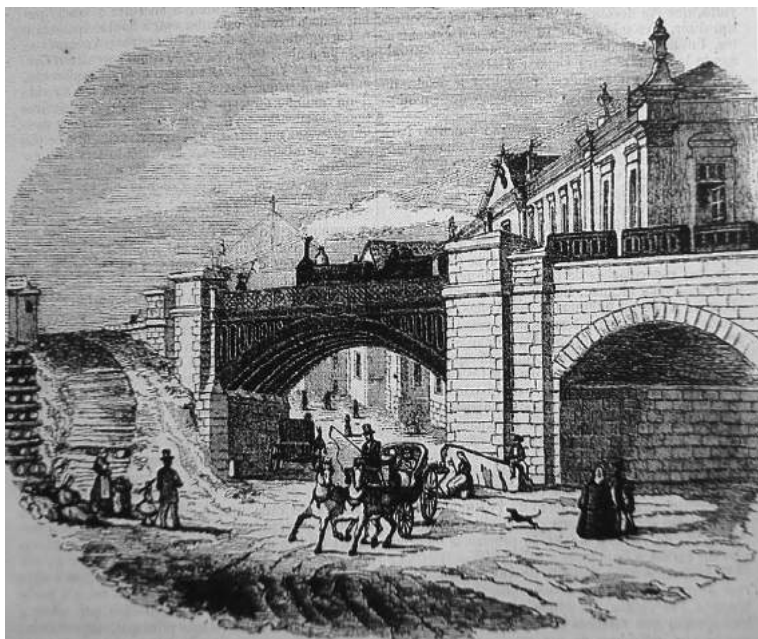


1993, AUTOR DESCONHECIDO - CARTA MILITAR DE LISBOA



1957, VALE DE CHELAS E O CAMINHO DE FERRO

## ANEXO II. REGISTO FOTOGRÁFICO E DE REFERÊNCIA



1957, PONTE DE XABREGAS



SEC. XX, VALE DE CHELAS





1947, ORTOGOTOMAPA - CISEOE



SEC. XX, VALE DE CHELAS



1939 | 1946, MERCADO DE XABREGAS





1910, VIADUTO DE CHELAS



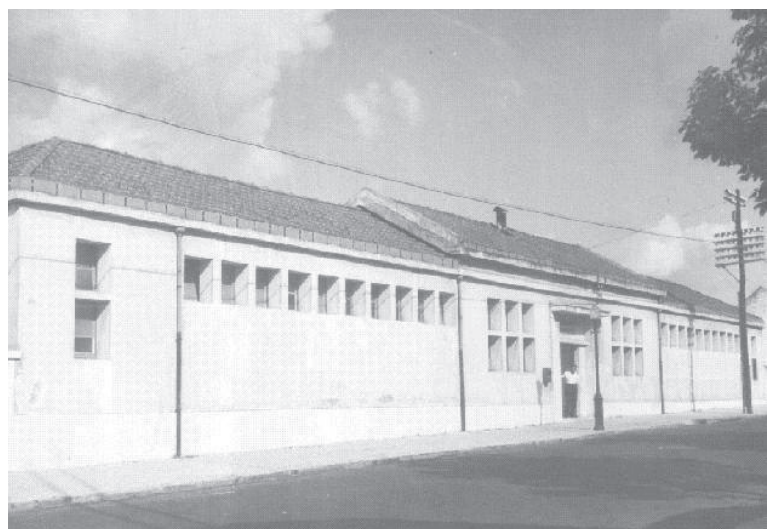


1914 | 1968, PRESENÇA DO CAMINHO DE FERRO  
NO VALE DE CHELAS





1954, VIADUTO DE XABREGAS

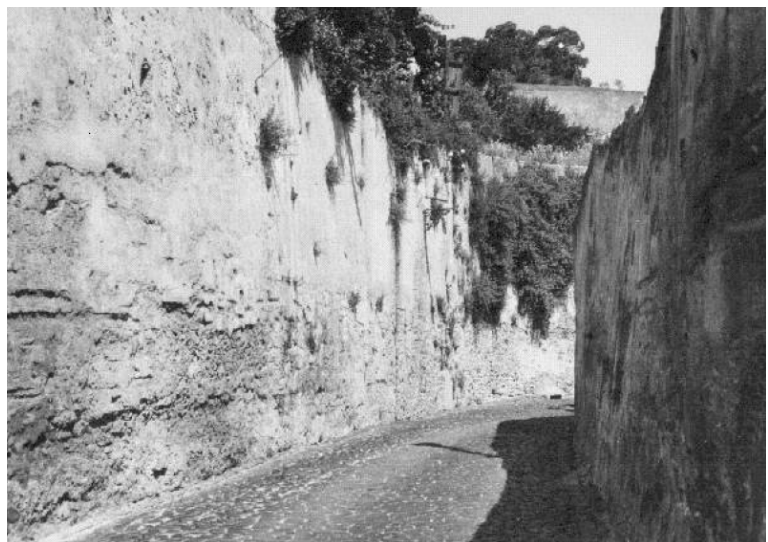
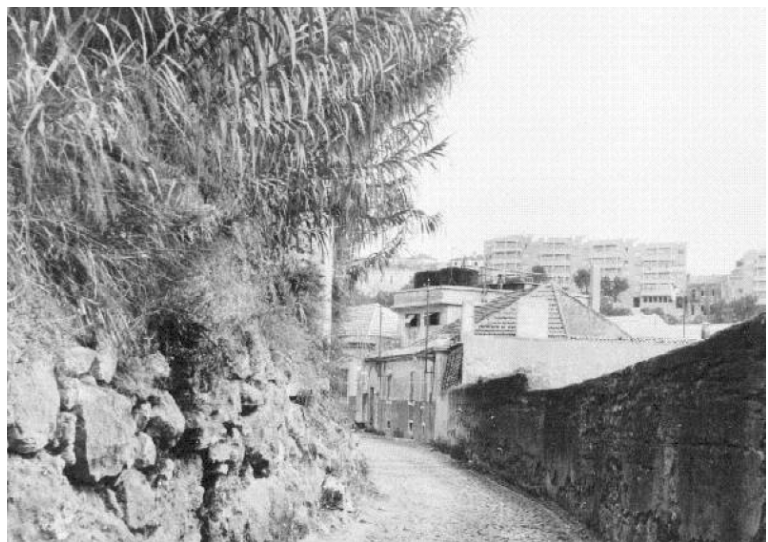


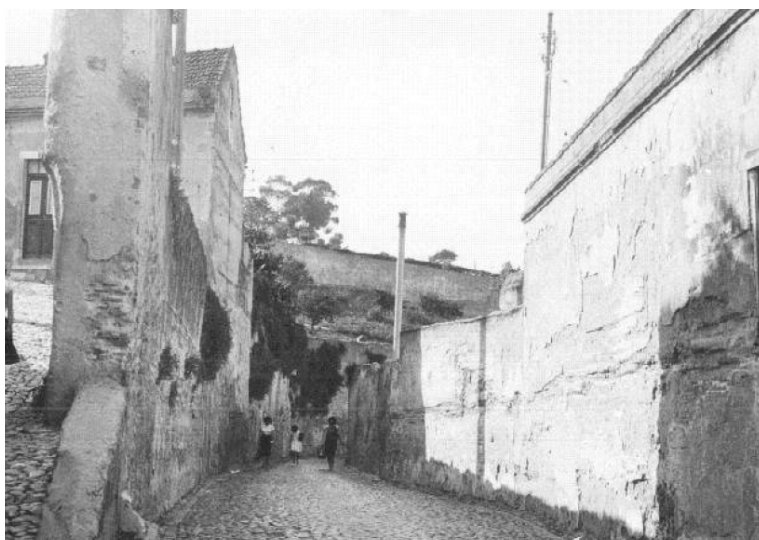
1950, RUA GUALDIM PAIS





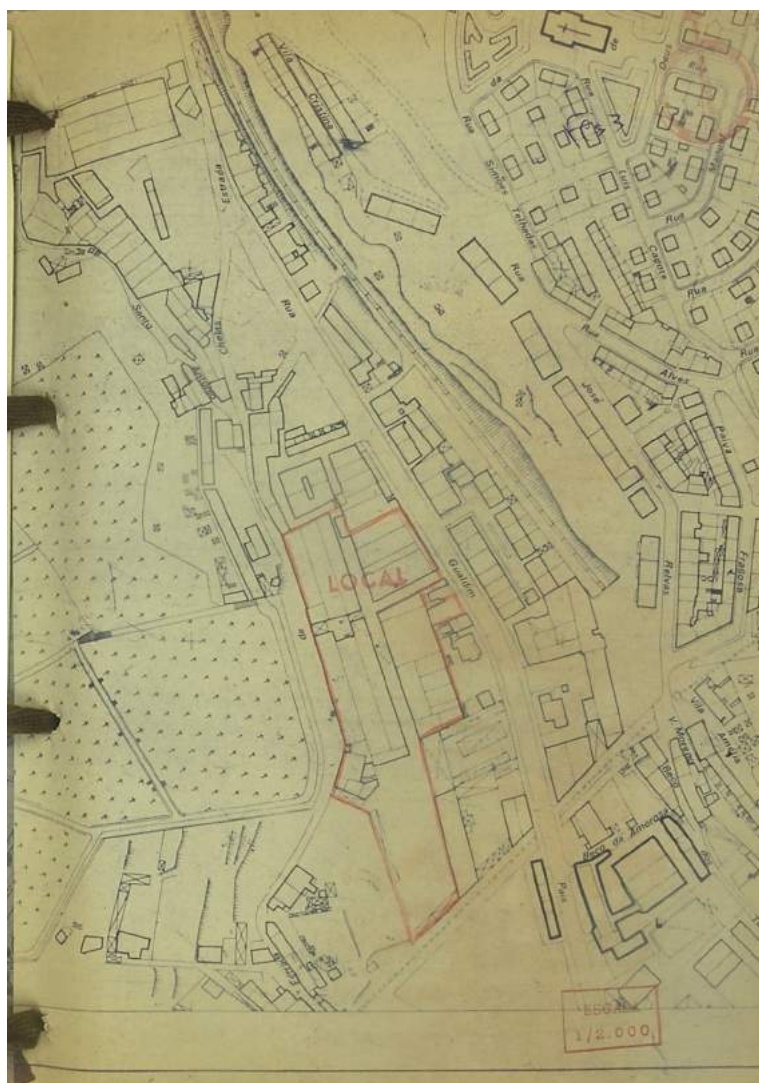
DATA DESCONHECIDA, CONJUNTO INDUSTRIAL  
TINTURARIA PORTUGÁLIA E ENVOLVENTE





1950, ESTRADA DE CHELAS

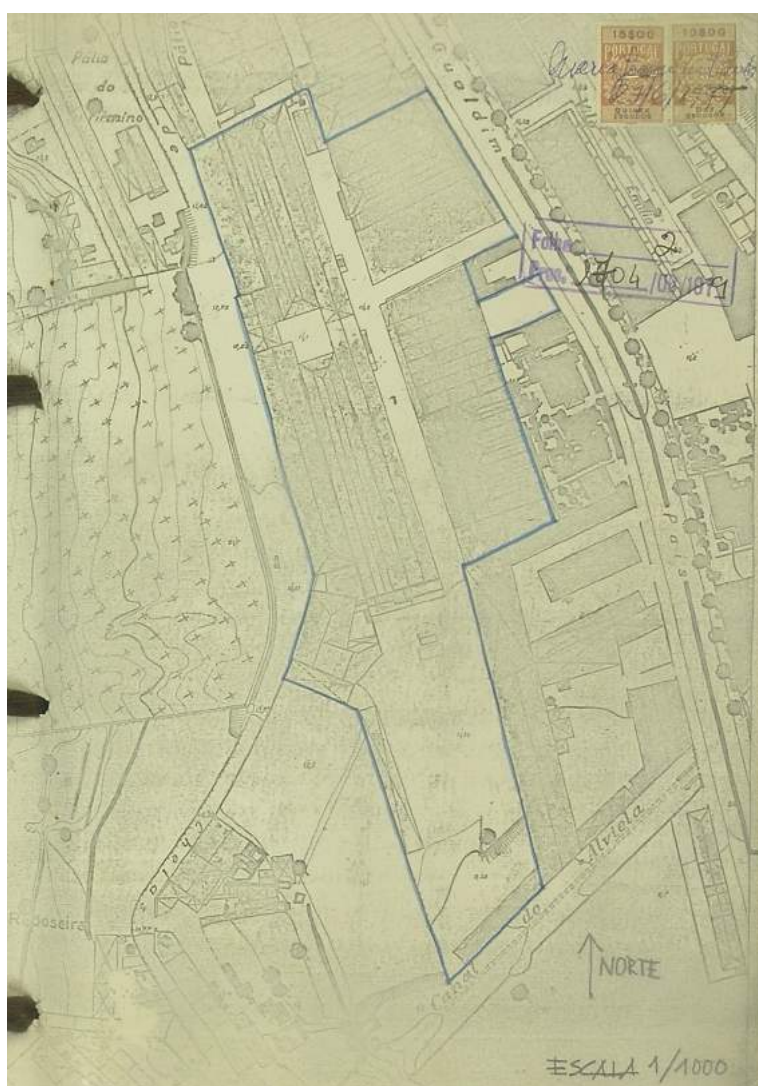




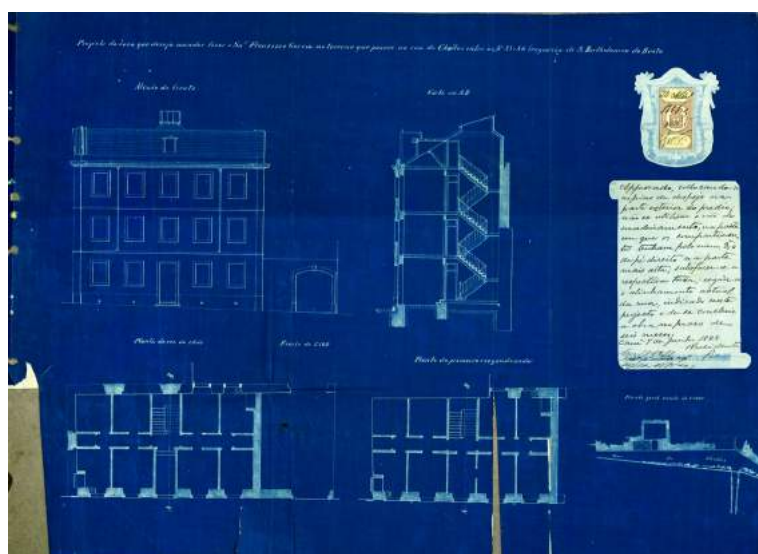
1979, PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DO COMPLEXO INDUSTRIAL TINTURARIA PORTUGÁLIA



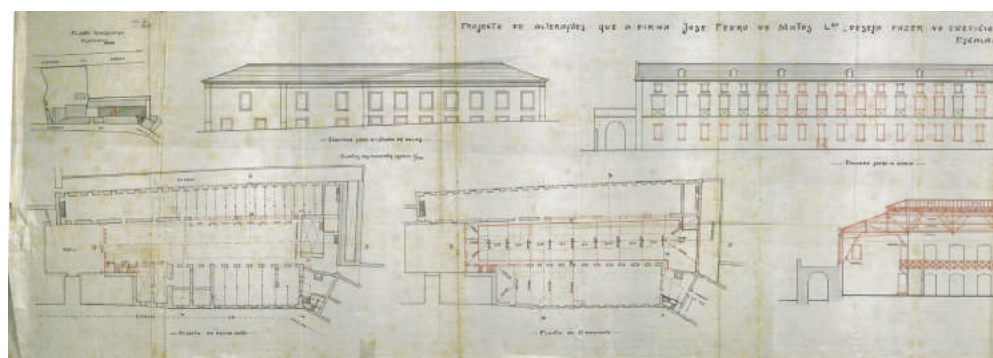
ANEXO III. LEVANTAMENTO CML TINTURARIA PORTUGÁLIA

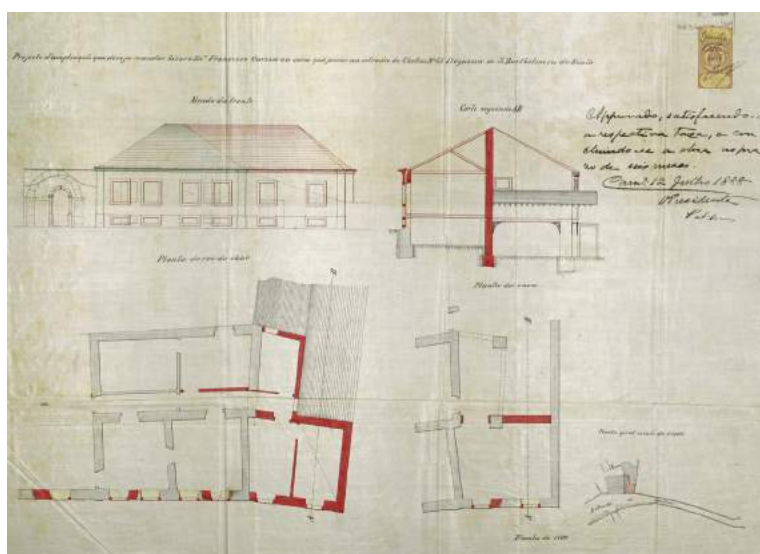


1979, PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DO COMPLEXO INDUSTRIAL TINTURARIA PORTUGÁLIA

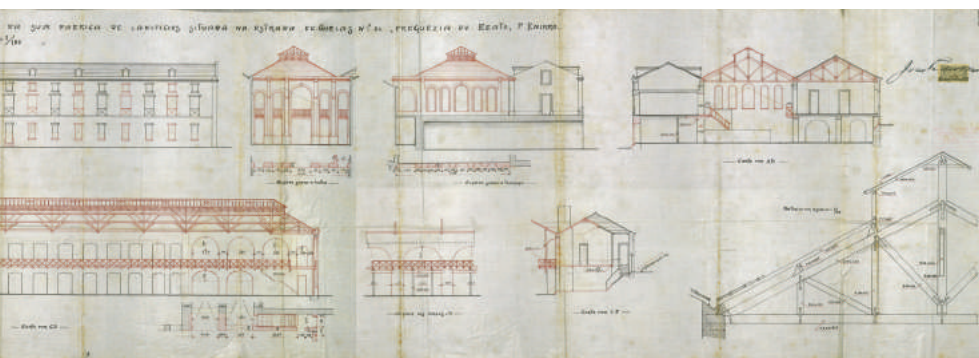


1888, PROJETO DO EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO

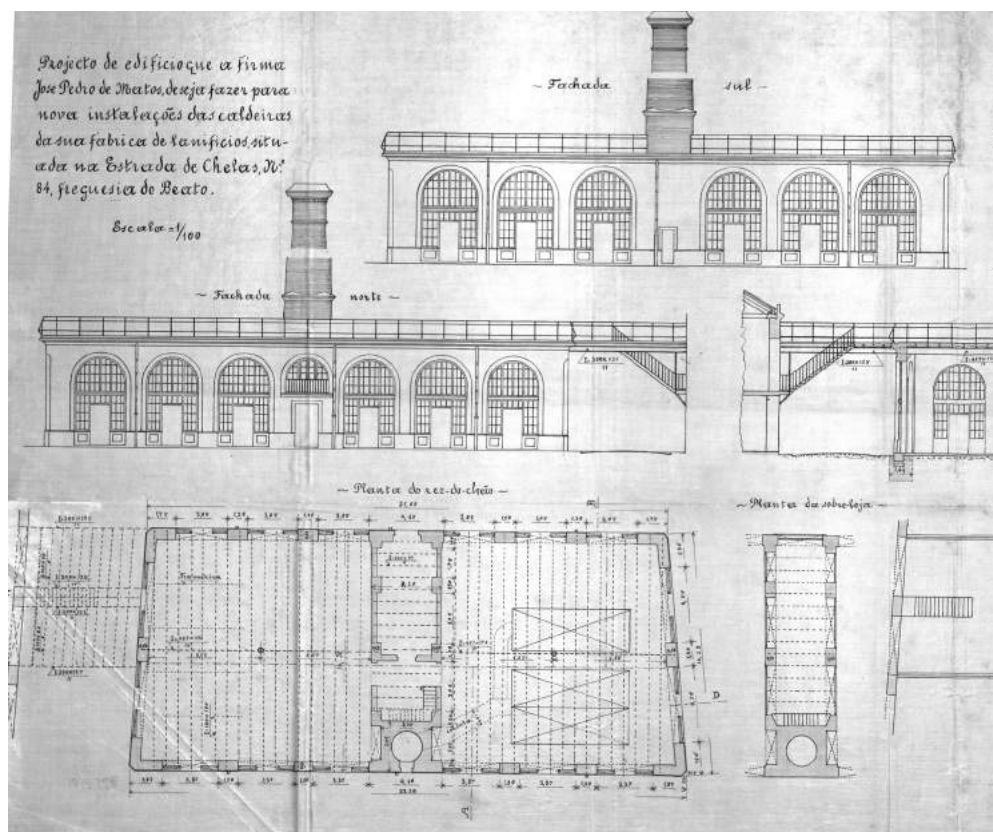




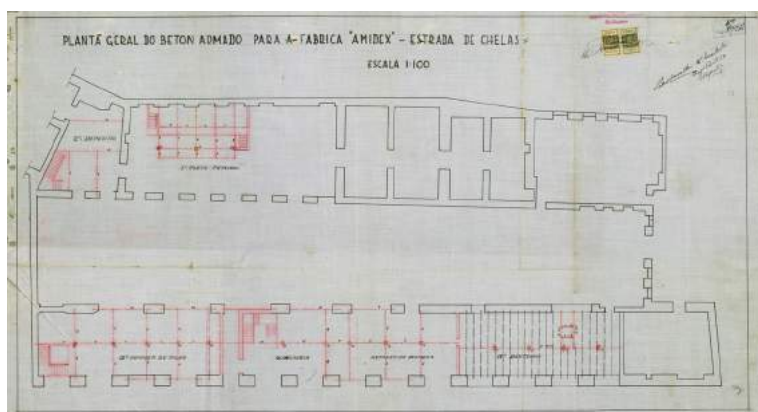
1888, PROJETO DE AMPLIAÇÃO



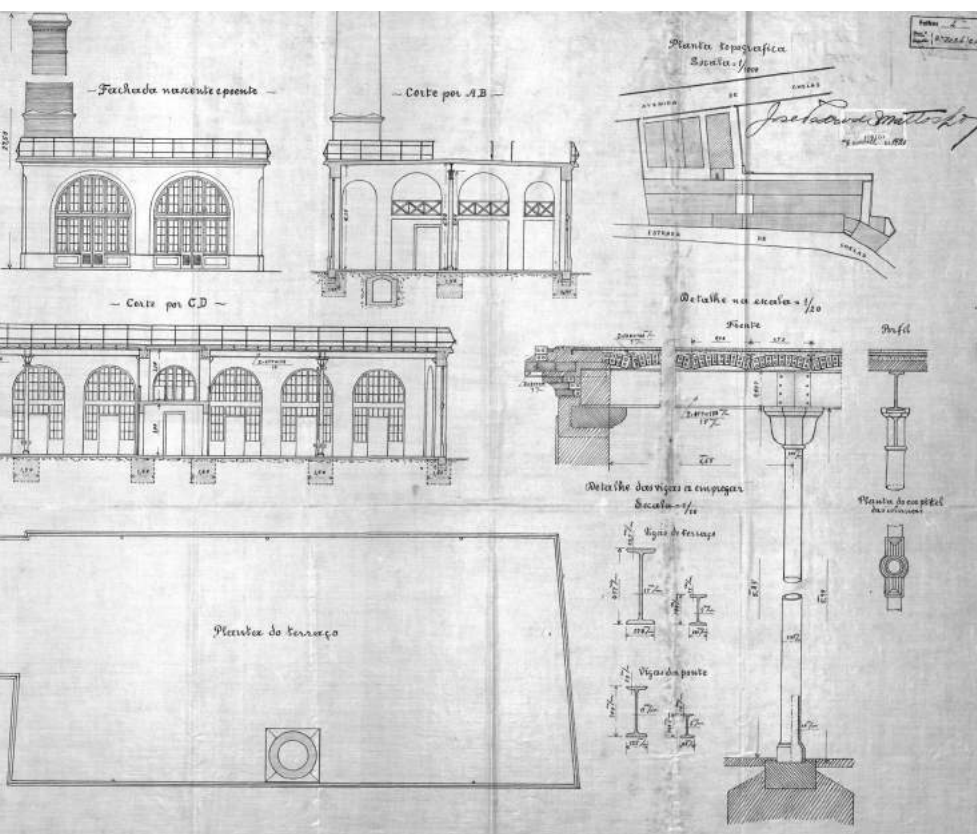
1918, PROJETO DE ALTERAÇÃO PARA A FÁBRICA DE LANIFÍCIOS TINTURARIA PORTUGÁLIA





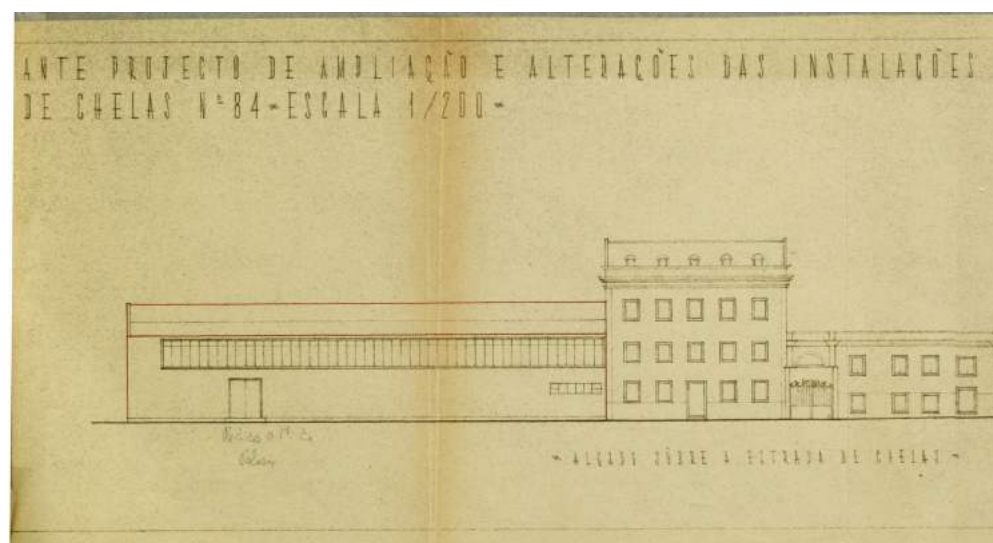
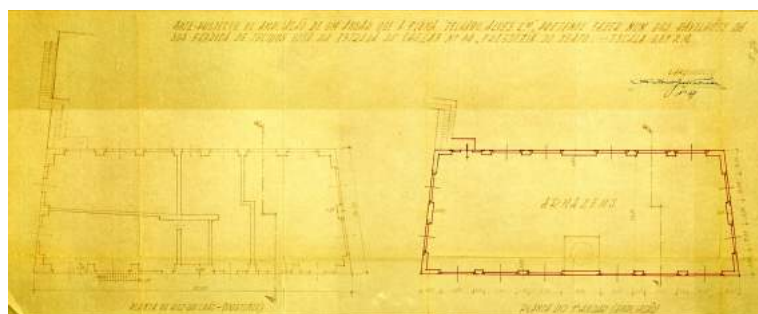


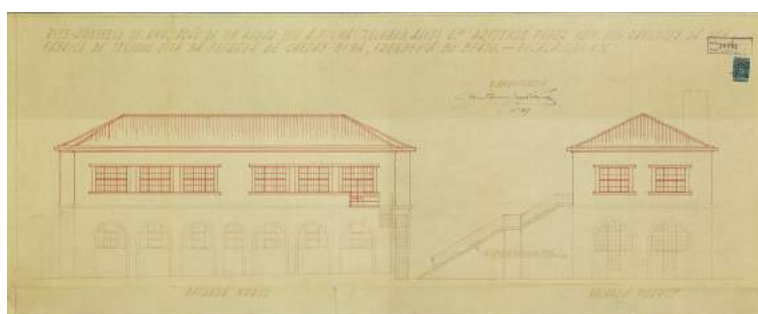
1937, PLANTA DO PISO TÉRREO DA ANTIGA FÁBRICA "AMIDEX"



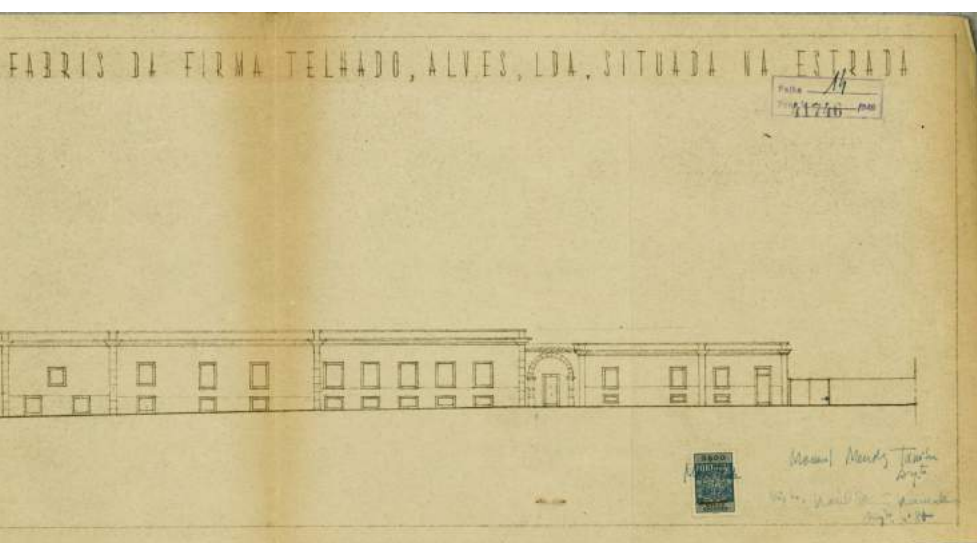
1920, PROJETO DO EDIFÍCIO DAS CALDEIRAS

1947, PLANTAS DA PROPOSTA DE PROJETO DE AMPLIAÇÃO PARA O EDIFÍCIO DAS CALDEIRAS



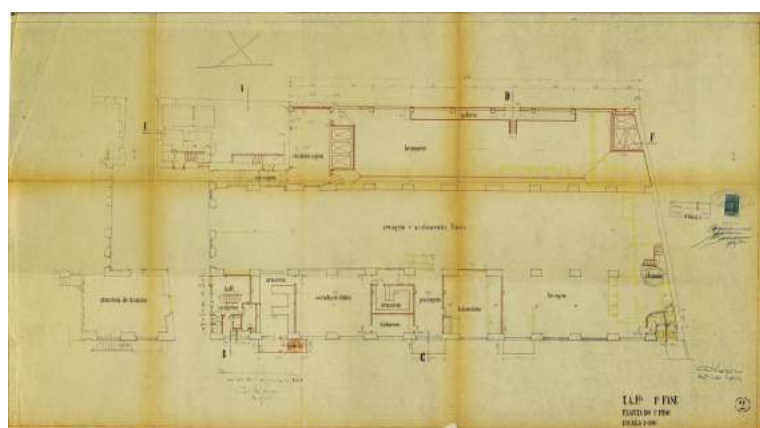


1947, ALÇADOS DA PROPOSTA DE PROJETO DE AMPLIAÇÃO PARA O EDIFÍCIO DAS CALDEIRAS

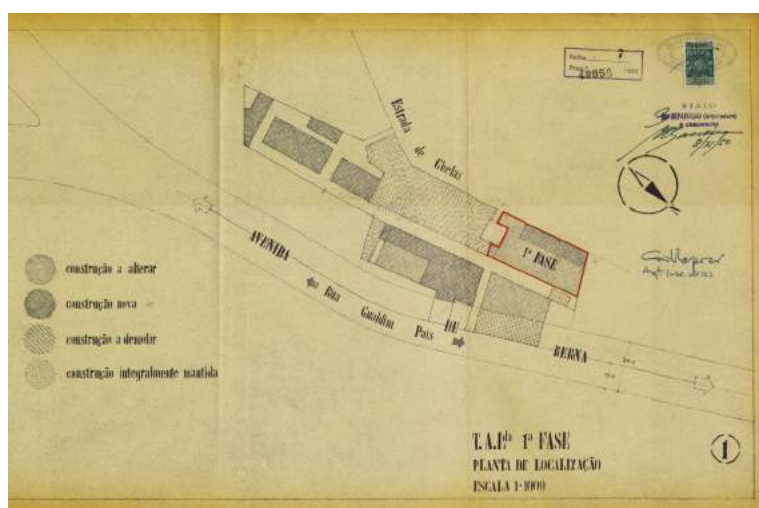


1949, ALÇADO POENTE DO PROJETO DE ALTERAÇÕES PARA O EDIFÍCIO INDUSTRIAL

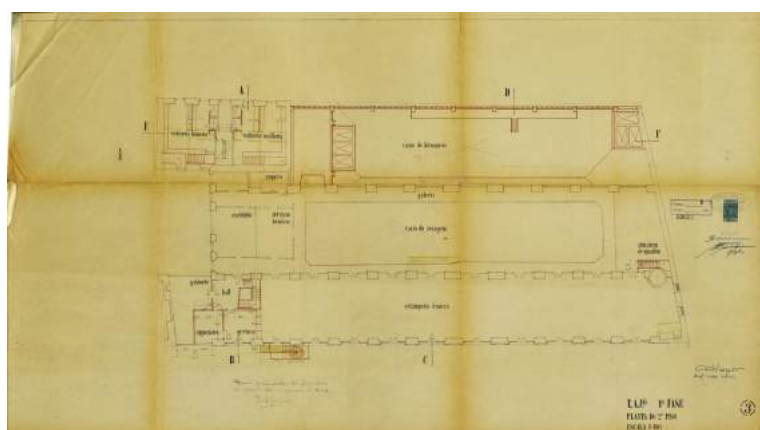
1950, PLANTA DO PISO TÉRREO DO PROJETO  
DE AMPLIAÇÃO DO EDIFÍCIO PRINCIPAL





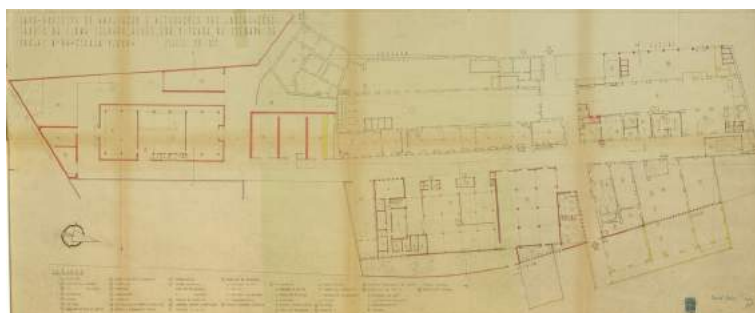


1950, PLANTA DE LOCALIZAÇÃO - AMPLIAÇÃO DO EDIFÍCIO PRINCIPAL DO COMPLEXO (1ª FASE)

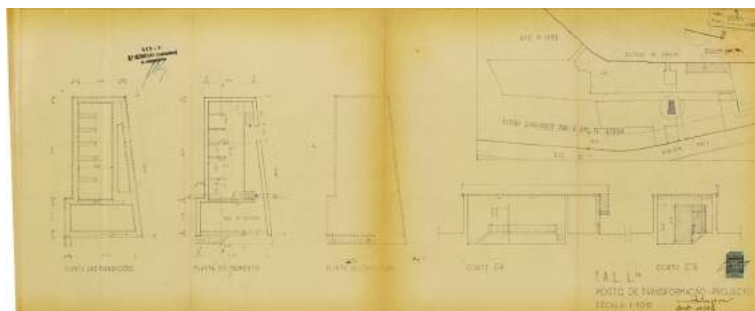


1950, PLANTA DO PISO 1 DO PROJETO DE AMPLIAÇÃO PARA EDIFÍCIO PRINCIPAL

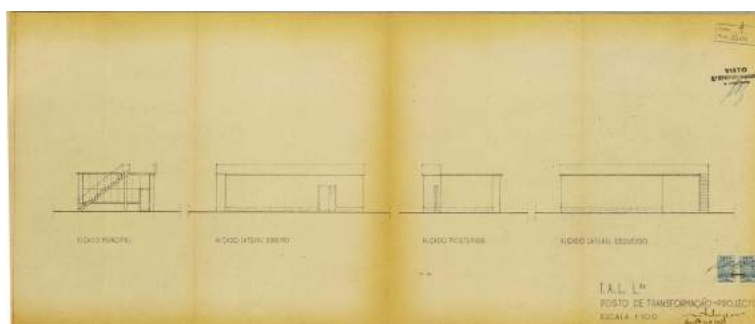
1949, ANTE-PROJETO DE AMPLIAÇÃO E  
ALTERAÇÕES DAS INSTALAÇÕES FABRIS

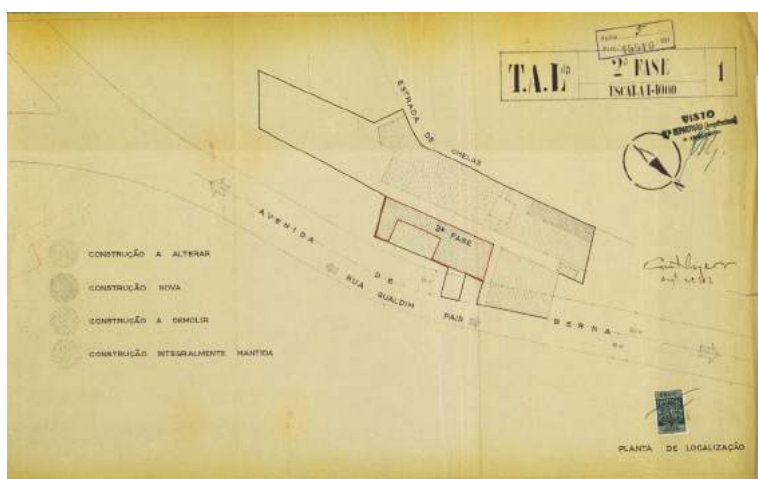


1951, PROJETO DO EDIFÍCIO DO POSTO DE  
TRANSFORMAÇÃO

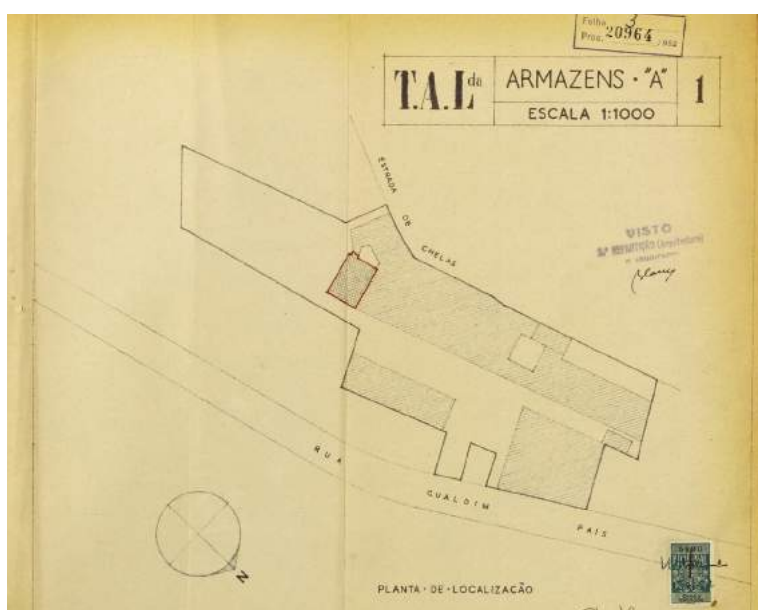


1951, PROJETO DO EDIFÍCIO DO POSTO DE  
TRANSFORMAÇÃO

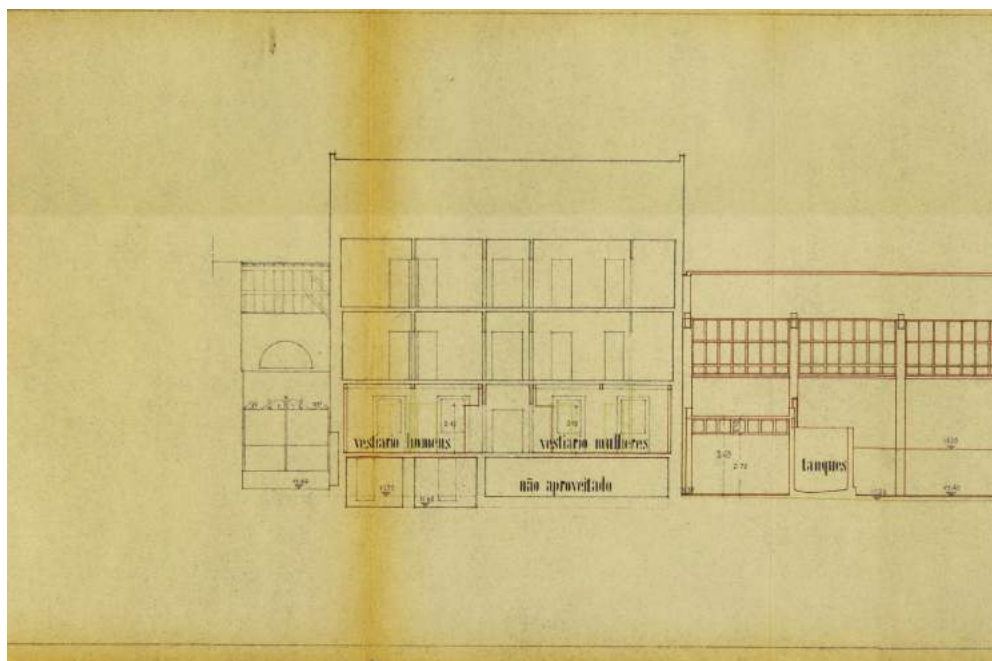


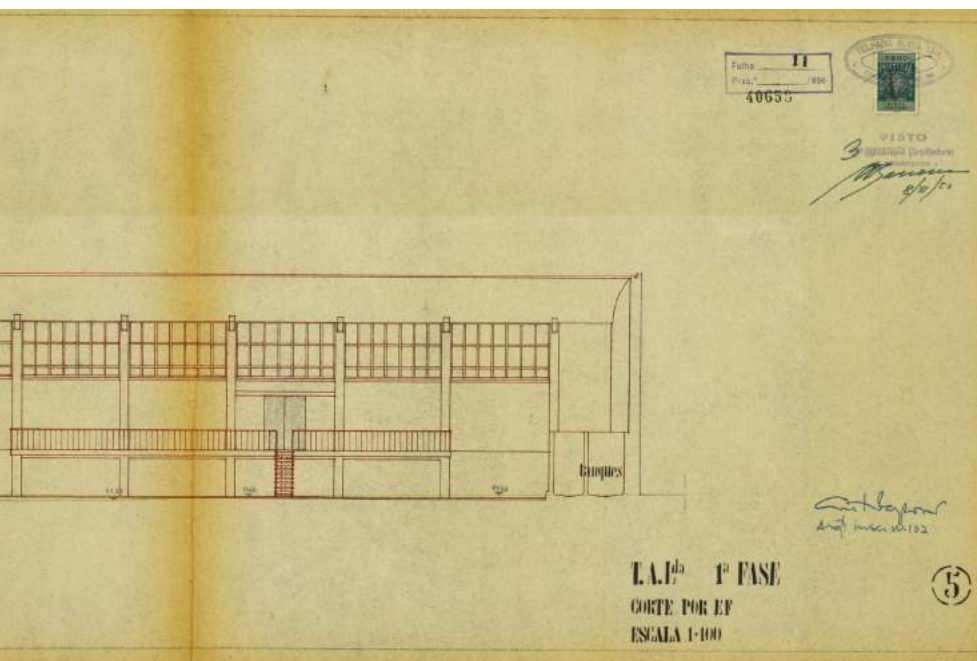


1951, PLANTA DE LOCALIZAÇÃO - EDIFÍCIO DE ESTAMPAGEM (2ªFASE)

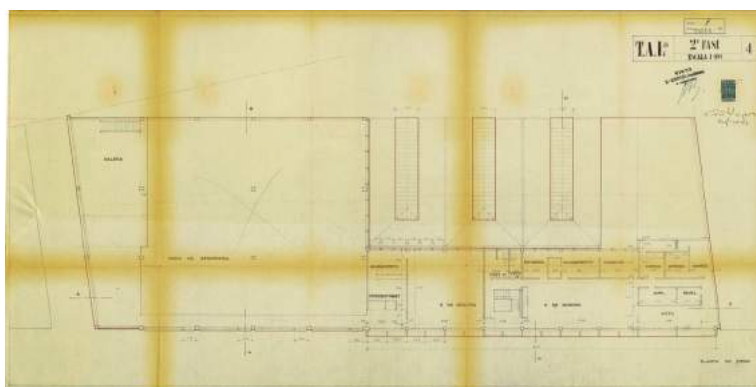


1952, PLANTA DE LOCALIZAÇÃO - ARMAZENS

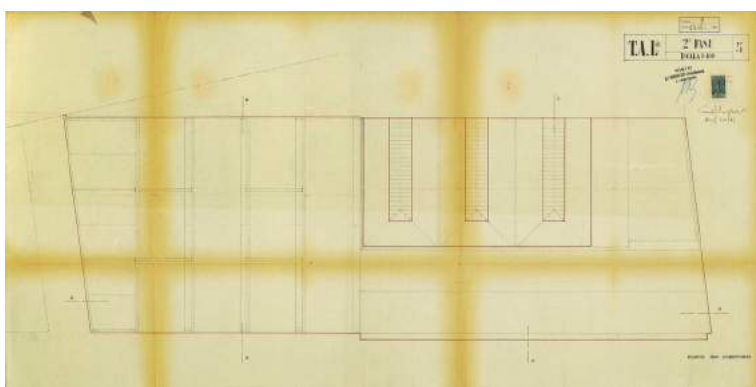




1950, CORTE LONGITUDINAL DO PROJETO DE AMPLIAÇÃO PARA O EDIFÍCIO PRINCIPAL

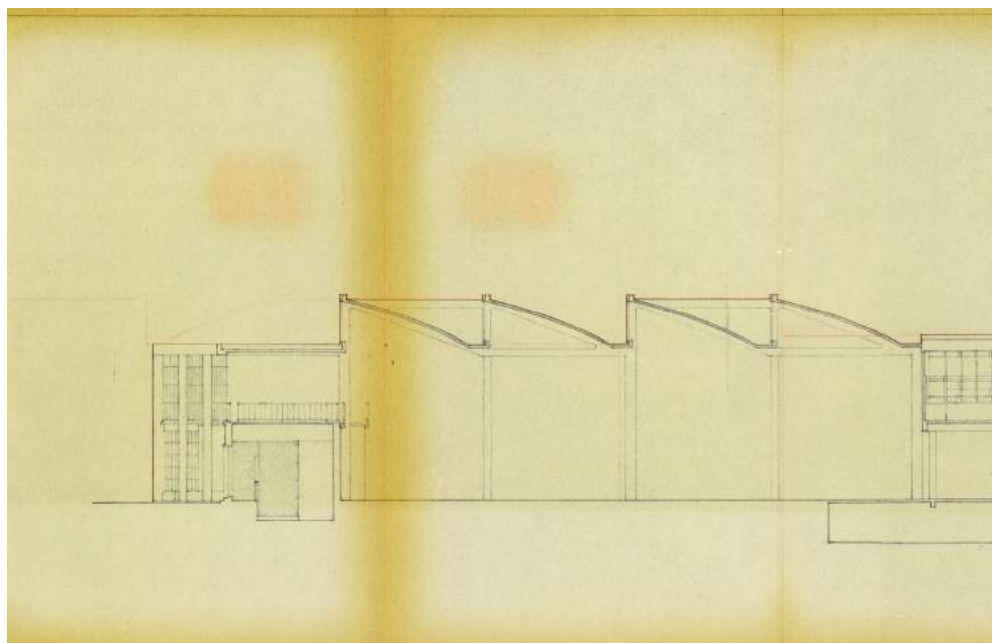
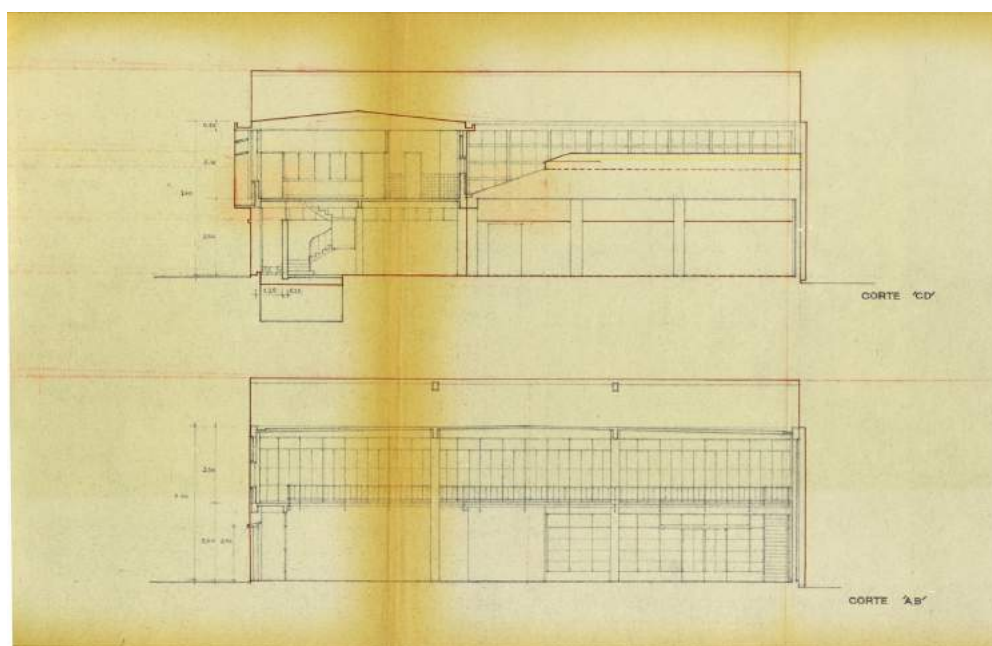


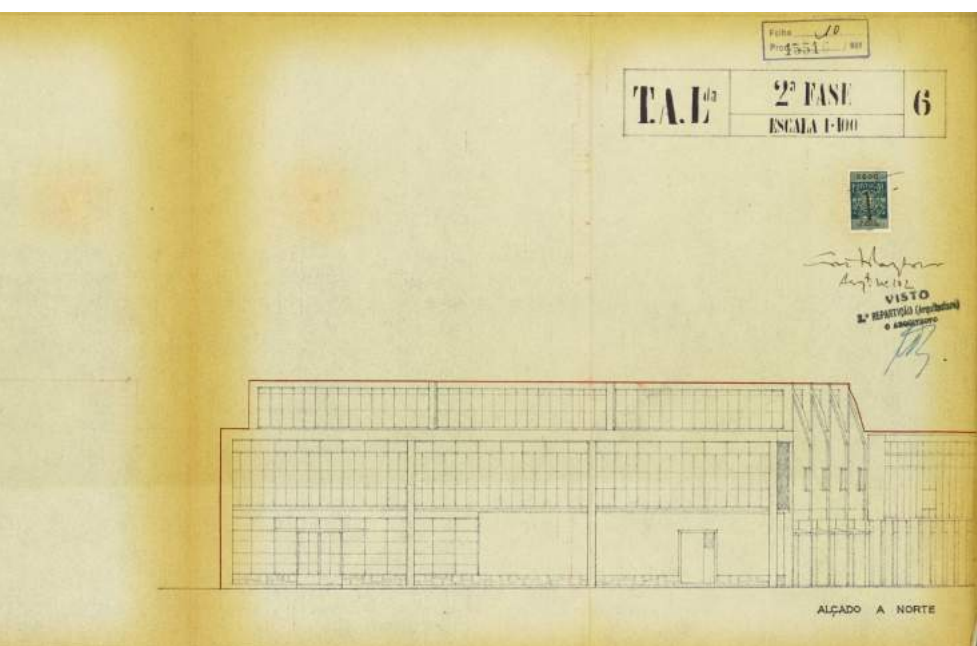
1951, PLANTA DO PISO 1 DO EDIFÍCIO DE ESTAMPAGEM



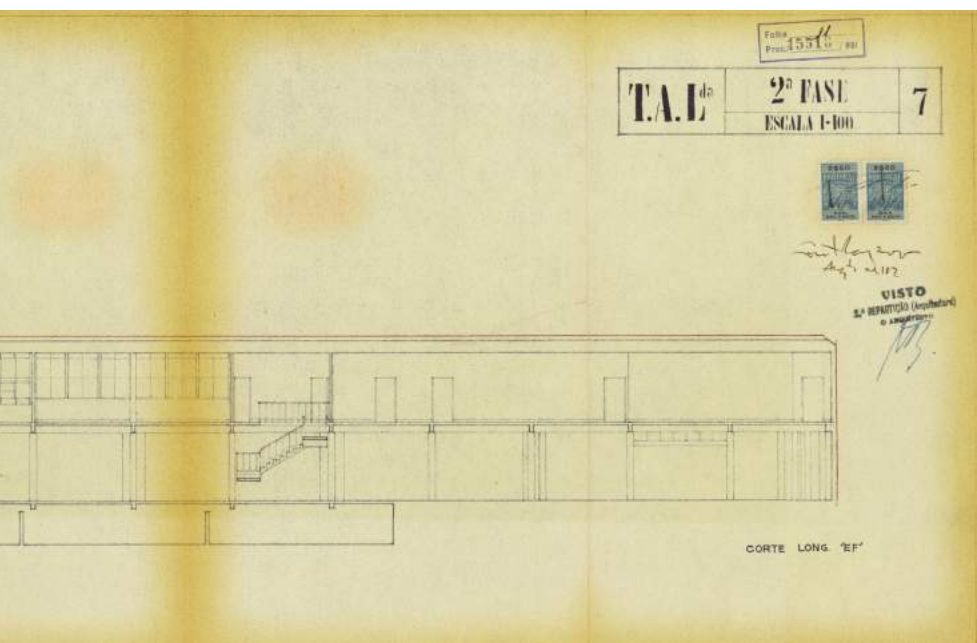
1951, PLANTA DE COBERTURA DO EDIFÍCIO DE ESTAMPAGEM





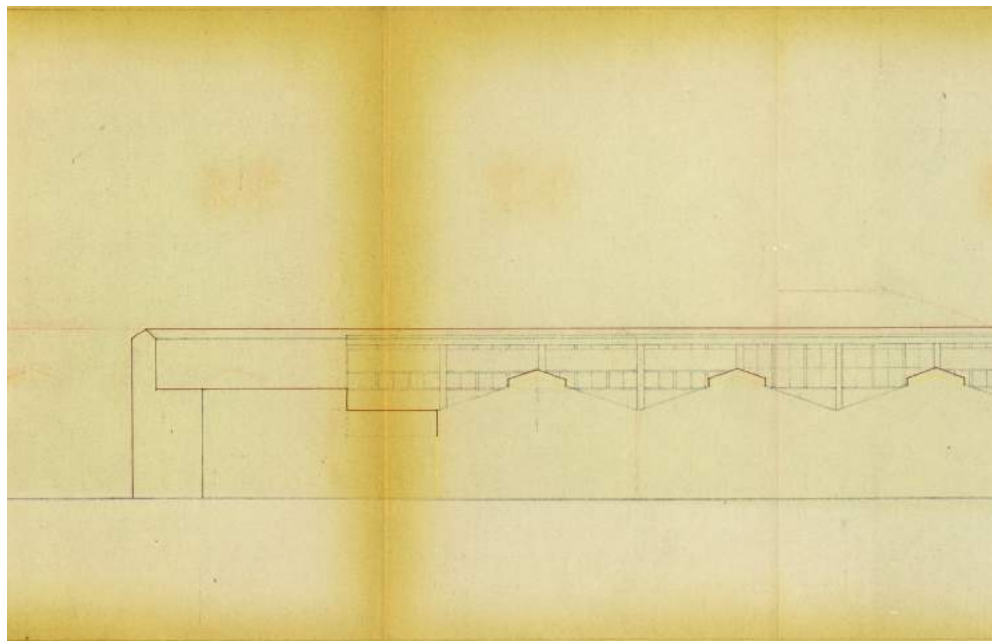
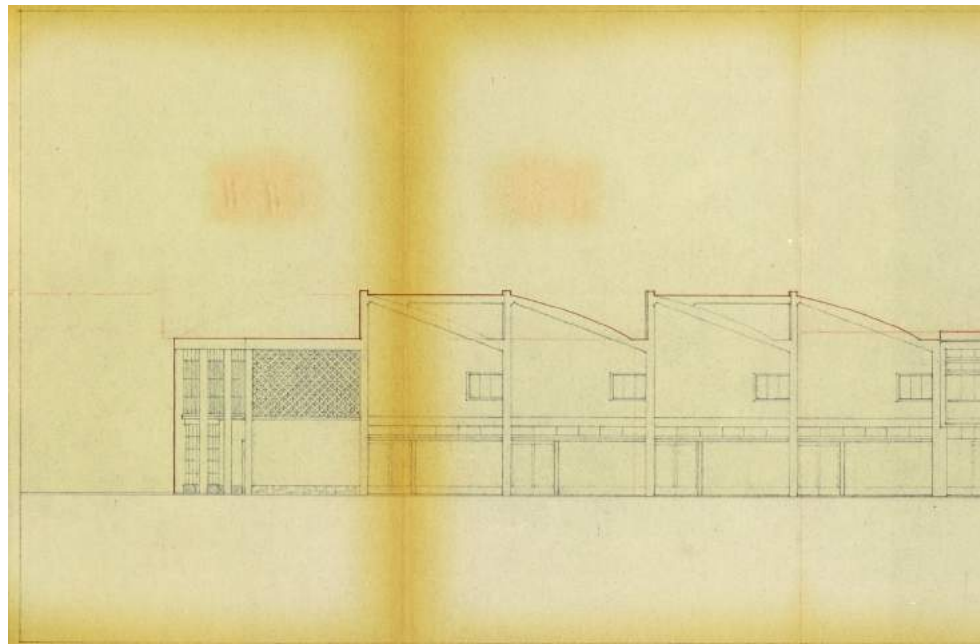


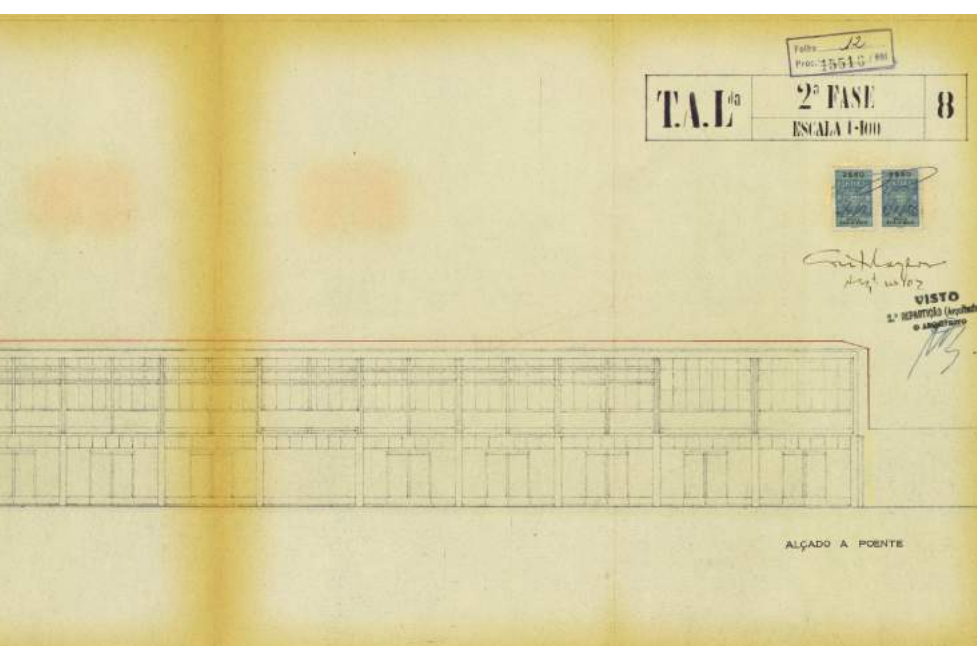
1951, CORTES E ALÇADO NORTE DO EDIFÍCIO DE ESTAMPAGEM



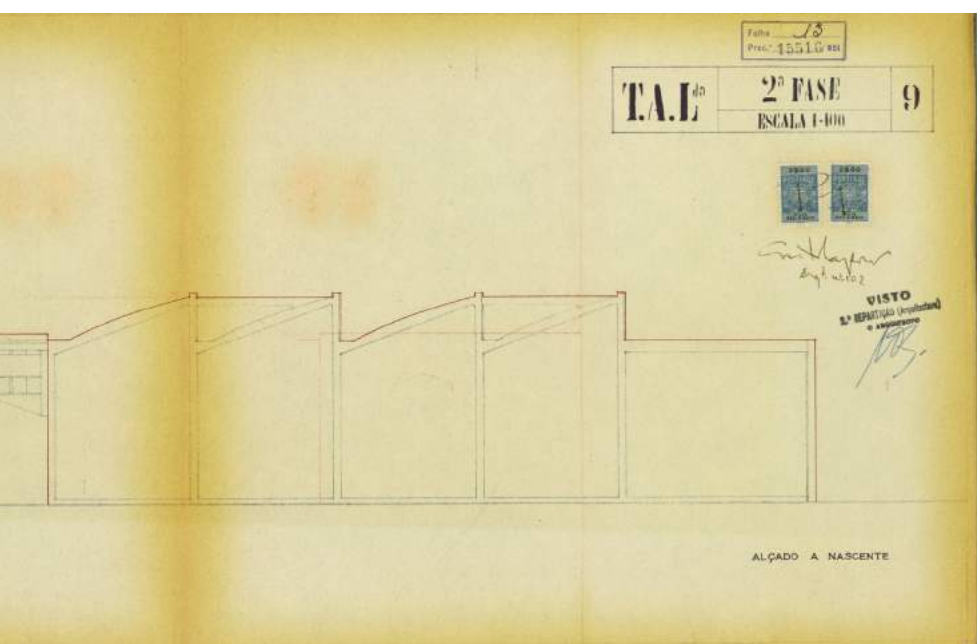
1951, CORTE LONGITUDINAL DO EDIFÍCIO DE ESTAMPAGEM







1951, ALÇADO POENTE DO EDIFÍCIO DE ESTAMPAGEM

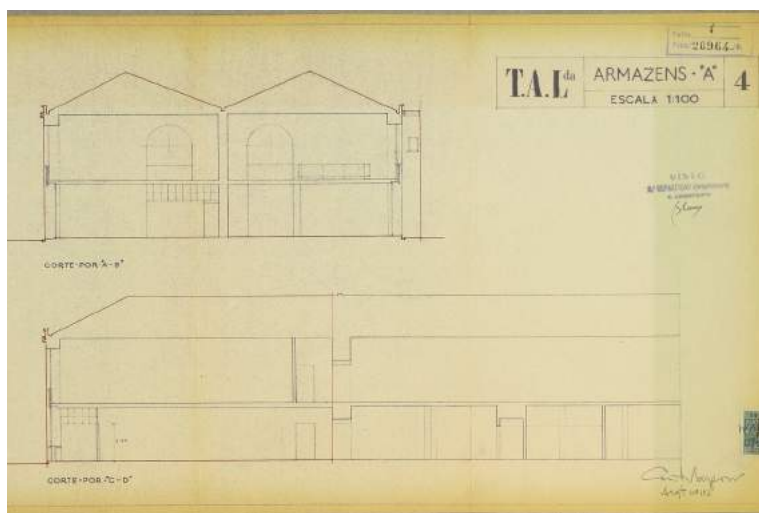


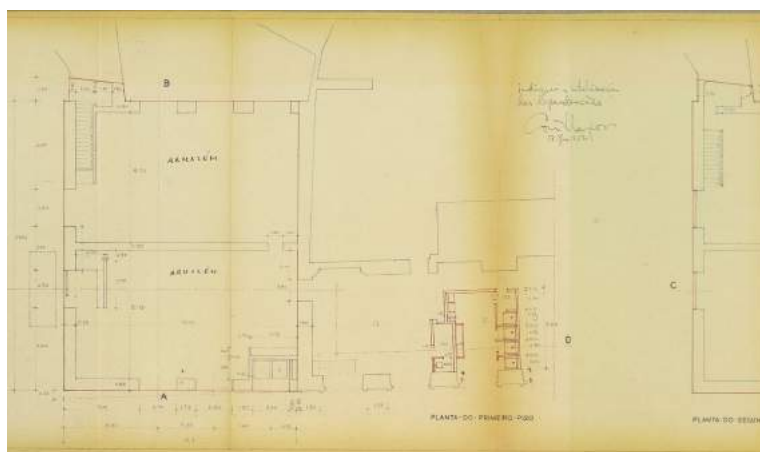
1951, ALÇADO NASCENTE DO EDIFÍCIO DE ESTAMPAGEM

1951, PLANTA DE ESGOTOS DO COMPLEXO INDUSTRIAL TINTURARIA PORTUGÁLIA

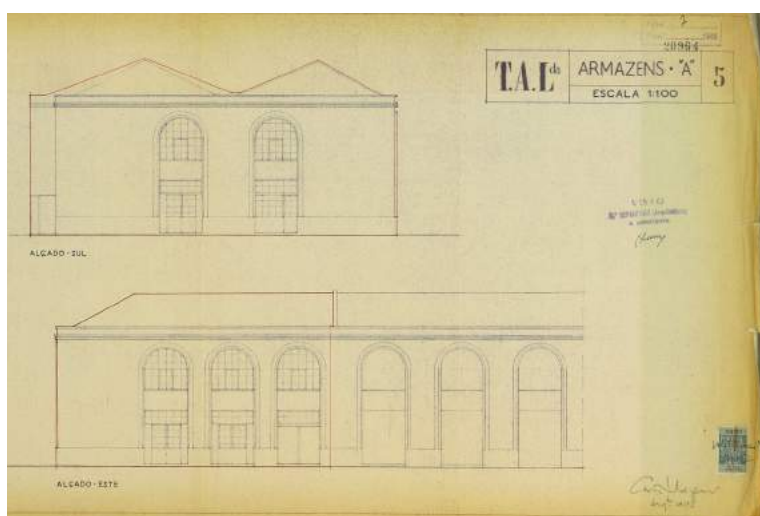


1952, CORTES DO EDIFÍCIO DE ARMAZENS



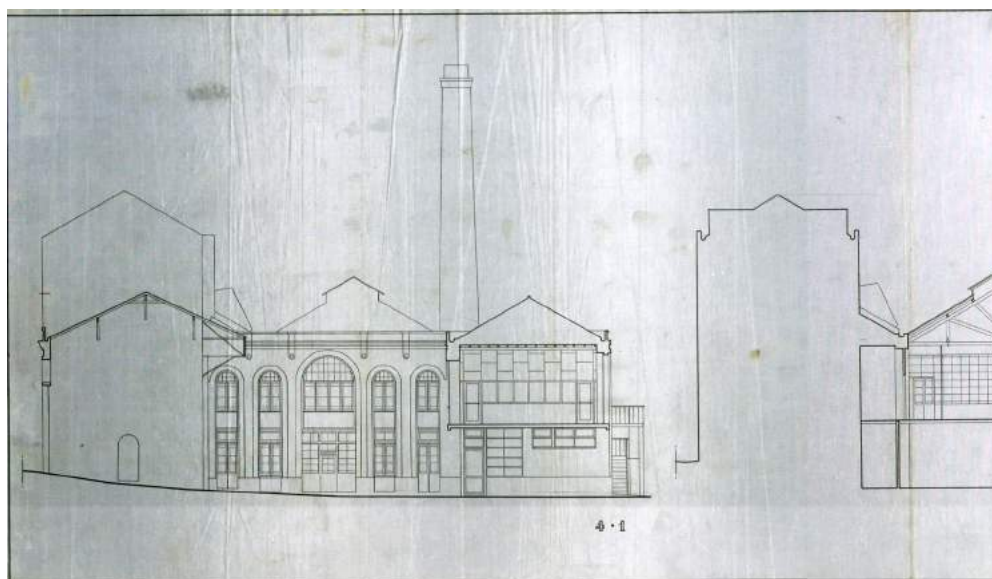
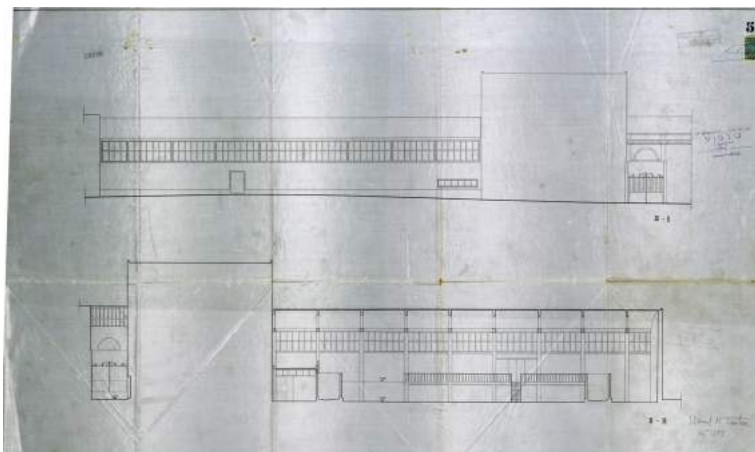


1952, PLANTA DO PISO TÉRREO DO EDIFÍCIO DE ARMAZENS

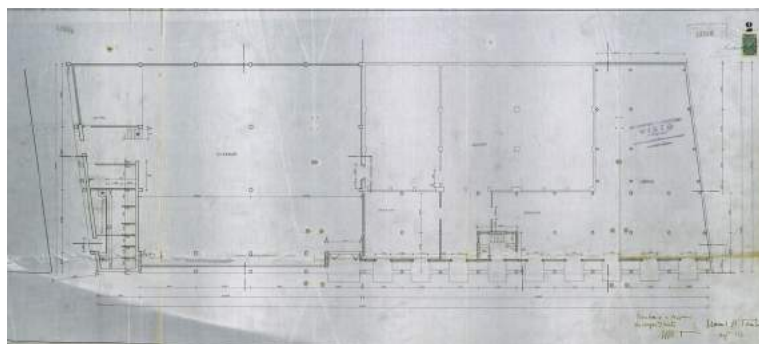


1952, ALÇADO SUL E ESTE DO EDIFÍCIO DE ARMAZENS

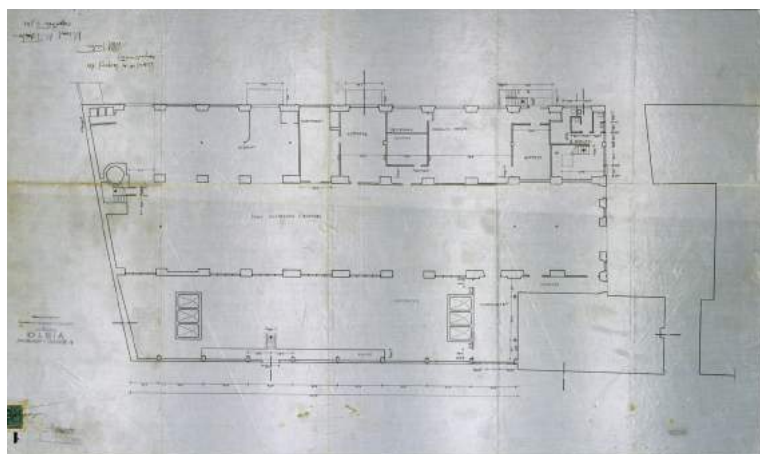
1957, CORTES LONGITUDINAIS DO EDIFÍCIO  
PRINCIPAL



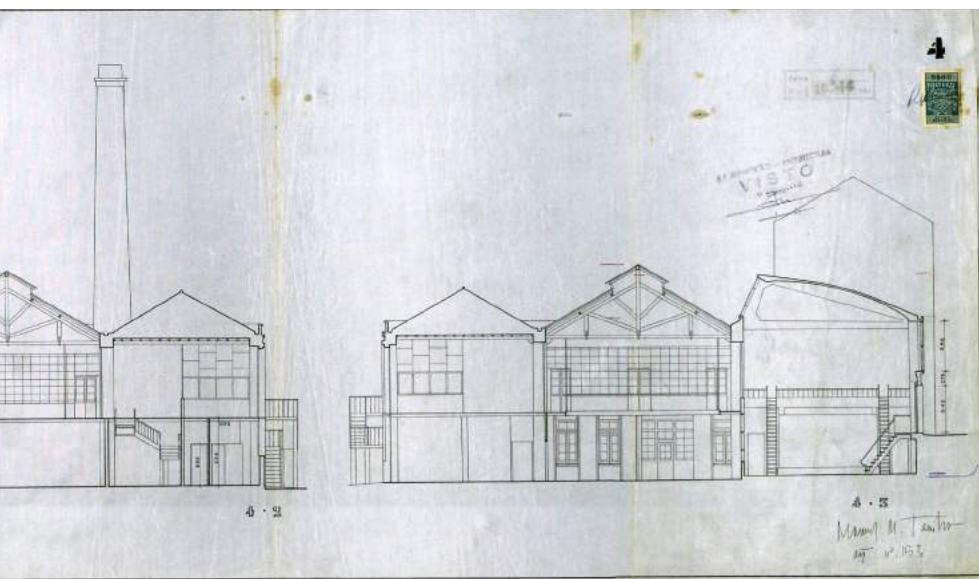
1957, PLANTA DO PISO TÉRREO DO EDIFÍCIO DE  
ESTAMPAGEM



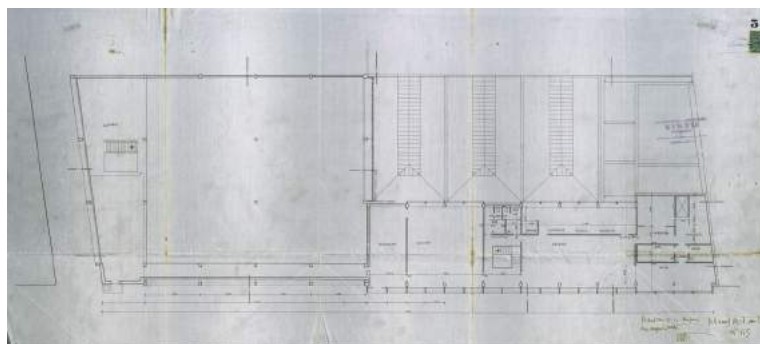




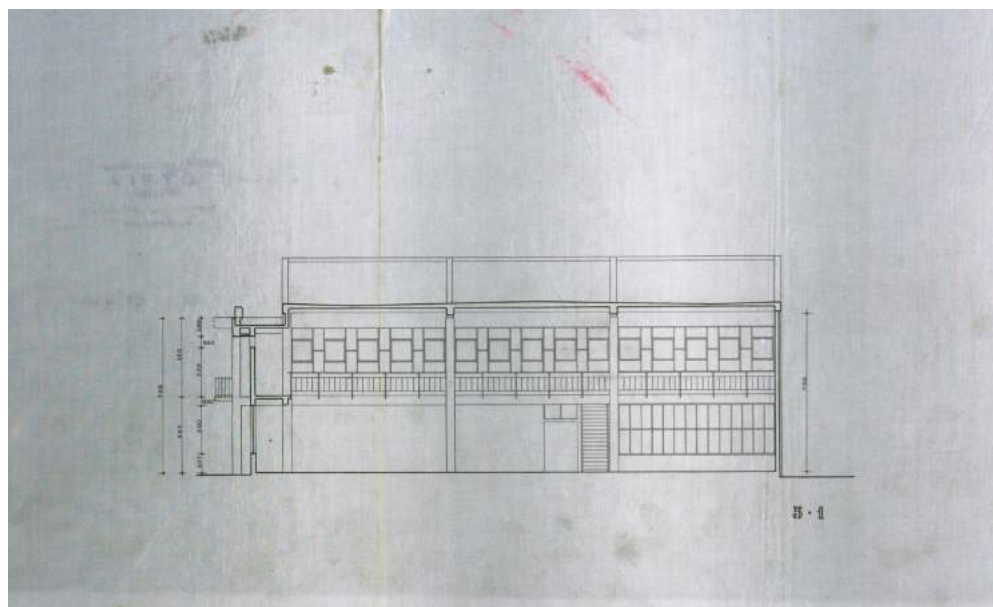
1957, PLANTA PISO TÉRREO DO LADO NORTE DO EDIFÍCIO PRINCIPAL



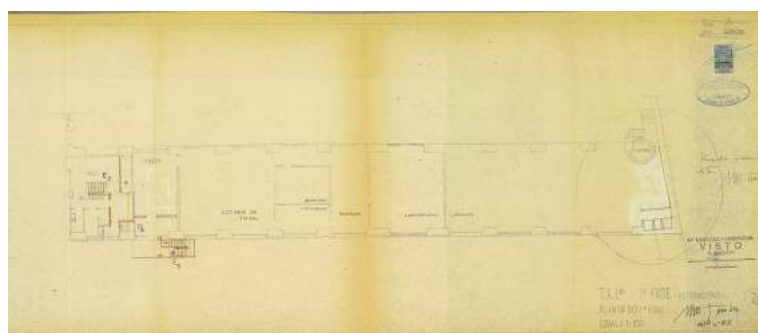
1957, CORTES TRANSVERSAIS PELO EDIFÍCIO PRINCIPAL



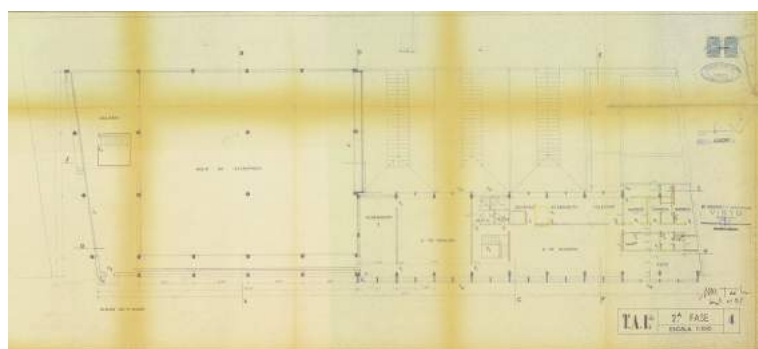
1957, PLANTA PISO 1 DO EDIFÍCIO DE ESTAMPAGEM



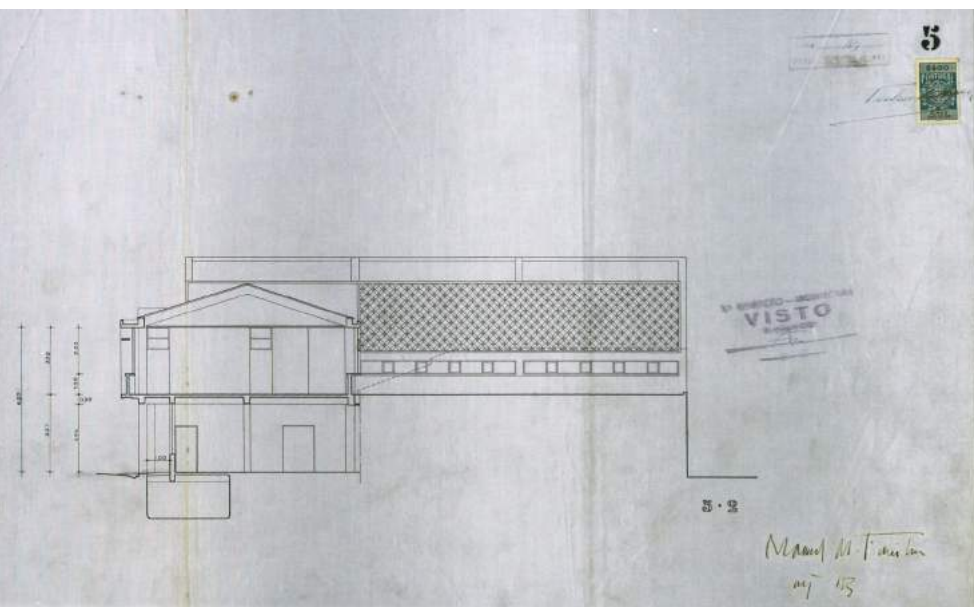
1957, PLANTA DO PISO TÉRREO DAS  
ALTERAÇÕES PARA O LADO NORTE DO  
EDIFÍCIO PRINCIPAL (1ª FASE)



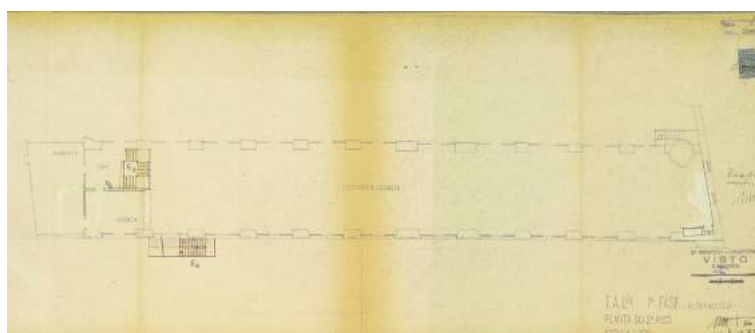
1957, PLANTA DO PISO TÉRREO DAS  
ALTERAÇÕES PARA O LADO NORTE DO  
EDIFÍCIO PRINCIPAL (2ª FASE)



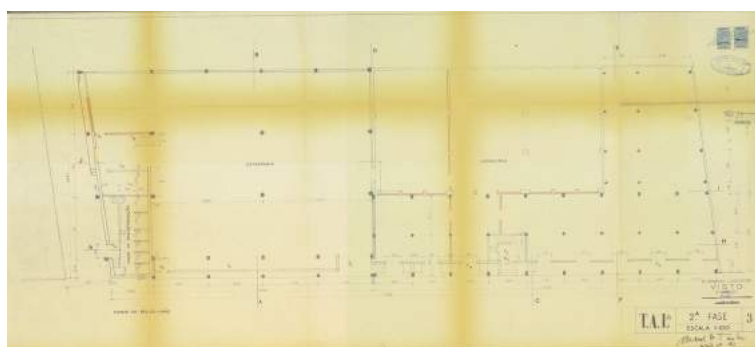




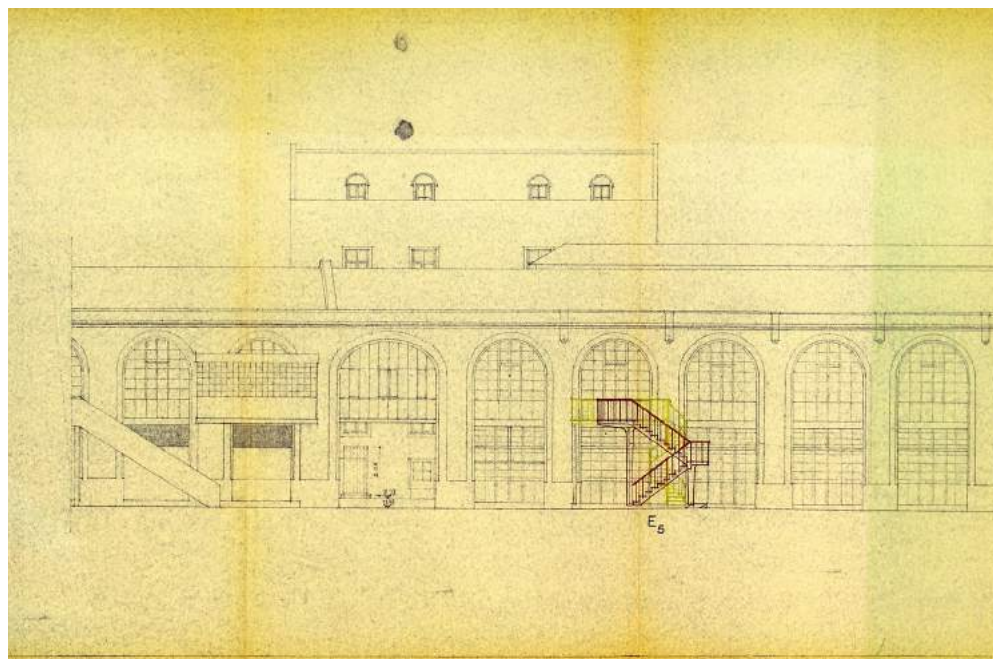
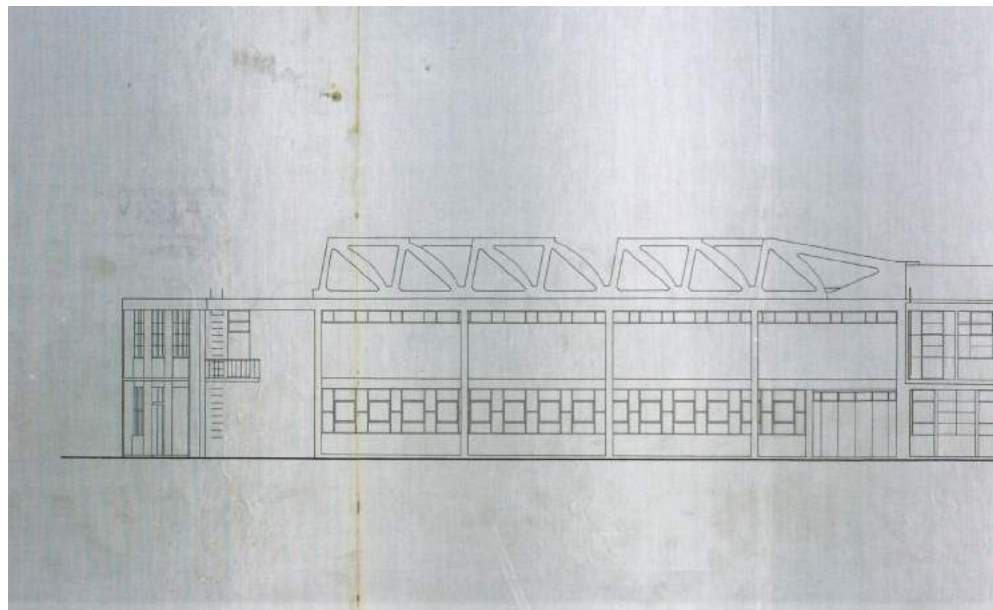
1957, CORTES E ALÇADOS DO EDIFÍCIO DE ESTAMPAGEM

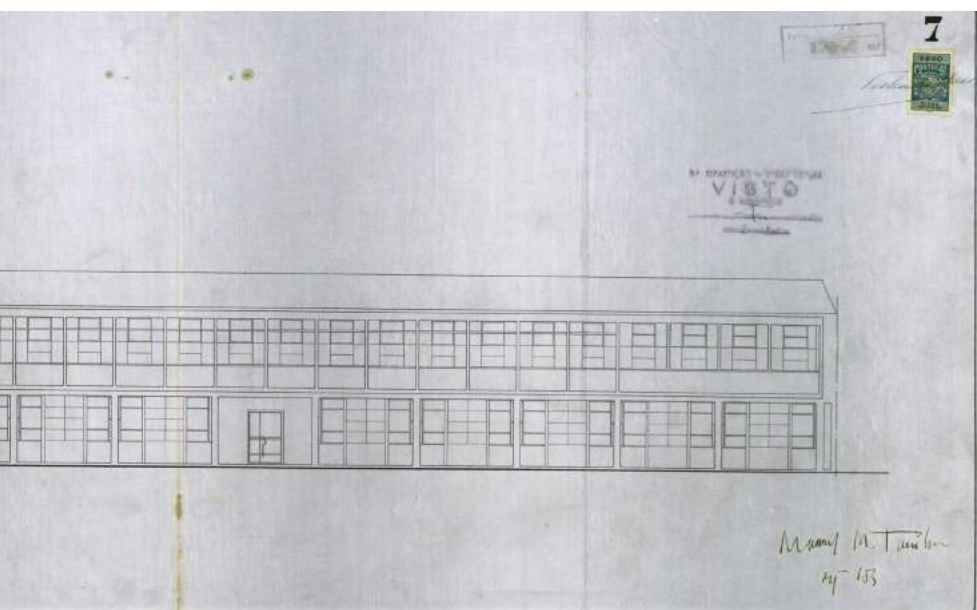


1957, PLANTA DO PISO 1 DAS ALTERAÇÕES PARA O LADO NORTE DO EDIFÍCIO PRINCIPAL (1ª FASE)

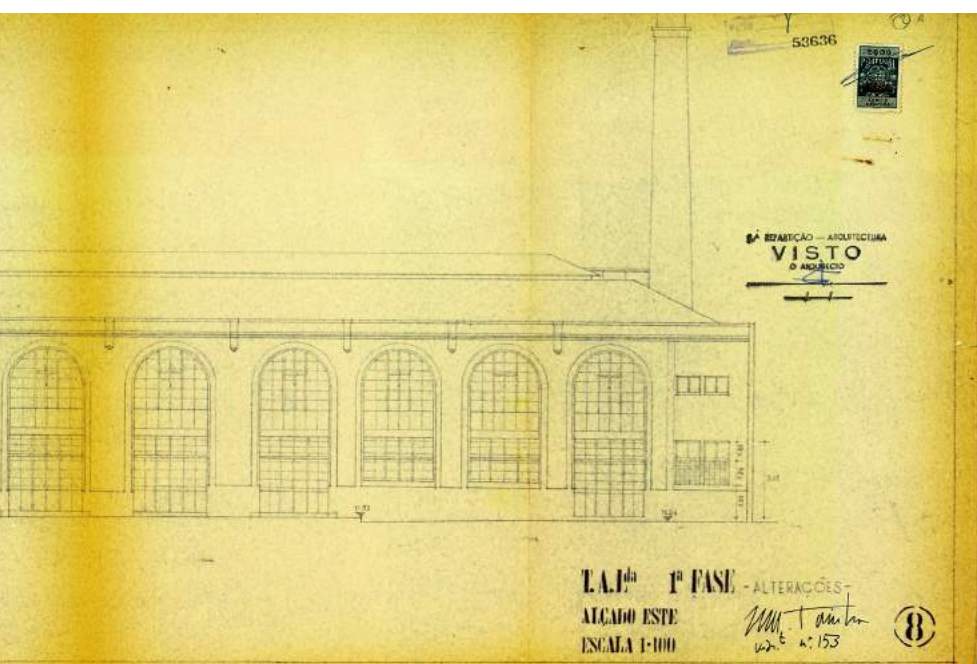


1957, PLANTA DO PISO 1 DAS ALTERAÇÕES PARA O LADO NORTE DO EDIFÍCIO PRINCIPAL (2ª FASE)



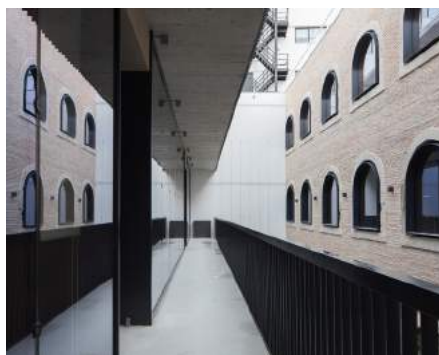
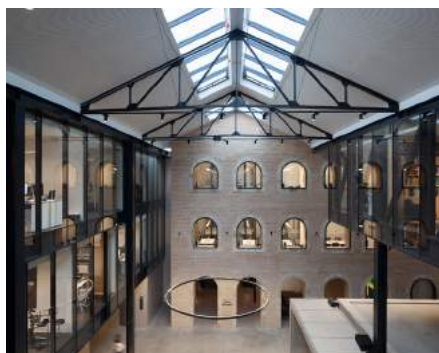


1957, ALÇADO DO EDIFÍCIO DE ESTAMPAGEM



1957, ALÇADO ESTE DO EDIFÍCIO PRINCIPAL

SEDE DE ADVOGADOS VDA  
OPENBOOK + PMC ARQUITECTOS



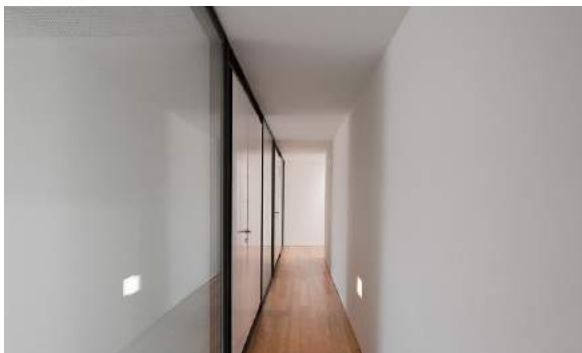
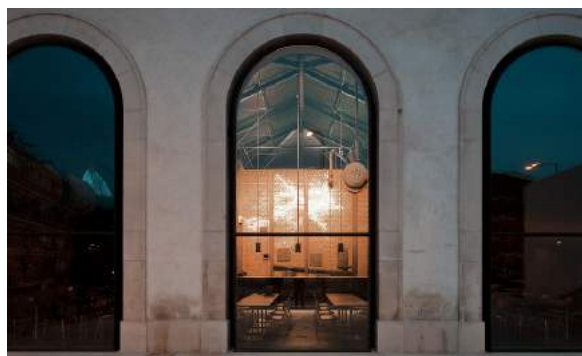


## ANEXO IV. REFERÊNCIAS

ESTAÇÃO DE COMBOIOS DE BURGOS  
CONTELL- MARTÍNEZ ARQUITECTOS



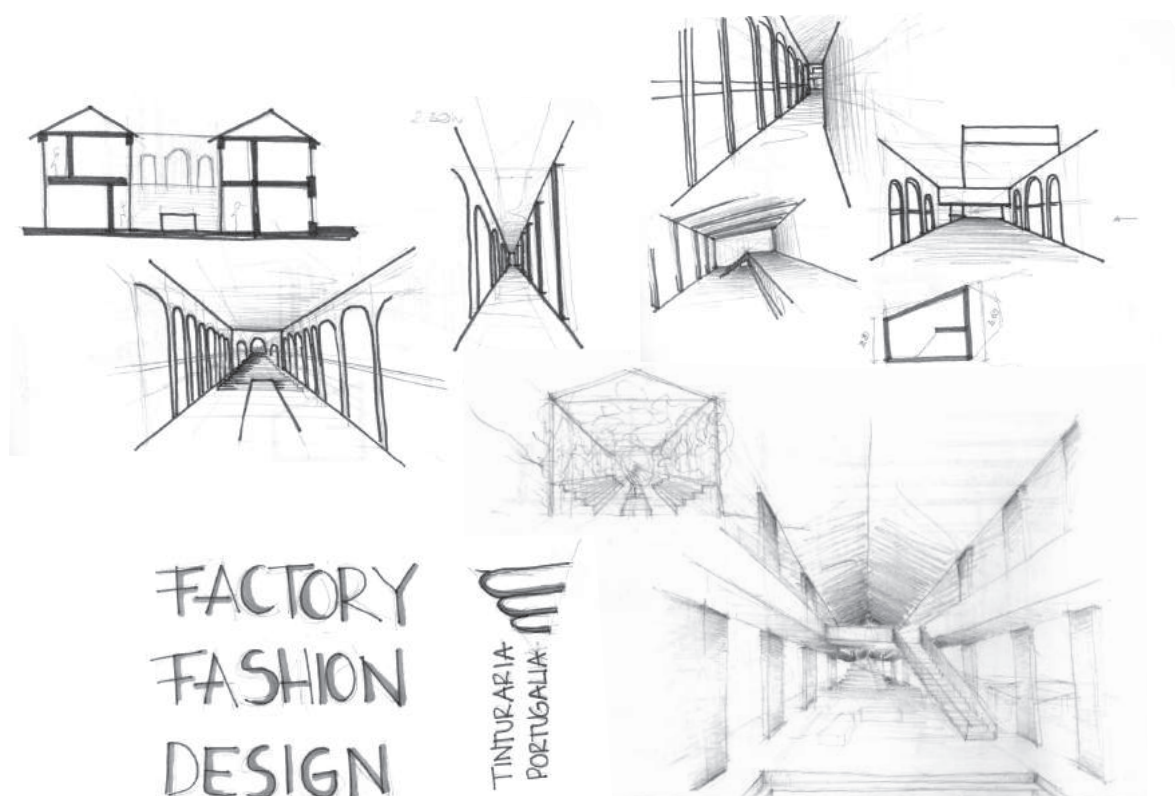
CASA DAS CALDEIRAS  
JOÃO MENDES RIBEIRO +  
MENOS É MAIS ARQUITETOS



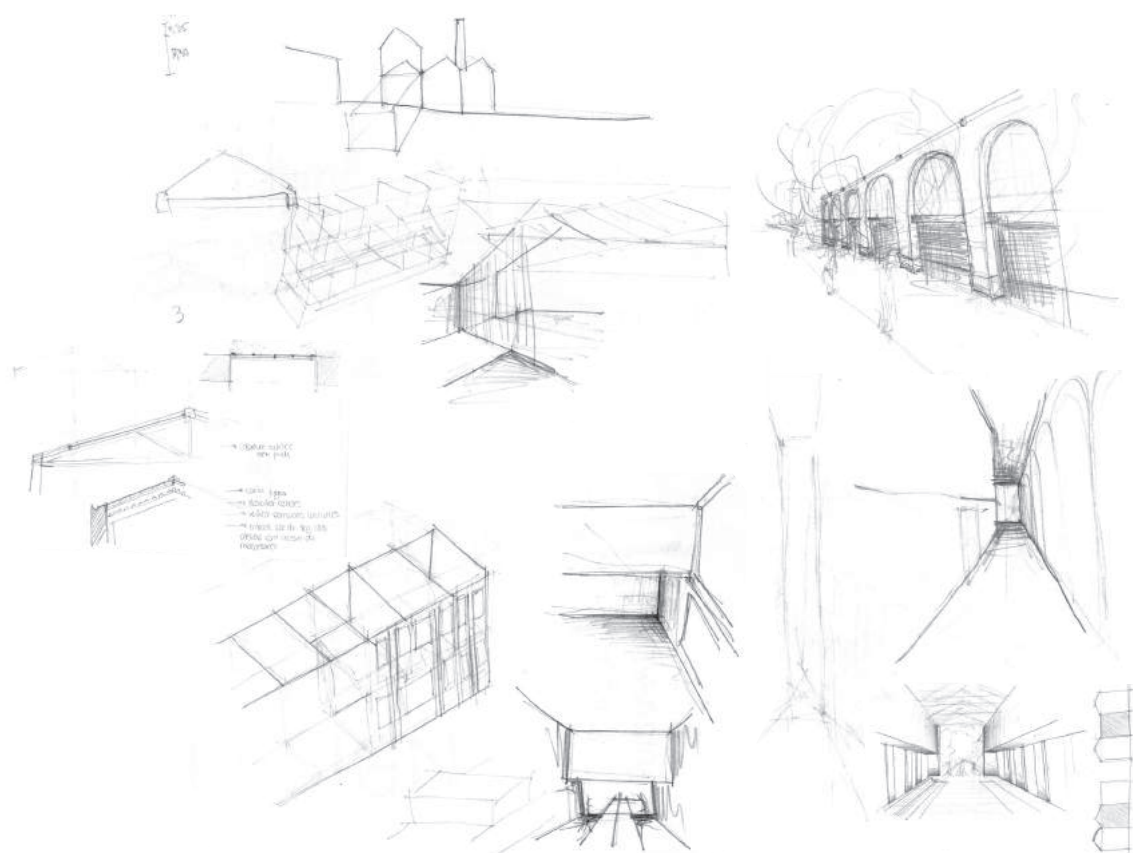
INSTITUTO MARANGONI

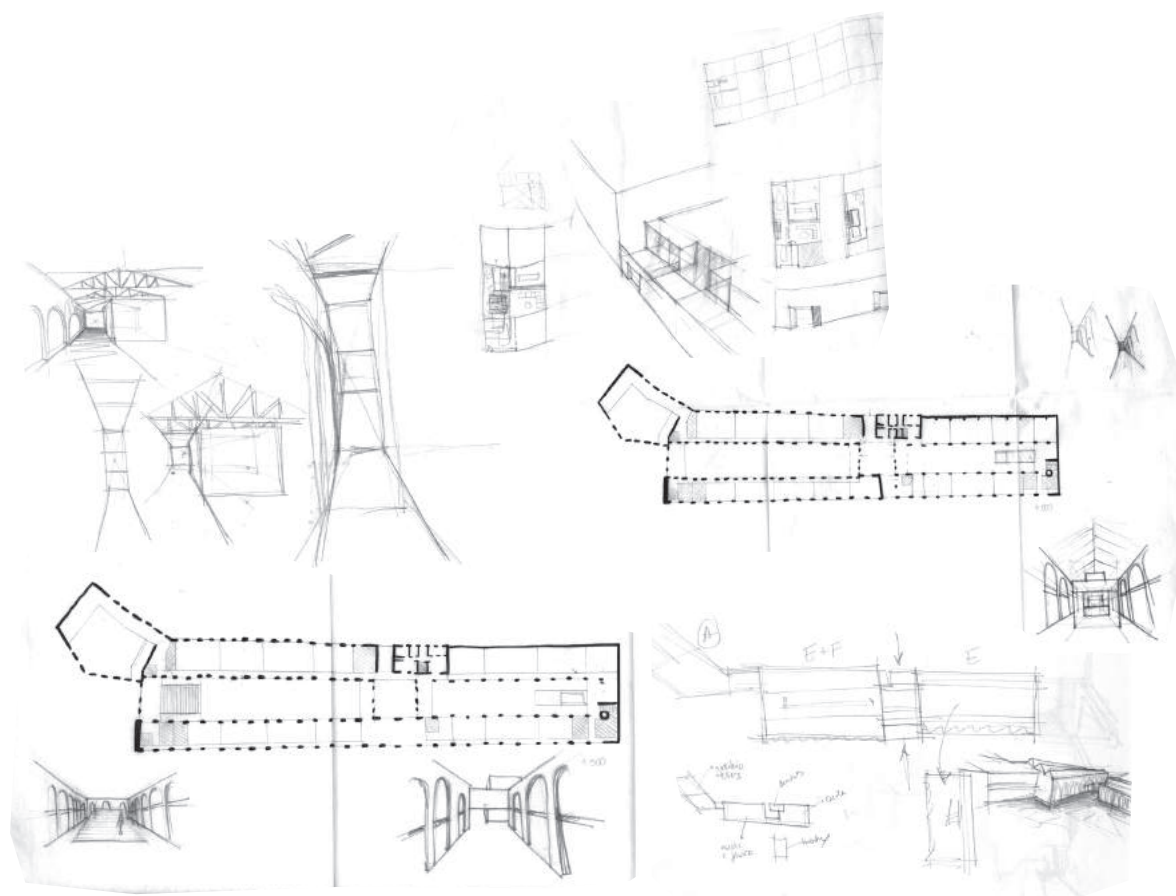


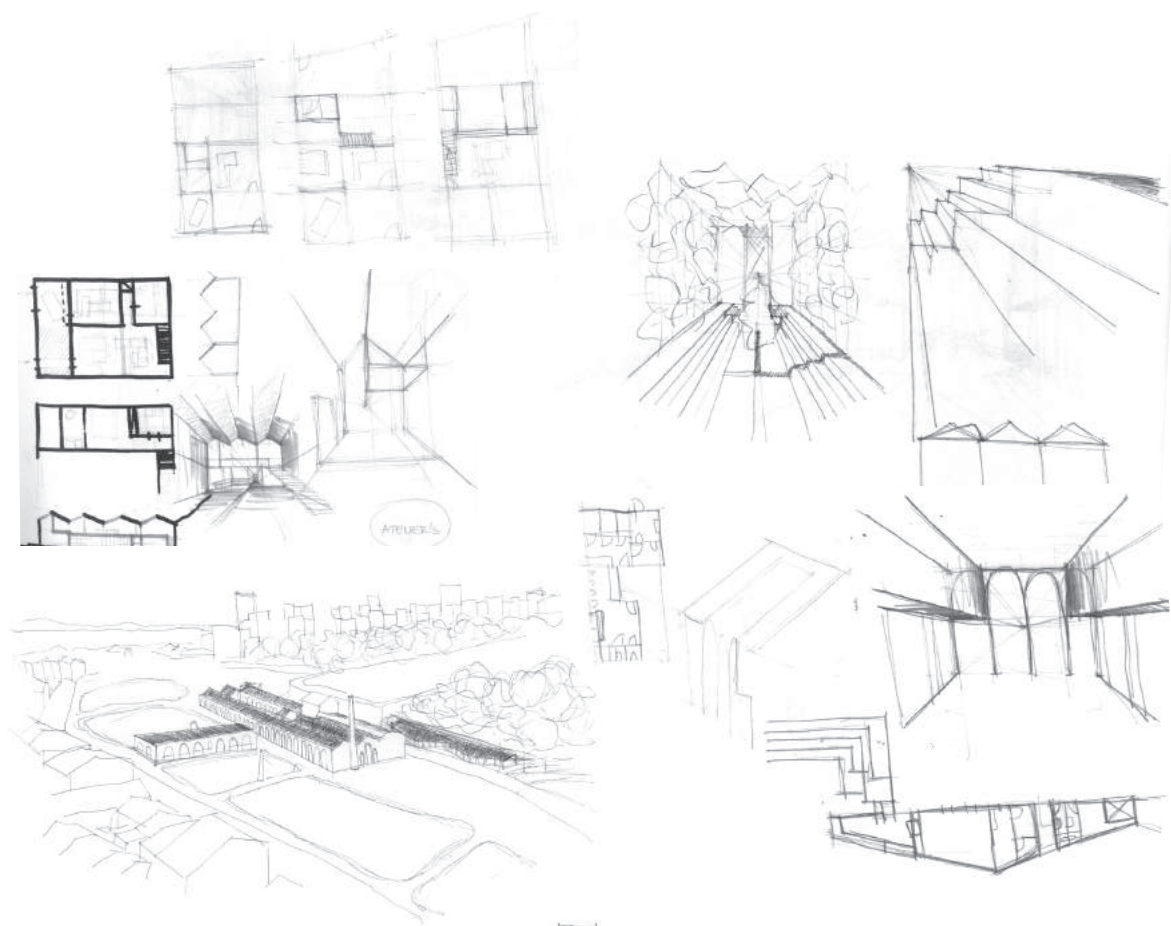


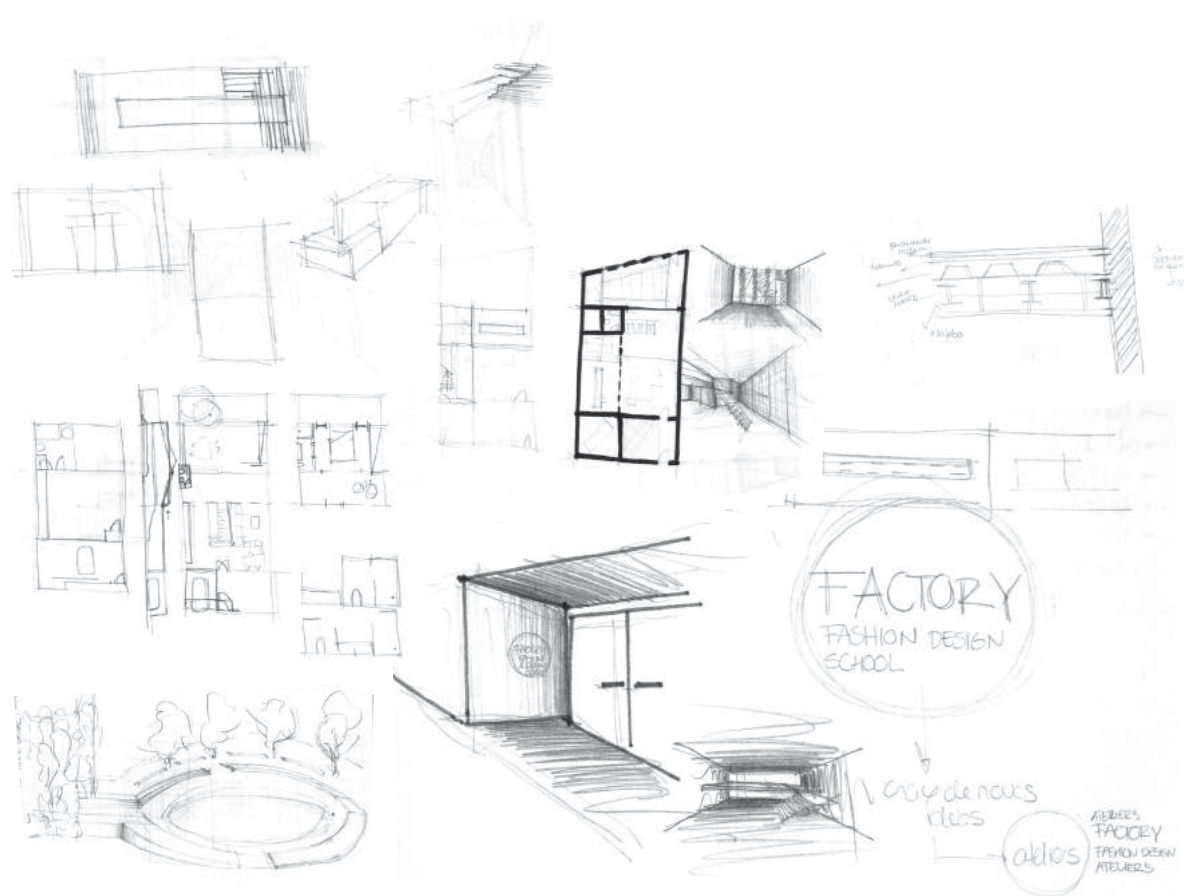


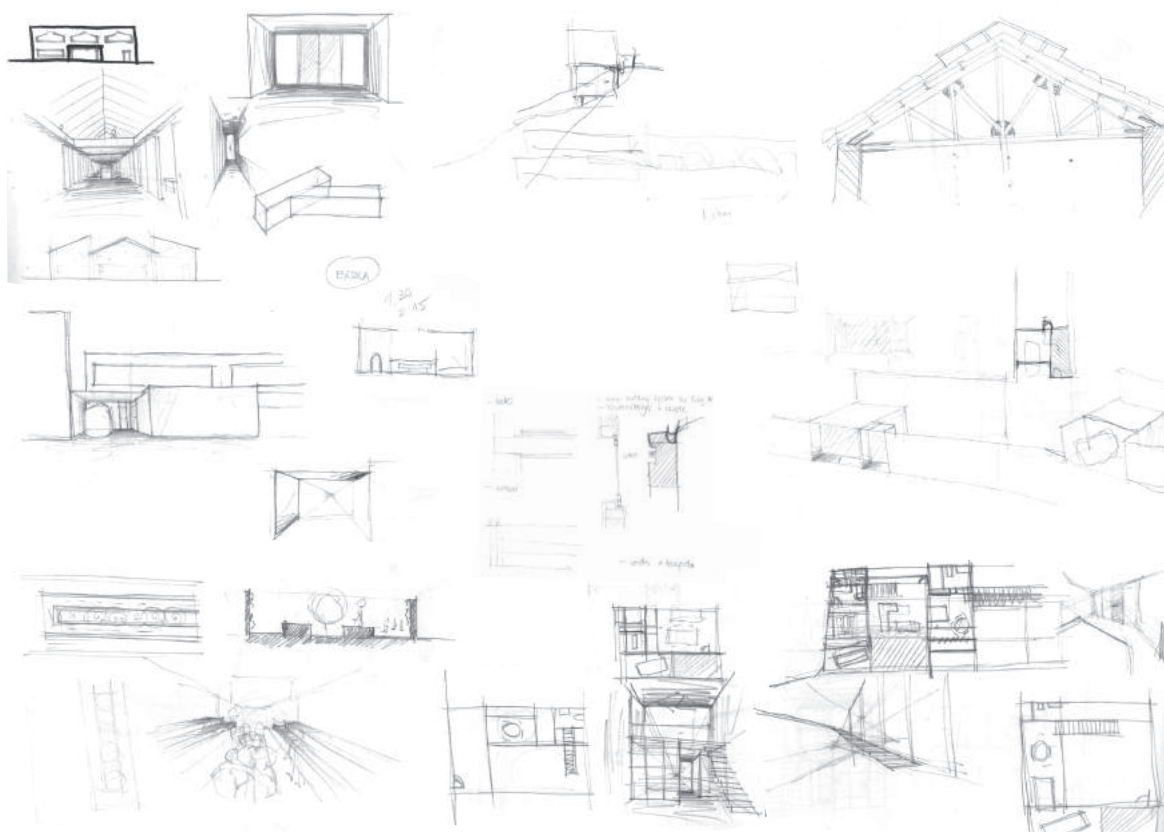
## ANEXO V. PROCESSO DE TRABALHO



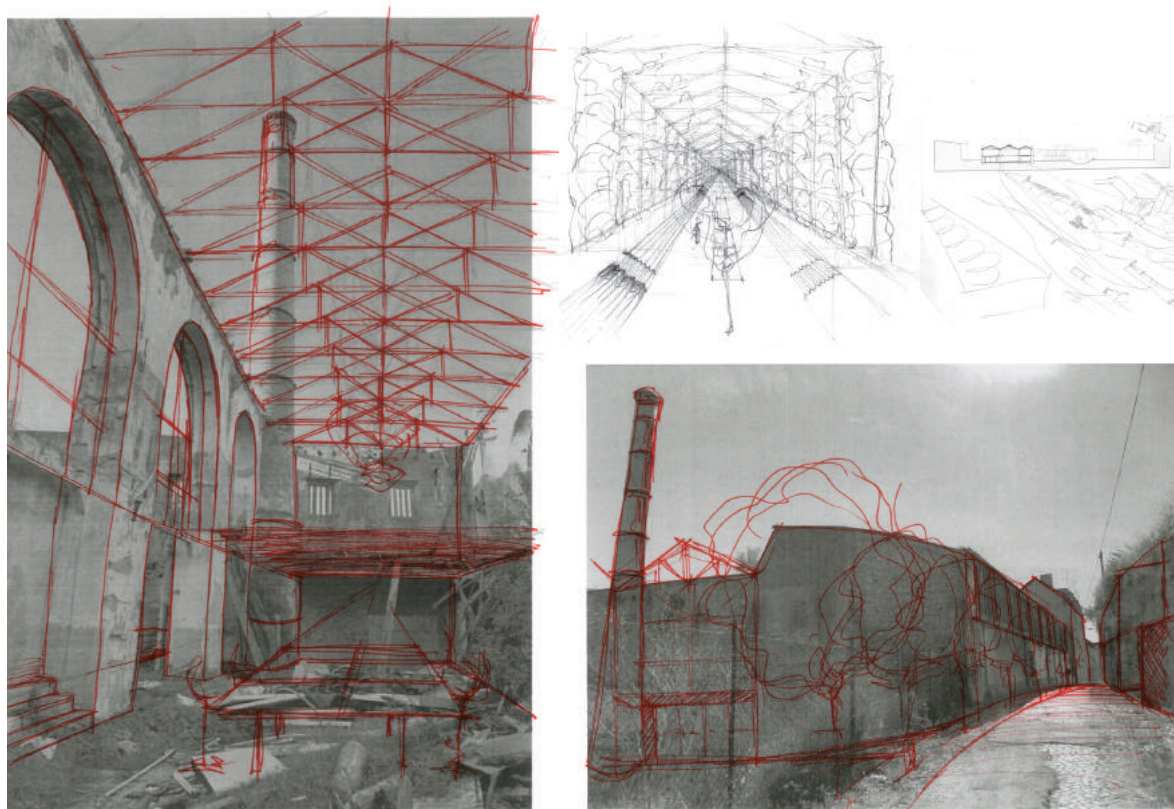




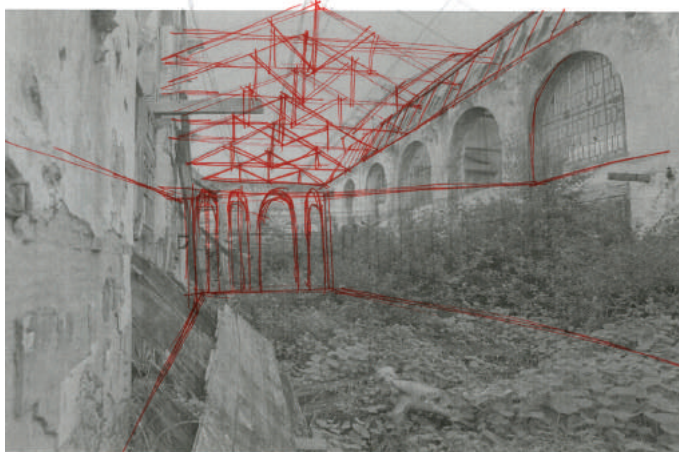
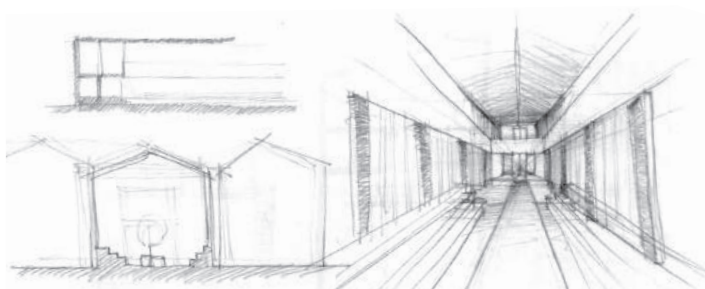


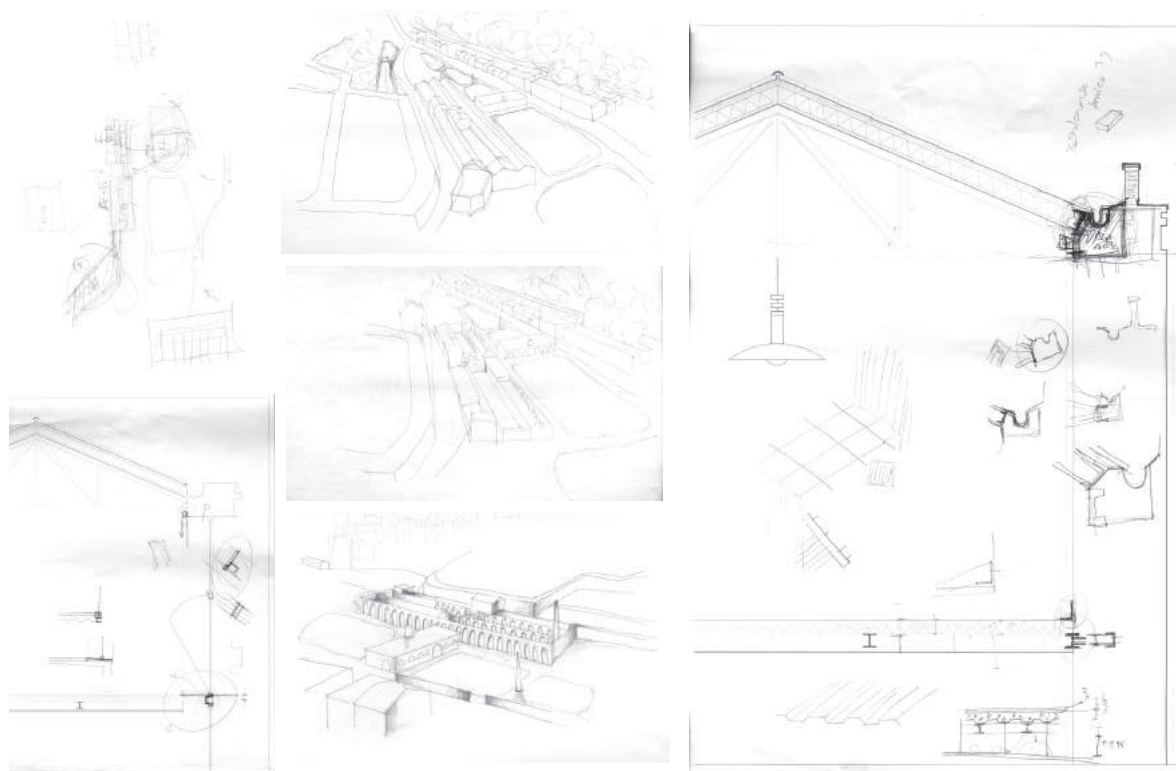


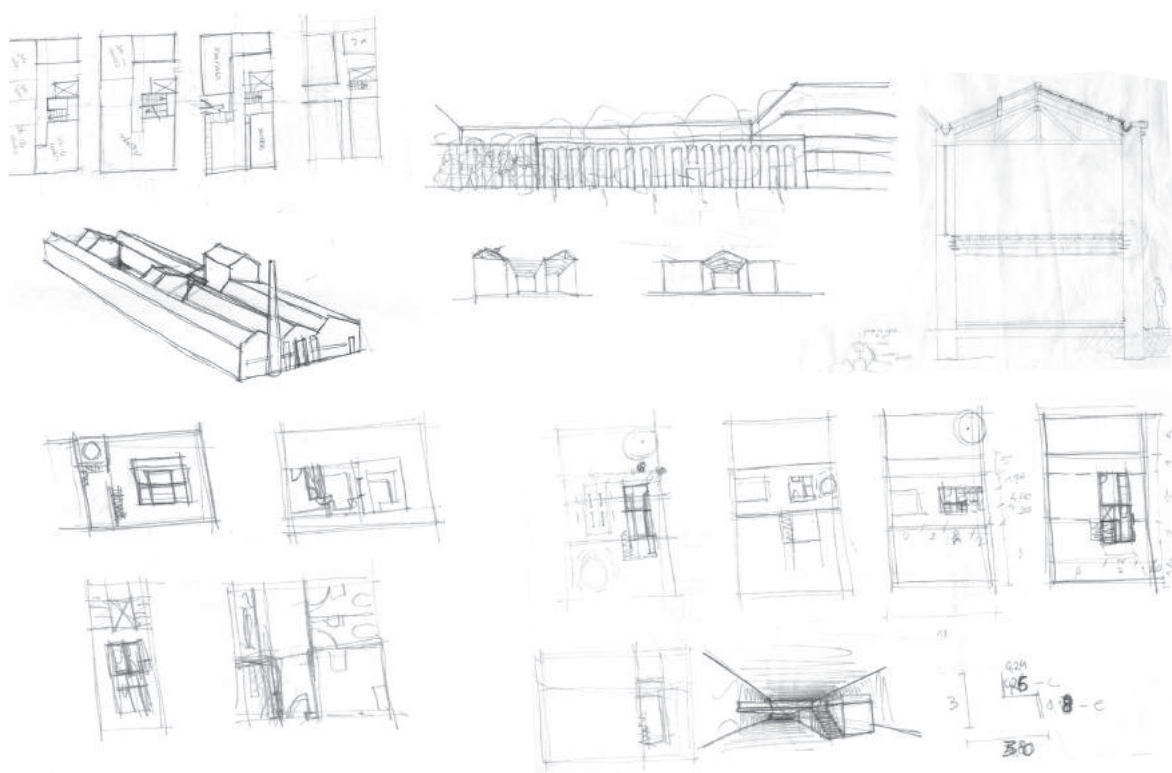


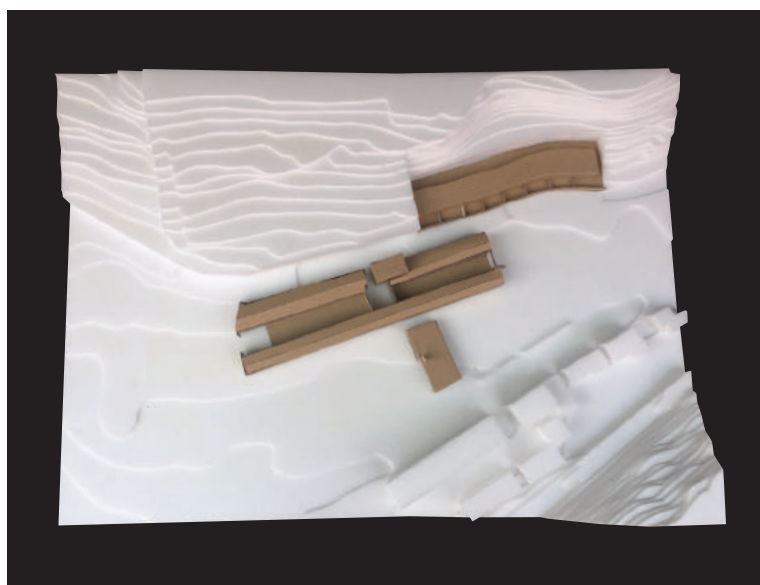
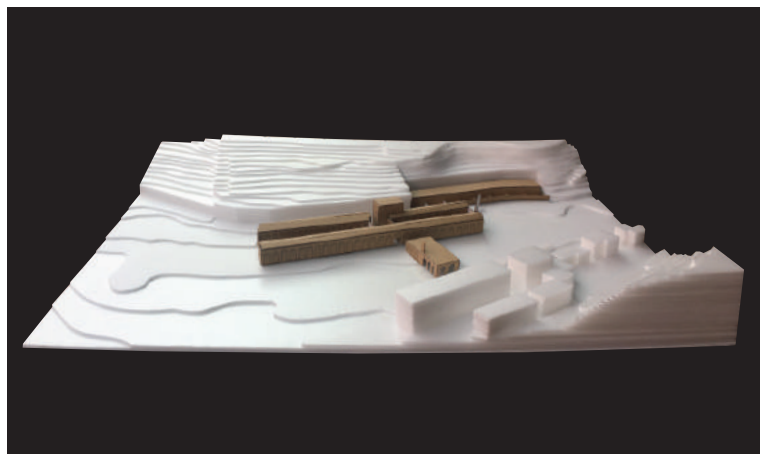


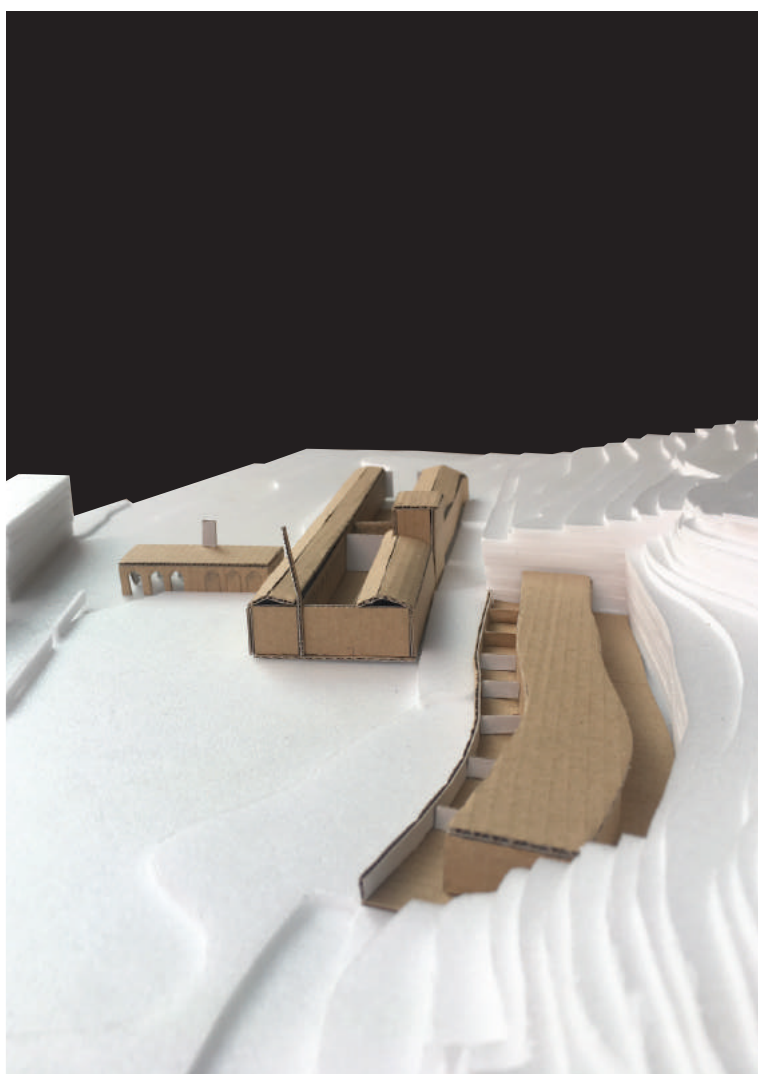




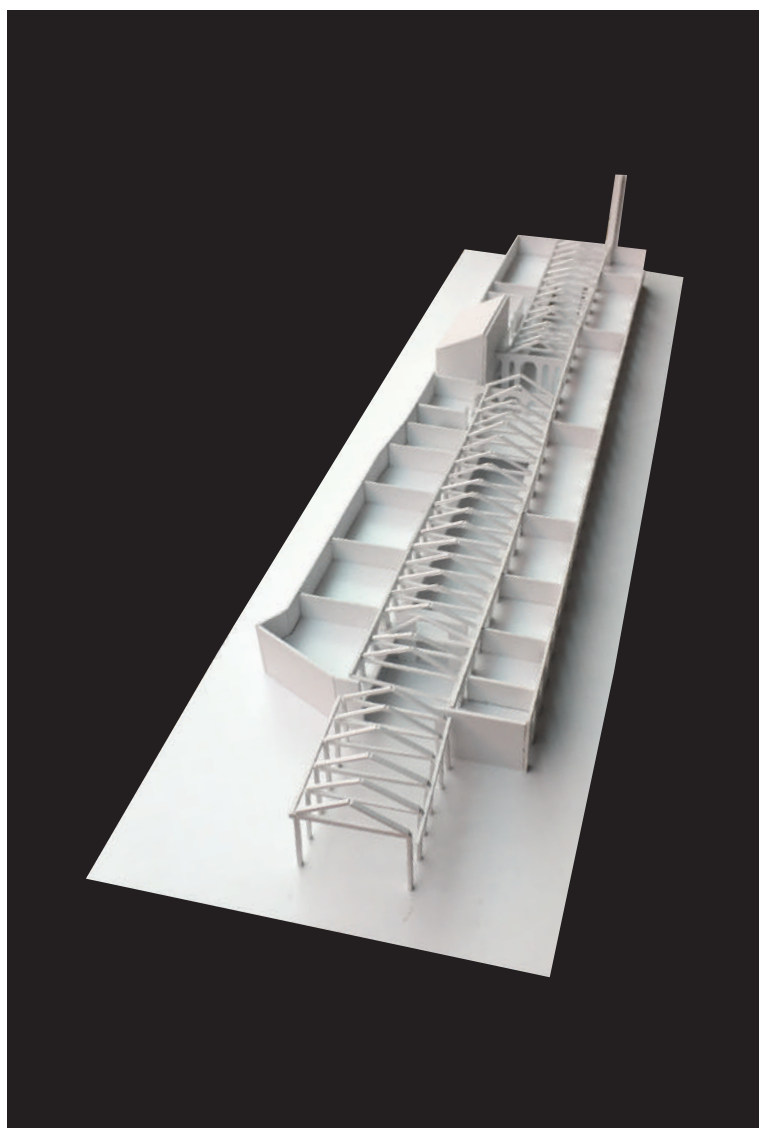


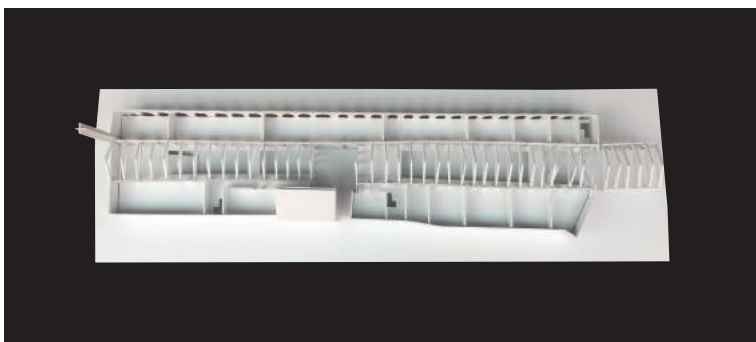
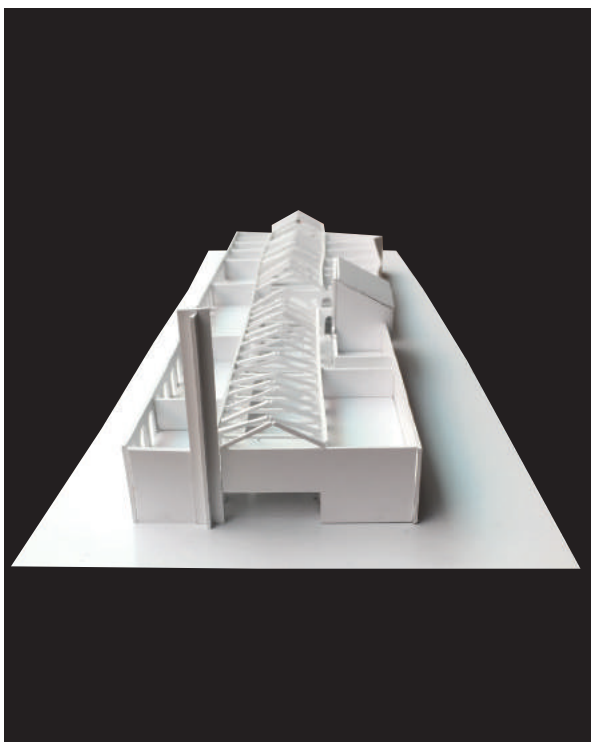






MAQUETE DE ESTUDO  
ESTUDO URBANO  
ESC.1:500





MAQUETE DE ESTUDO  
TINTURARIA PORTUGÁLIA - ESCOLA DE MODA  
ESC.1:200







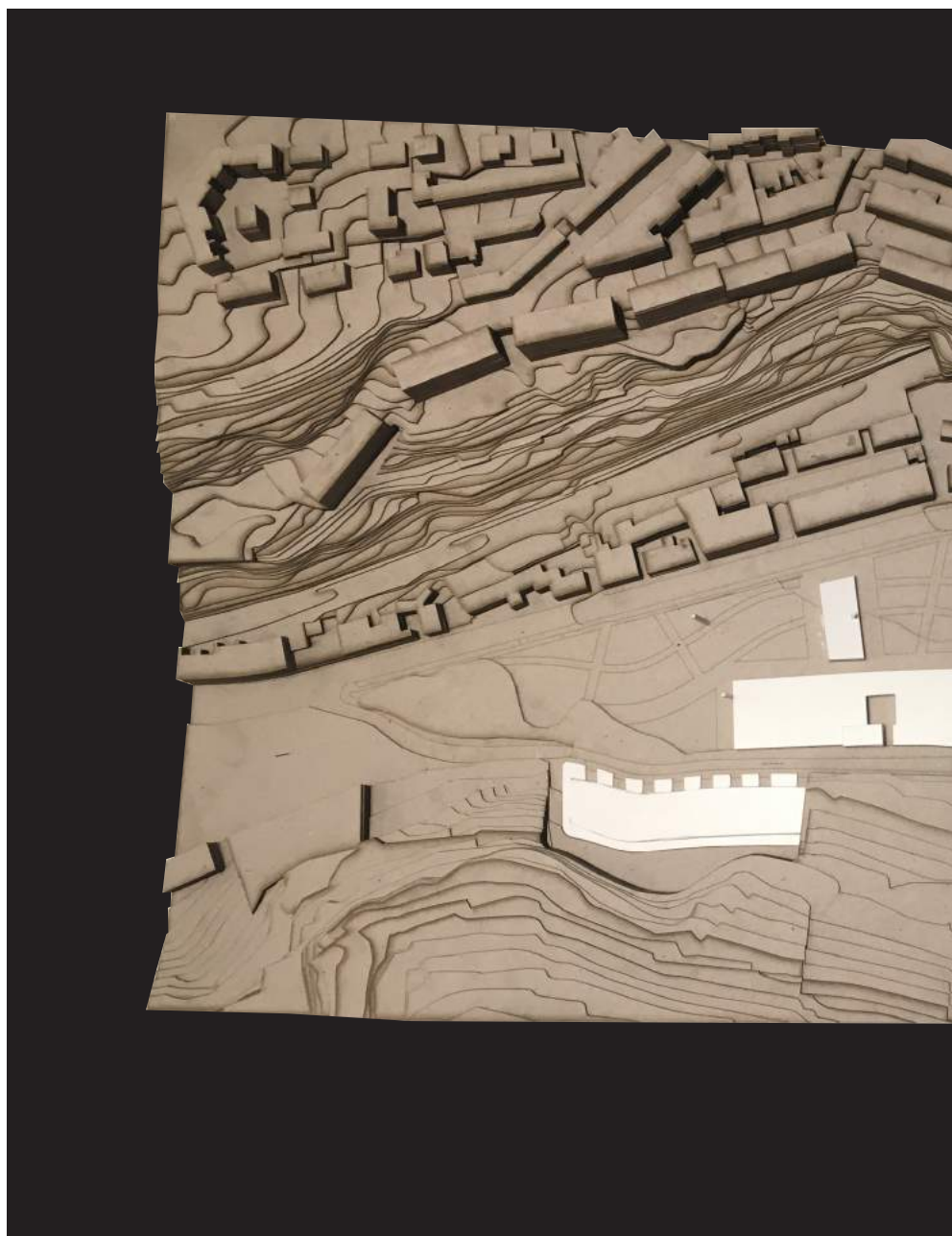
MAQUETE FINAL - TURMA  
VALE DE CHELAS - ATUALIDADE  
ESC.1:1000





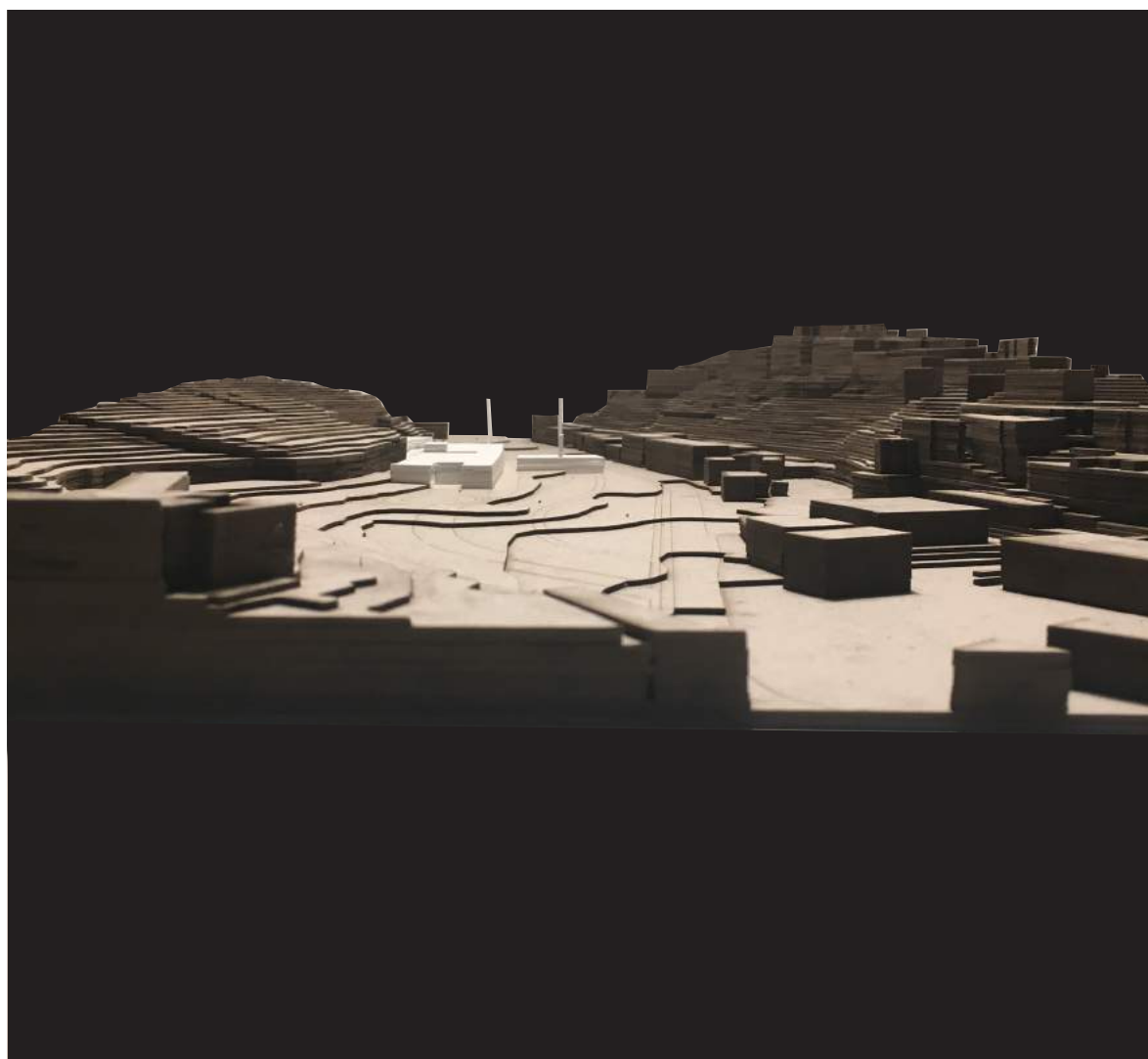


MAQUETE FINAL - TURMA  
VALE DE CHELAS - ATUALIDADE  
ESC.1:1000

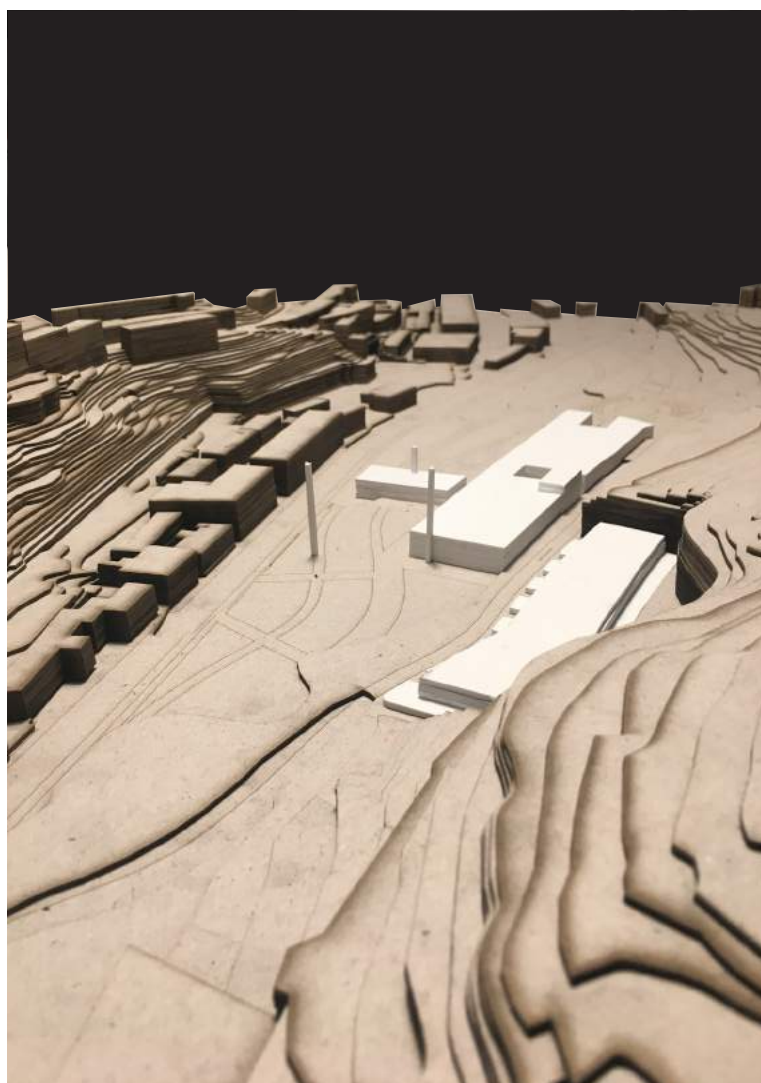




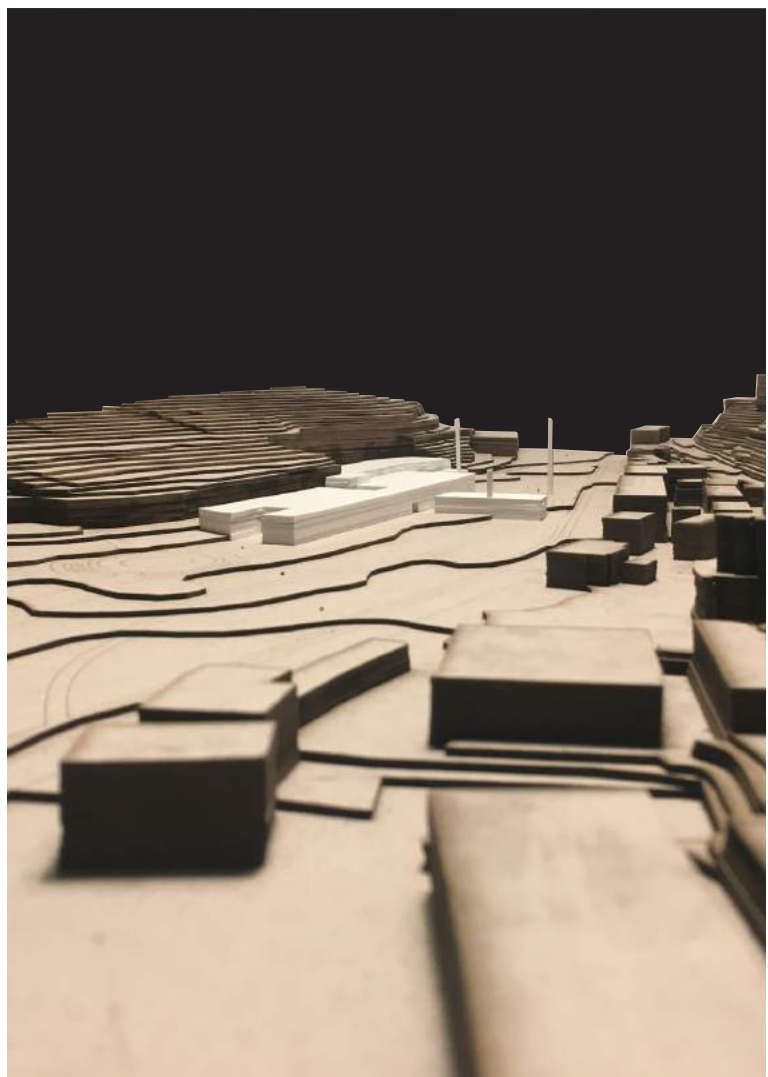
MAQUETE FINAL  
PLANO URBANO  
ESC.1:750

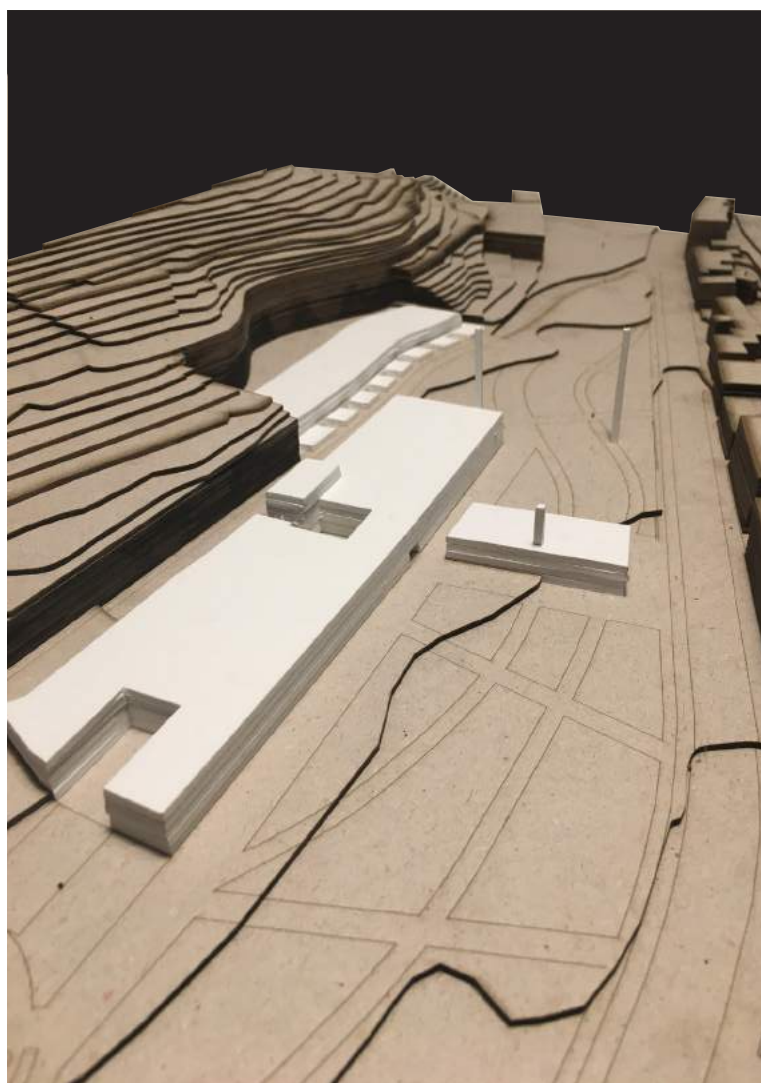




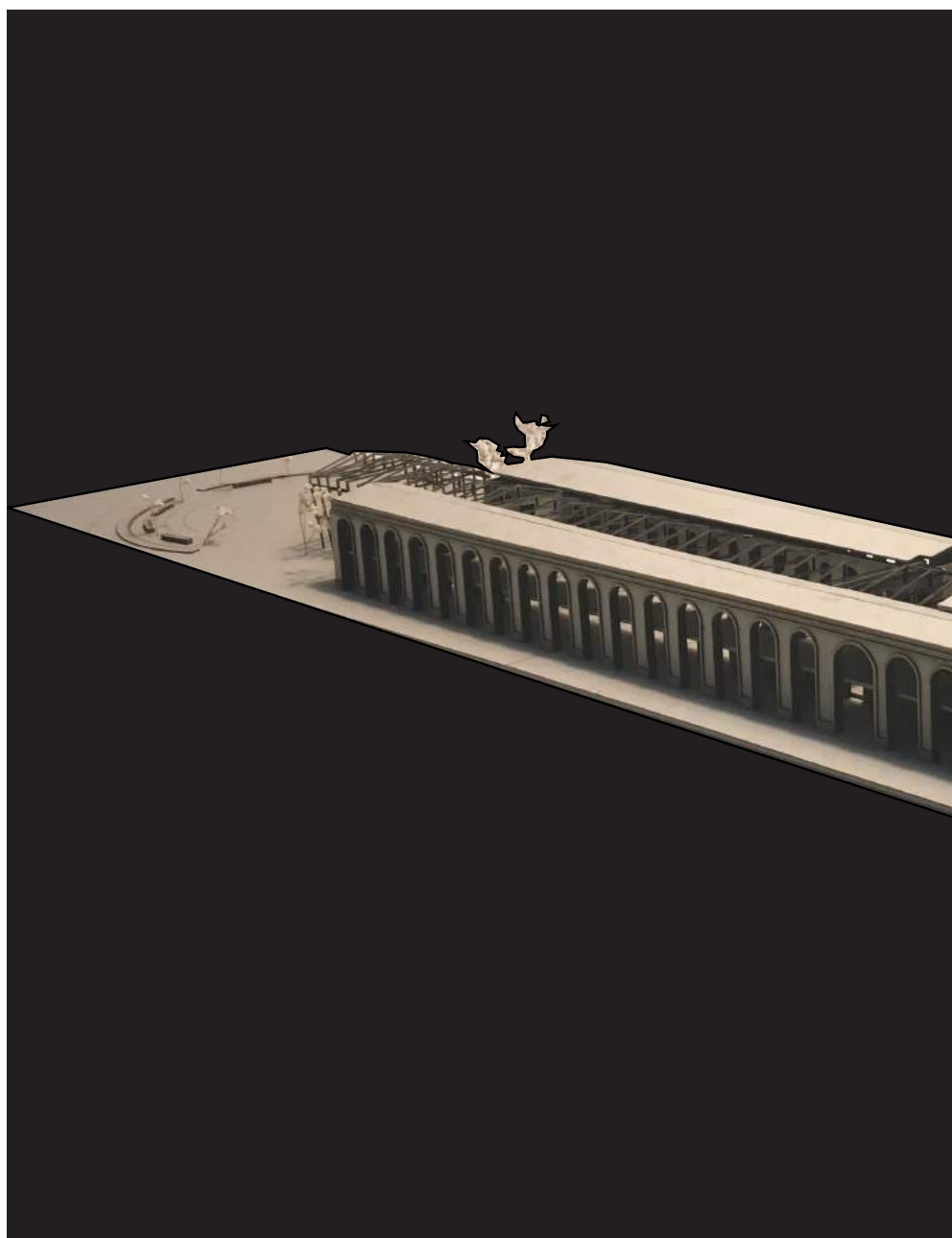


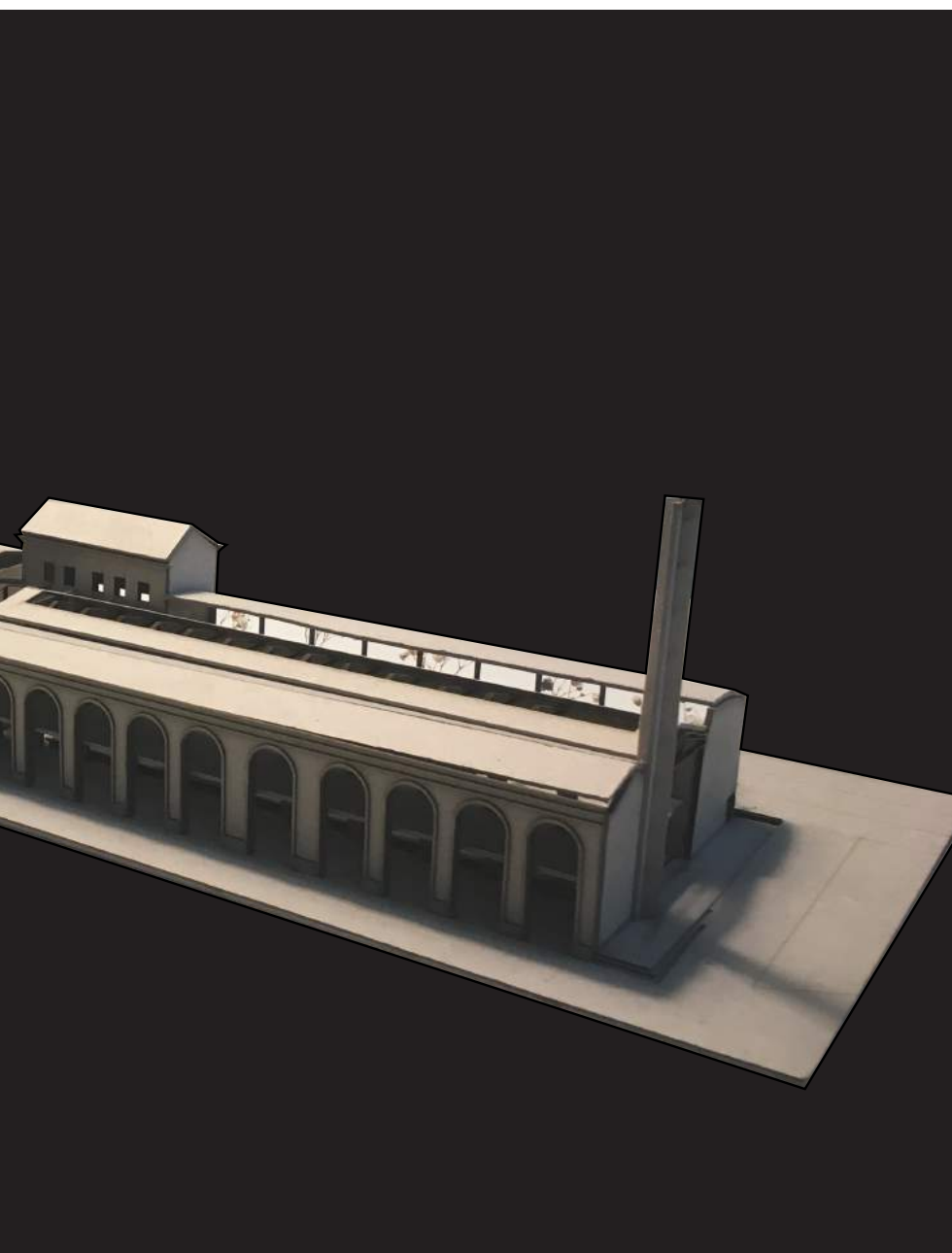
MAQUETE FINAL  
PLANO URBANO  
ESC.1:750



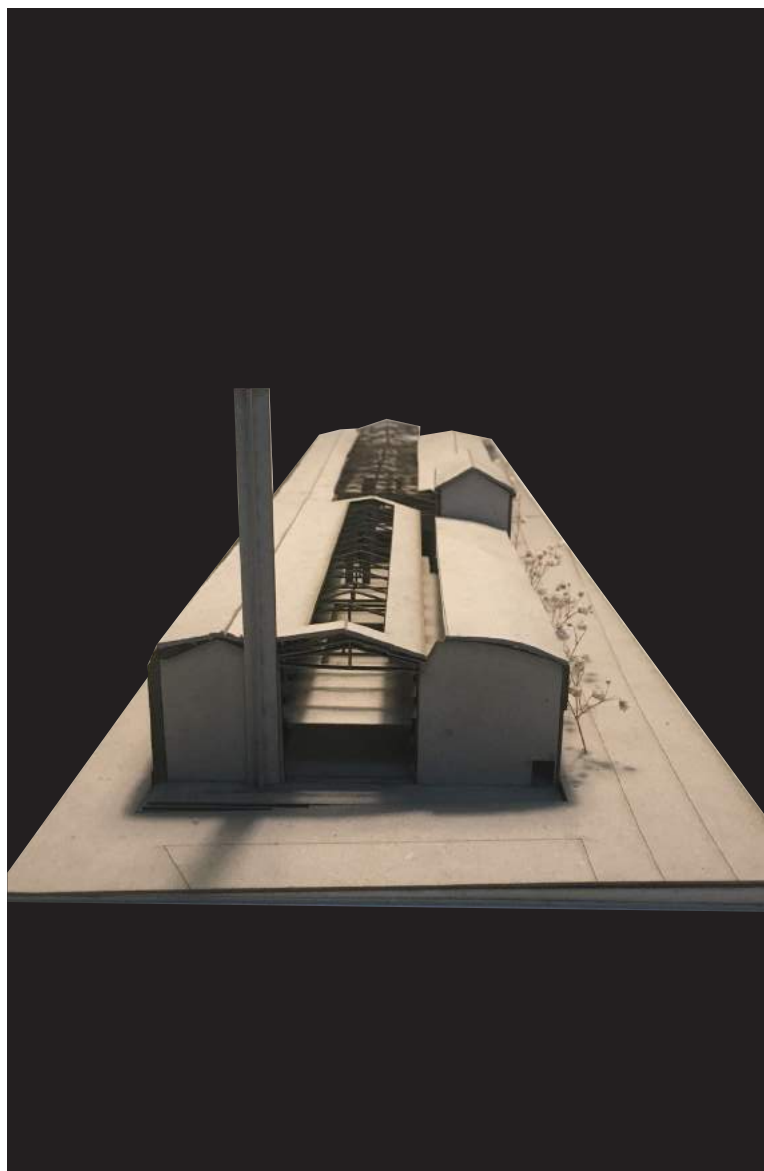


MAQUETE FINAL  
PLANO URBANO  
ESC.1:750





MAQUETE FINAL  
TINTURARIA PORTUGÁLIA  
ESC.1:200





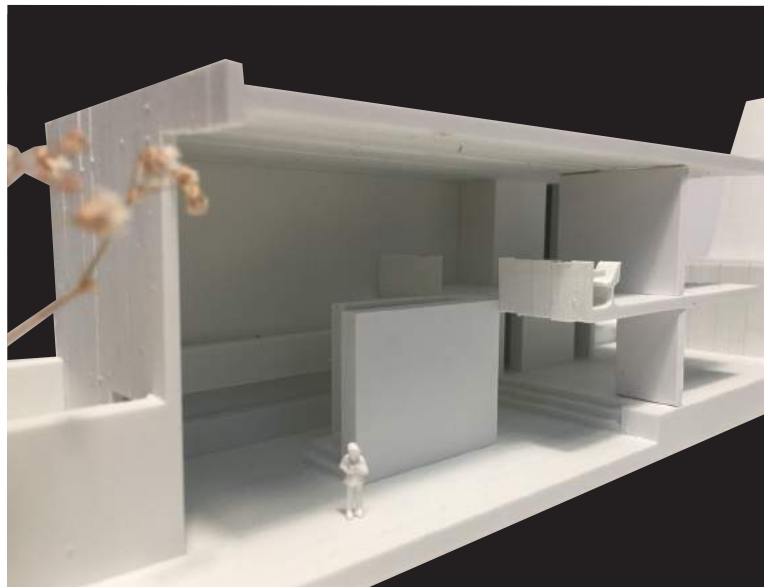
MAQUETE FINAL  
TINTURARIA PORTUGÁLIA  
ESC.1:200







MAQUETE FINAL  
CORTE POR UM ATELIER  
ESC.1:100





MAQUETE FINAL  
CORTE POR UM ATELIER  
ESC.1:100





MAQUETE FINAL  
PORMENOR DA CHAPA EM AÇO NOS VÃOS  
ESC.1:50







PAINEL FINAL 13  
COLAGEM E RECORTE DE TEXTEIS E DESENHOS  
PARA MOSTRAR A AMBIÊNCIA DOS ESPAÇOS



## ANEXO VI. PAINÉIS SÍNTESE







1. Fundação e fábrica de armas do arsenal do Exército | 2. Estação de Santa Apolónia | 3. Conjunto de antigos armazéns portuários | 4. Antigo armazém de apoio portuário | 5. Palácio Pancas Palha | 6. Armazéns Porto de Lisboa | 7. Edificação elevatória dos Barbadinhos | 8. Bairro operário da Calçada dos Barbadinhos | 9. Vila Lopes | 10. Asilo D. Maria Pia e Escola Industrial Afonso Domingues | 11. Vila Flamiano | 12. Fábrica de fição e tecidos de Xabregas "Fábrica Samaritana" | 13. Vila Amélia Gomes | 14. Vila Dias | 15. Vila Emília | 16. Fábrica Tinturaria Portuguesa | 17. Fábrica de Inácio Magalhães Bastos | 18. Quinta de Santa Catarina | 19. Fábrica da Pólvora de Chelas | 20. Armazéns da fábrica de Tabacos de Xabregas | 21. Conjunto de armazéns industriais | 22. Fábrica de fição e tecidos Oriental (Fábrica ds Varandas) | 23. Conjunto industrial da Manutenção Militar | 24. Fábrica Nacional - Companhia Industrial de Portugal e Colónias | 25. Escola Industrial Afonso Domingues | 26. Fábrica de Borracha Luso-Belga | 27. Companhia Portuguesa de fósforos | 28. Armazéns da fábrica de Cortiça do Palácio de Mitra | 29. Conjunto de armazéns industriais | 30. Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca | 31. Edifício Adriano Pereira e Martins | 32. Armazém e comércio de vinhos | 33. Tabaqueira | 34. Gás da Matinha/ Petroquímica | 35. Conjunto de armazéns industriais | A. Vista do cemitério de S. João sobre o Vale | B. Relação da Estrada de Chelas com o muro do cemitério de S. João | C. Estrada de Chelas | D. Relação da Estrada de Chelas com a fachada oeste da Tinturaria Portuguesa | E. Panorâmica da relação com o rio Tejo

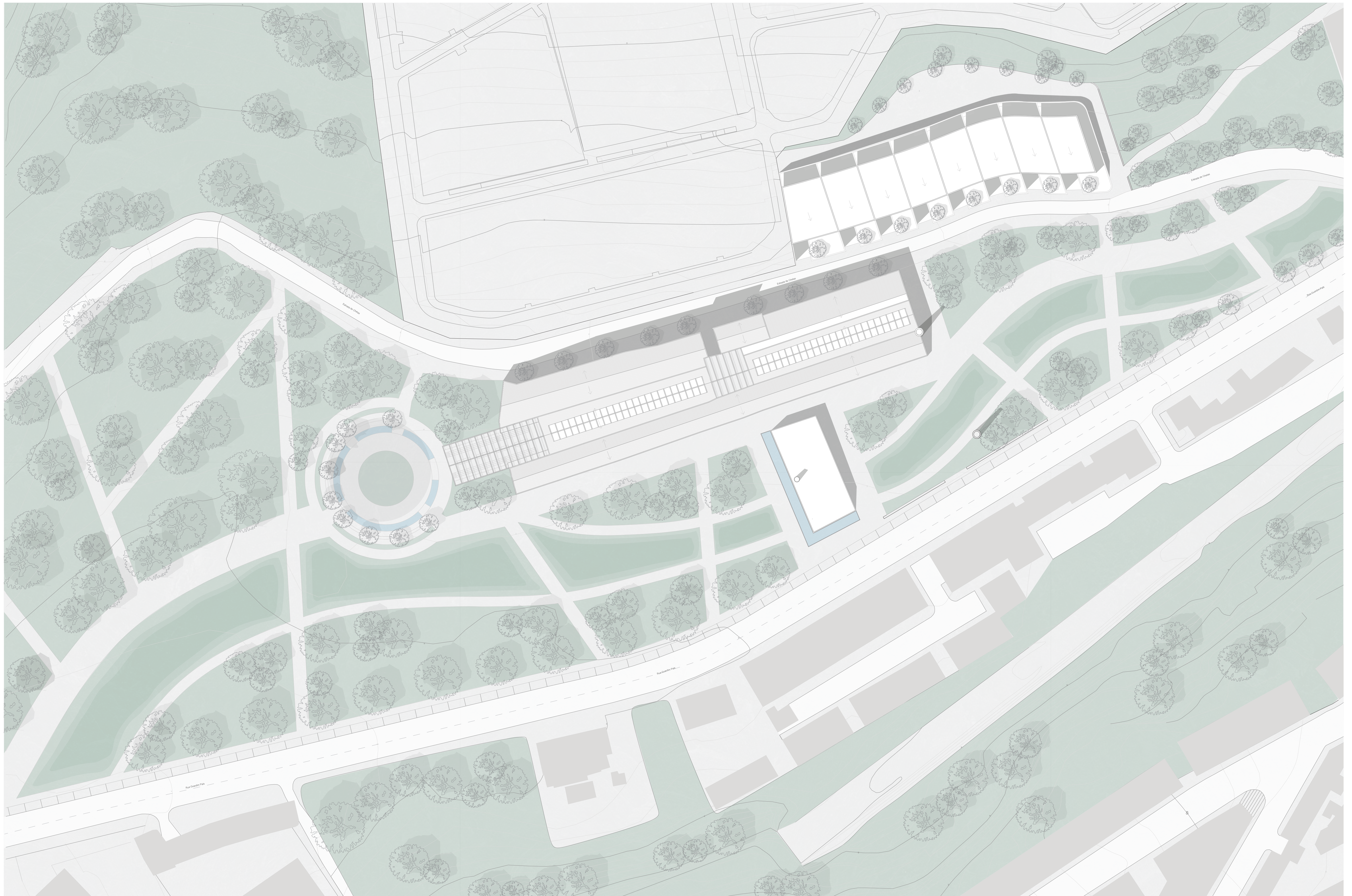




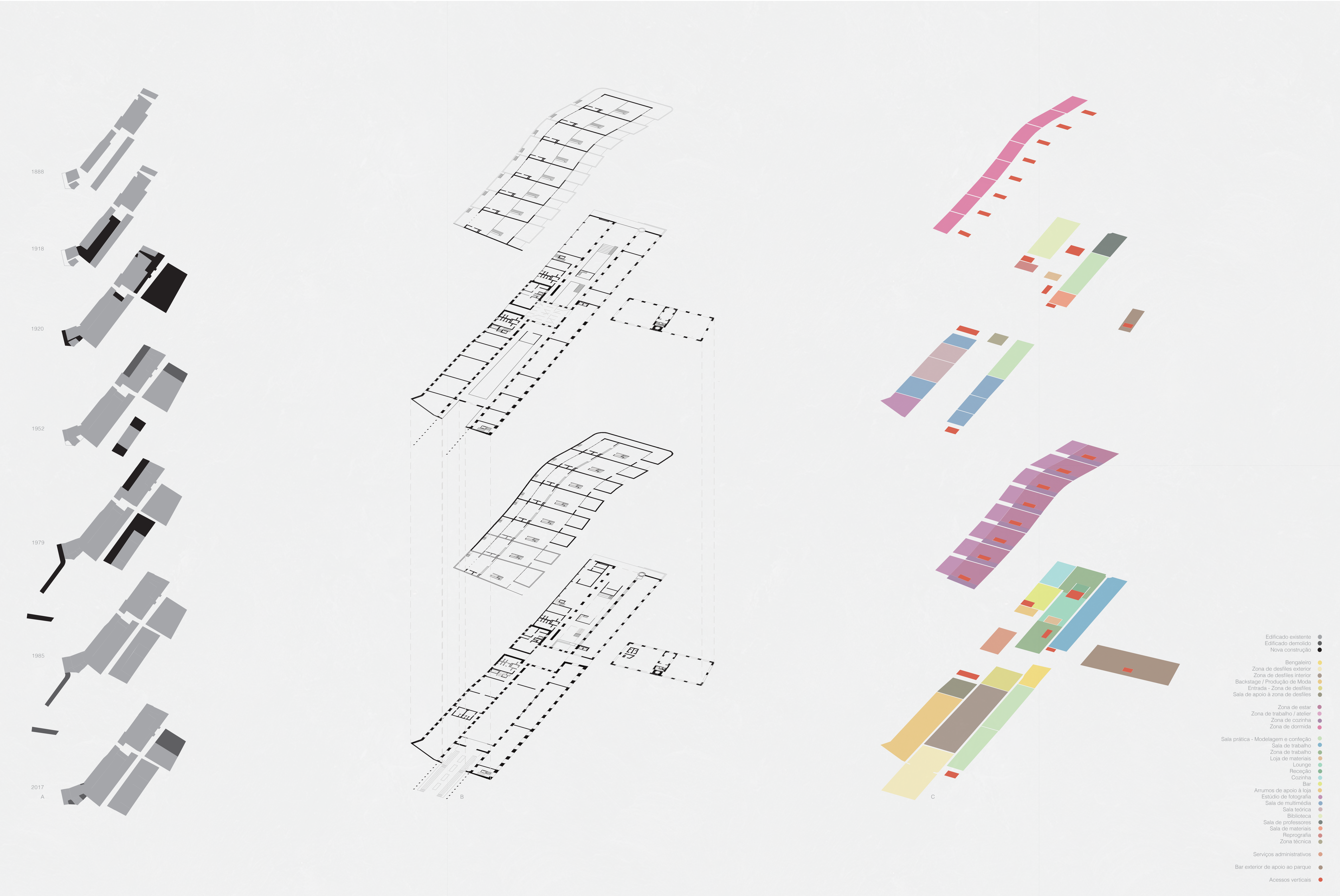
- 11 **PLANO DE PORMENOR DO PARQUE HOSPITALAR ORIENTAL**  
**PROJETO FALCÃO DE CAMPOS + NPK**
  - Parque urbano
  - Hospital
  - Áreas de serviços
  - + Nova urbanização
  - + Cozimento do Corredor Verde Oriental
- 21 **CONVENTO DE SÃO FÉLIX E SANTO ADRIÃO**  
**ARQUIVO GERAL DO EXÉRCITO**
  - Espaço de arquivo do exército
  - Espaço de biblioteca
  - Espaço museológico
  - + Inserido no percurso do Vale
  - + Localização +/- residencial
- 31 **PLANO DE PORMENOR DO CASAL DO PINTO**
  - Requalificação urbana
  - Espaços públicos
  - A praça, o bairro, a azinhaga/calçada
- 41 **TINTURARIA PORTUGÁLIA**
  - Espaço Comunitário
  - Espaço de oficinas criativas (associadas à comunidade local e à actividade fabril)
  - Espaço empresarial
  - + Valorização da Estrada de Chelas
  - + Centralidade local
  - + Localização residencial
  - + Relação com o parque urbano
- 51 **VILA AMÉLIA**
  - Uso residencial
- 61 **VILA FLAMIANO**
  - Uso residencial
- 71 **FÁBRICA DA SAMARITANA**  
**HUB TECNOLÓGICO DE XABREGAS**
  - Espaço de coworkig empresarial
  - Espaço empresarial criativo
  - + Acessibilidades
  - + Localização - residencial
- 81 **VILA DIAS**
  - Uso residencial
- 91 **PALÁCIO DE XABREGAS**
  - Teatro Ibérico
  - Instituto do Emprego e Formação Profissional
- 101 **FUTURO PARQUE DE XABREGAS**
  - Proposta de uma Estação Fluvial de Xabregas
  - Ligação Almada / Barreiro / Montijo

Planta base do plano urbano para o Vale de Chelas elaborado pelo atelier NPK  
● Arborização consolidada ● Bacias hidrográficas ● Habitação ● Edifício relevante - Património industrial



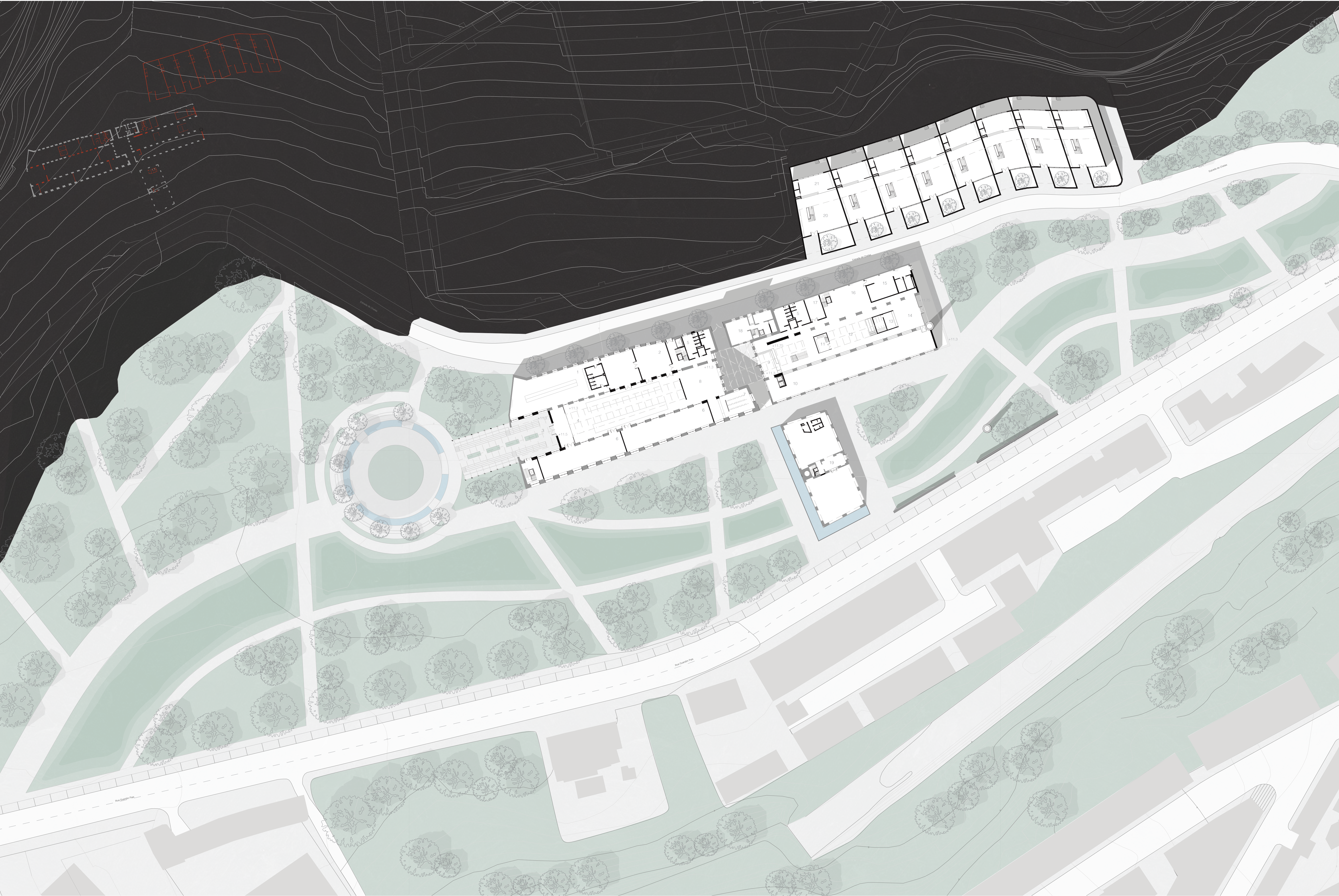






A. Esquema da evolução histórica do complexo | B. Axonometria do complexo Tinturaria Portugalá | C. Esquema da disposição dos espaços no complexo

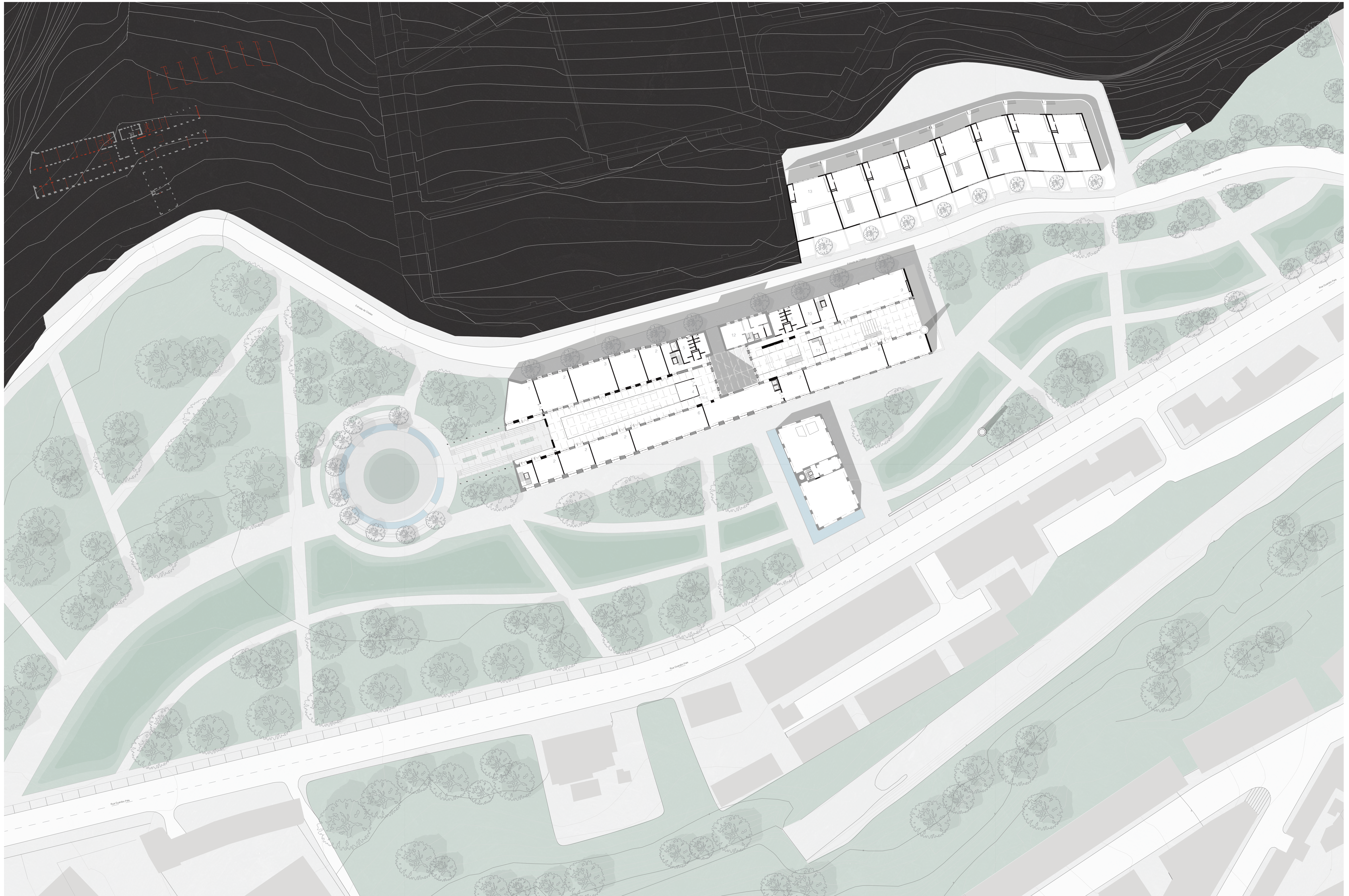




1. Backstage / Produção de moda | 2. Sala de apoio à zona de desfiles | 3. Zona de desfiles exterior | 4. Zona de desfiles interior | 5. I.S. | 6. Sala prática - Modelagem e confeção | 7. Bengaleiro | 8. Entrada - Zona de desfiles | 9. Zona de entrada | 10. Sala de trabalho | 11. Loja de materiais | 12. Lounge | 13. Recepção | 14. Zona de entrada | 15. Cozinha | 16. Bar | 17. Arrumos de apoio à loja | 18. Serviços administrativos | 19. Bar exterior de apoio ao parque urbano | 20. Zona comum dos ateliers | 21. Zona de trabalho / atelier

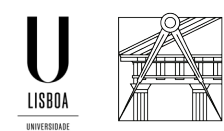
● Préexistência ● Intervenção





1. Estúdio de fotografia | 2. Sala de multimédia | 3. Sala teórica | 4. Zona técnica | 5. I.S. | 6. Sala prática - Modelagem e confeção | 7. Sala de materiais | 8. Sala de professores | 9. Biblioteca | 10. Reprografia | 11. Loja de materiais | 12. Serviços administrativos | 13. Zona de dormida - ateliers

● Préexistência ● Intervenção



Faculdade de Arquitetura - UL

Projeto Final de Mestrado

Orientadores: Prof. Dr. José Aguiar , Prof. Dr. João Cabral

**NOVOS USOS PARA O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL DO VALE DE CHELAS**  
Antiga Tinturaria Portuguesa como Escola de Moda

Rita Ferreira da Silva

20130447

PLANTA COTA 18

ESCALA: 1.500





A. Planta cota 14 | B. Alçado este do edifício Tinturaria Portugalá. | 1. Backstage / Produção de moda (280m<sup>2</sup>) | 2. Sala de apoio à zona de desfiles (98m<sup>2</sup> - 90m<sup>2</sup>) | 3. Zona de desfiles exterior (300m<sup>2</sup>) | 4. Zona de desfiles interior (360m<sup>2</sup>) | 5. I.S. (60m<sup>2</sup>) | 6. Sala prática - Modelagem e confeção (160m<sup>2</sup> - 170m<sup>2</sup>) | 7. Bengaleiro (60m<sup>2</sup>) | 8. Entrada - zona de desfiles (100m<sup>2</sup>) | 9. Zona de entrada (80m<sup>2</sup>) | 10. Sala de trabalho (310m<sup>2</sup>) | 11. Loja de materiais (20m<sup>2</sup>) | 12. Lounge (75m<sup>2</sup>) | 13. Receção (30m<sup>2</sup>) | 14. Zona de entrada (70m<sup>2</sup>) | 15. Cozinha (95m<sup>2</sup>) | 16. Bar (75m<sup>2</sup>) | 17. Arrumos de apoio à loja (30m<sup>2</sup>) | 18. Serviços administrativos (95m<sup>2</sup>)





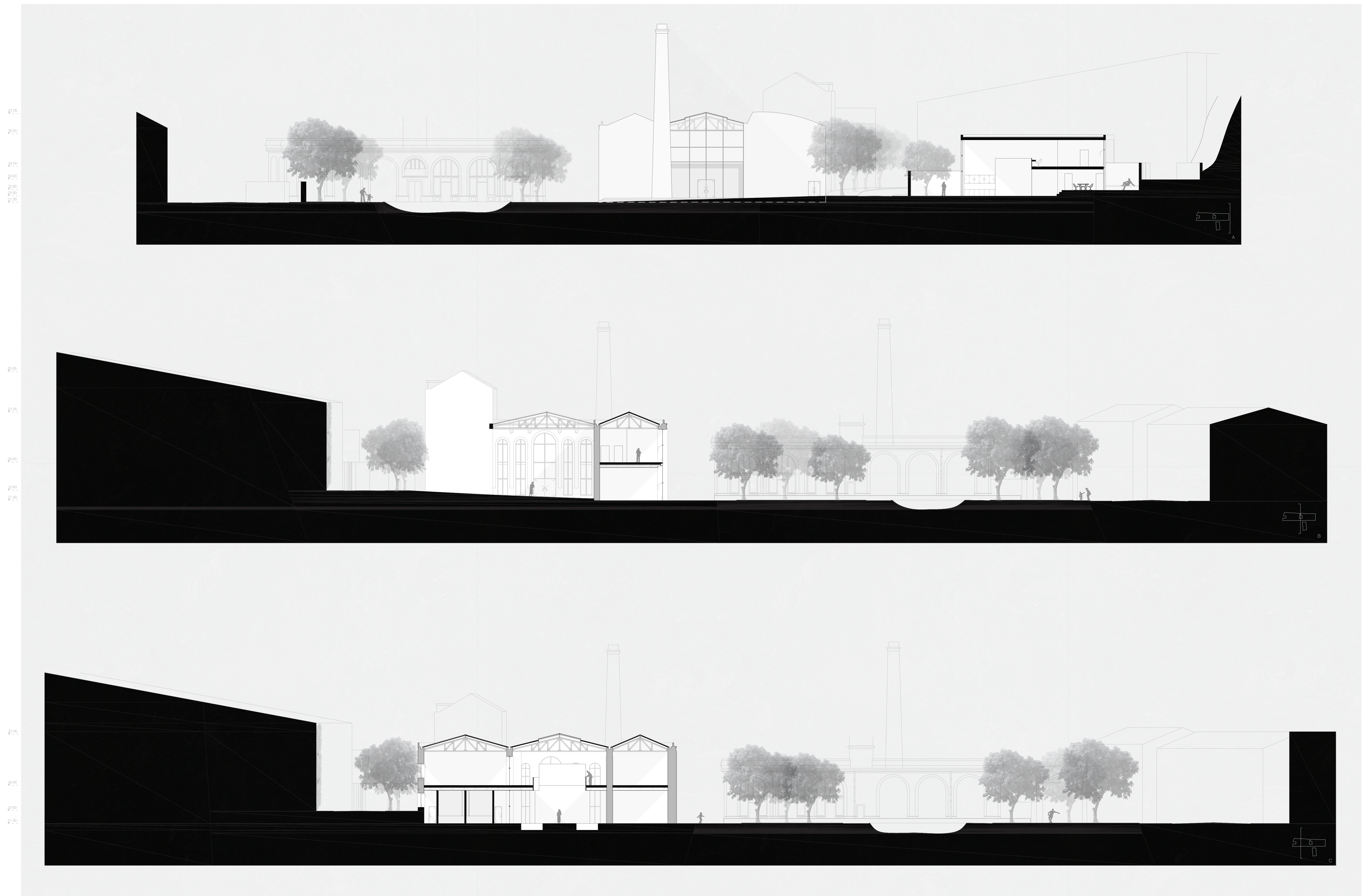
A. Planta cota 18 | B. Corte longitudinal pelo edifício Tinturaria Portuguesa | 1. Estúdio de fotografia (98m<sup>2</sup>) | 2. Sala de multimédia (100m<sup>2</sup> - 60m<sup>2</sup>) | 3. Sala teórica (125m<sup>2</sup> - 90m<sup>2</sup> - 50m<sup>2</sup> - 60m<sup>2</sup> - 80m<sup>2</sup>) | 4. Zona técnica (35m<sup>2</sup>) | 5. I.S. (60m<sup>2</sup>) | 6. Sala prática - Modelagem e confeção (150m<sup>2</sup> - 160m<sup>2</sup>) | 7. Sala de materiais (60m<sup>2</sup>) | 8. Sala de professores (90m<sup>2</sup>) | 9. Biblioteca (200m<sup>2</sup>) | 10. Reprografia (35m<sup>2</sup>) | 11. Loja de materiais (20m<sup>2</sup>) | 12. Serviços administrativos (95m<sup>2</sup>)





A. Alçado oeste | B. Alçado este





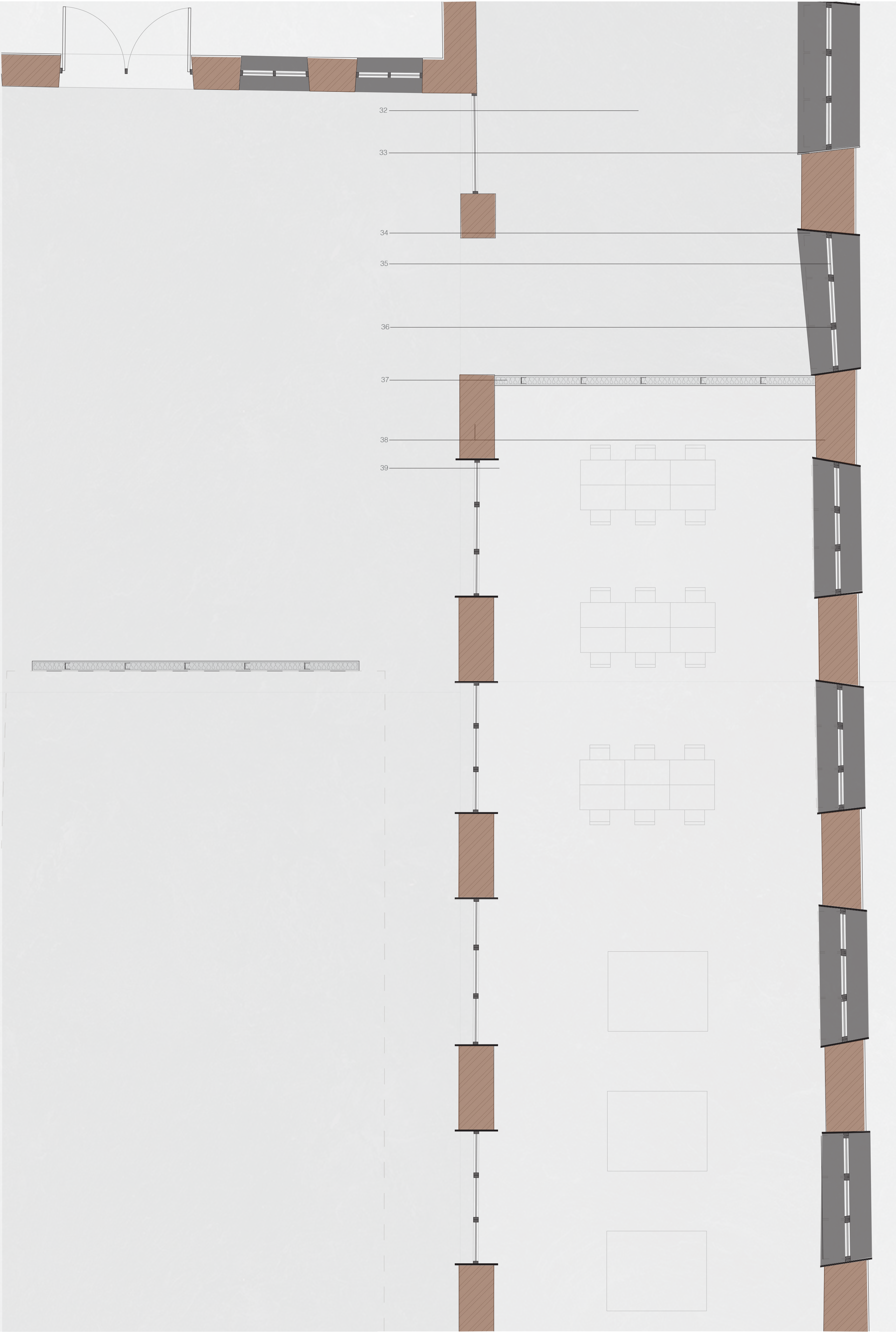
A. Alçado norte | B. Corte transversal pelo pátio de entrada da Tinturaria Portuguesa | C. Corte transversal pela zona de desfiles





A. Corte construtivo pela zona de desfiles 1 1. Chapa de aço de cor escura projetada 8cm para fora do vão 1 2. Calha de apoio aos sistemas de iluminação 1 3. Estrutura de assentos que se movem consoante a utilização destinada ao espaço 1 4. Cobertura de duas águas em telha lusa, com entrada de luz zenital no centro 1 5. Guarda da galeria em chapa de aço de cor escura aparafusada à estrutura do pavimento 1 6. Cobertura de duas águas em telha lusa de cor escura assente sobre uma estrutura metálica 1 7. Bloco de betão de reforço 1 8. Paredes em alvenaria tratada pelo interior 1 9. Reboco de cor branca 1 10. Pavimento em madeira de pinho 1 11. Estrutura metálica aparafusada à preexistência com parafusos chumbados com resina 1 12. Estrutura de teto falso 1 13. Pavimento em betonilha afagada





A. Corte transversal pelas salas - esc. 1:20 | B. Pormenor da planta piso 0 - esc. 1:50 | 1. Telha lusa (220mm x 410mm) | 2. Ripas (30mm x 50mm) | 3. Barra pára-vapor | 4. Isolamento térmico (150mm) | 5. Estrutura em asnas de aço de cor escura | 6. Bloco de reforço de betão | 7. Perfil em U do encastramento da estrutura da cobertura | 8. Pared de alvenaria (existente) | 9. Reboco branco | 10. Sistema de sombreamento em rolo - blackout | 11. Placa em aço de cor escura | 12. Vidro duplo isolante (8mm+14mm+8mm) | 13. Caixilhos em aço de cor escura - janelas basculantes | 14. Pavimento em tábuas de madeira de pinho | 15. Ripas de suporte | 16. Isolamento acústico | 17. Isolamento térmico | 18. Estrutura metálica de apoio | 19. Perfil em U de suporte da estrutura de pavimento | 20. Sistema de sombreamento | 21. Estrutura de teto falso | 22. Pavimento em betonilha afagada (12mm) | 23. Camada de separação geotextil | 24. Isolamento acústico (20mm) | 25. Isolamento térmico (30mm) | 26. Membrana impermeabilizante betuminosa | 27. Betonilha de regularização (20mm) | 28. Pavimento existente | 29. Calreira de pavimento exterior | 30. Betonilha com brita | 31. Camada de regularização | 32. Chapa de aço de cor escura | 33. Chapa de aço escura em torno do vão | 34. Vidro duplo isolante (8mm+14mm+8mm) | 35. Caixilhos de aço de cor escura | 36. Estrutura de aço com placas de gesso laminado - sistema Pladur | 37. Pared de alvenaria (existente) | 38. Pavimento em betinilha afagado



